Otfried Preussler

KRABAT

no moinho das Águas Negras



Martins Fontes



KRABAT

Otfried Preussler

Tradução
GLÓRIA PASCHOAL DE CAMARGO
Revisão da tradução e texto final
MONICA STAHEL



Martins Fontes
São Paulo 1996

Esta obra foi publicada originalmente em alemão com o título KRABAT por Thienemann Verlag, Stuttgart, em 1981 Copyright © 1981 by K. Thienemann Verlag, Stuttgart — Wien Copyright © Livraria Martins Fontes Editora Ltda., São Paulo, 1996, para a presente edição

1ª edição *julho de 1996*
Tradução *Glória Paschoal de Camargo*
Revisão da tradução e texto final *Monica Stahel*
Revisão gráfica *Silvana Vieira Dinarte Zorzanelli da Silva*
Produção gráfica *Geraldo Alves*
Paginação *Studio 3 Desenvolvimento Editorial*
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)
Preussler, Otfried
Krabat / Otfried Preussler ; tradução Glória Paschoal de Camargo ; revisão da tradução e texto final Monica Stahel. - São Paulo : Martins Fontes, 1996.
Título original: Krabat.
ISBN 85-336-0519-6
1. Ficção alemã I. Título.
96-2425 CDD-833.91
Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Século 20 : Literatura alemã 833.91
2. Século 20 : Ficção : Literatura alemã 833.91
Todos os direitos para o Brasil reservados à Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
Rua Conselheiro Ramalho, 330/340 01325-000
São Paulo SP Brasil Telefone 239-3677
Digitalização e Revisão: Yuna (Toca Digital)

OTFRIED PREUSSLER nasceu na cidade de Reichenberg, no norte da Boêmia, em 20 de outubro de 1925. Depois da guerra, no verão de 1949, foi para a Alta Baviera (Oberbayern), onde até hoje vive com a família. Foi professor primário até 1970, quando passou a se dedicar exclusivamente a seu trabalho de escritor. No início, escrevia peças radiofônicas para programas de rádio infantis. Nessa época também fez algumas traduções. Recebeu vários prêmios por sua obra, entre eles o Prêmio Europeu de Literatura Infantil em 1973, o Prêmio Andreas-Gryphius e o Prêmio Eichendorff de Literatura. Hoje Otfried Preussler é membro do Pen-Club Internacional. É um dos mais fecundos e conhecidos autores de língua alemã. Todos os livros infantis que escreve são resultado do que vive e observa à sua volta no dia-a-dia. Para ele, as crianças são os críticos mais competentes e o público mais fiel e grato que um autor pode desejar. Ocupa grande parte de seu tempo trocando cartas com leitores do mundo todo, e cultivar a parceria com as crianças é uma das tarefas mais importantes de sua vida.

O moinho de Koselbruch

Era o período entre Ano Novo e Dia de Reis. Krabat, naquela época um garoto de quatorze anos, havia se juntado a dois outros jovens pedintes sorábios. Embora Sua Alteza, o Príncipe da Saxônia, tivesse proibido por lei a mendicância e a vadiagem em todas as terras do seu domínio, por sorte os juízes e outras pessoas a seu serviço não levavam isso muito a sério. Assim, os três garotos se dirigiram vestidos de Reis Magos para a região de Hoyerswerda, percorrendo aldeia por aldeia. Guirlandas de feno em volta de seus gorros faziam as vezes das coroas dos reis; um deles, o alegre Lobosch, de Maukendorf, era o rei mouro, e por isso toda manhã se lambuzava com fuligem. Todo orgulhoso, ele conduzia a estrela de Belém, que Krabat havia pregado numa estaca.

Quando chegavam ao quintal de uma casa, postavam-se um ao lado do outro, com Lobosch no meio, e cantavam: "Hosana, filho de Davi". Na verdade, Krabat só movia os lábios, fingindo que cantava, pois sua voz estava mudando e desafinava. Para compensar esse contratempo, os outros dois nobres cantavam ainda mais alto.

Alguns camponeses, que tinham matado um porco para as festas de Ano Novo, presenteavam os reis do Oriente com muita linguiça e toucinho. Em outros lugares ganhavam maçãs, nozes e bolos de ameixas, pão-de-mel e algumas vezes bolinhos de banha, bolachinhas de aniz e estrelinhas de canela.

— O ano começou bem! — disse Lobosch, na noite do terceiro dia. — Bem podia continuar assim até o próximo 31 de dezembro!

E os outros dois concordaram, suspirando:

— Se depender de nós, será um prazer!

A noite seguinte eles dormiram na ferraria de Petersheim, em cima do palheiro; foi lá que Krabat teve aquele sonho estranho pela primeira vez.

Onze corvos estavam pousados num poleiro, olhando para ele. Krabat viu que havia um lugar vago no poleiro, na ponta esquerda. Então ouviu uma voz rouca, que parecia chegar de muito longe, atravessando os ares, chamando-o pelo nome. Ele não ousou responder. "Krabat!", ressoou a voz pela segunda vez; e depois uma terceira: "Krabat!" Depois a voz continuou: "Venha até o moinho de Schwarzkollm, não será para seu mal." Nesse mo-

mento os corvos se alçaram do poleiro e grasnaram: “Obedeça à voz do mestre, obedeça-lhe!”

Então Krabat despertou.

— Que sonho esquisito! — ele pensou.

E, virando-se para o outro lado, voltou a adormecer. No dia seguinte seguiu adiante com seus companheiros e, quando se lembrava dos corvos, achava graça.

Mas o sonho repetiu-se na noite seguinte. Mais uma vez a voz o chamava pelo nome, e mais uma vez os corvos grasnavam: “Obedeça-lhe!”

Aquilo deu o que pensar a Krabat. De manhã, perguntou ao camponês que lhes tinha dado pouso se ele conhecia uma aldeia chamada Schwarzkollm, ou coisa parecida.

O camponês pensou um pouco, achou que já tinha ouvido falar naquele nome.

— Schwarzkollm... — refletiu. — Ah, sim, sim... na floresta de Hoyerswerda, na estrada para Leippe. Lá existe uma aldeia com esse nome.

Os três reis magos passaram a noite em Grofi-Partwitz. Ali também Krabat sonhou com os corvos e com a voz que parecia vir dos ares, e tudo foi igualzinho à primeira e à segunda vez. O garoto, então, resolveu obedecer à voz. Ao amanhecer, enquanto seus companheiros ainda estavam dormindo, ele saiu furtivamente do celeiro. No portão do sítio onde tinham pernoitado, encontrou-se com a criada, que ia até o poço.

— Despeça-se dos dois por mim — pediu ele —, tenho de ir embora.

De aldeia em aldeia, Krabat foi indagando o caminho que devia seguir. O vento lançava flocos de neve em seu rosto, de modo que de vez em quando precisava parar para limpar os olhos. Na floresta de Hoyerswerda ele se perdeu, e levou duas horas para encontrar de novo a estrada para Leippe. Assim, o garoto só conseguiu chegar a seu destino à noite.

Schwarzkollm era uma aldeia como outra qualquer da região: casas e granjas enfileiradas nos dois lados da estrada, afundadas na neve; chaminés no alto dos telhados, esterqueiras soltando vapor, mugido de gado. No lago dos patos, que estava congelado, as crianças patinavam, fazendo a maior algazarra.

Em vão Krabat tentou encontrar um moinho. Um velho, que estava carregando um feixe de lenha, vinha vindo pela estrada, e o garoto o interpelou.

— Não há nenhum moinho na aldeia — foi a resposta que recebeu.

— E nas proximidades?

— Se você está se referindo àquele... — e o velho apontou com o polegar por cima dos ombros. — Lá atrás, para os lados de Koselbruch, nas Águas Negras, há um moinho. Mas... — ele se interrompeu, como se já tivesse falado demais.

Krabat agradeceu a informação e tomou a direção indicada pelo velho. Mal deu alguns passos, alguém bateu em seus ombros; o garoto se virou e deu com o homem do feixe de lenha.

— Qual é o problema? — perguntou Krabat.

O velho se aproximou e disse, com expressão assustada:

— Só queria adverti-lo, meu jovem. Evite Koselbruch e o moinho das Águas Negras. É um lugar muito suspeito...

Por um momento Krabat hesitou, depois deixou o velho ali parado e seguiu seu caminho, saindo da aldeia. Escurecia depressa, o garoto precisava prestar atenção para não perder o rumo e, além do mais, estava congelando. Quando se voltou, viu ao longe, lá de onde vinha, luzes brilhando... uma aqui, outra ali.

Não seria mais prudente voltar?

— Ora essa — resmungou Krabat, levantando sua gola. — Por acaso sou algum menininho? Ver não custa nada.

Krabat foi tateando por algum tempo através do bosque, como um cego na neblina, até dar com uma luz. Quando conseguiu sair do meio das árvores, as nuvens se abriram, a lua apareceu, e de repente uma claridade fria iluminou tudo.

Agora Krabat via o moinho.

Lá estava ele à sua frente, enfiado na neve, sombrio, assustador, um animal poderoso e mau, espreitando sua presa.

— Ninguém está me obrigando a ir até lá — pensou Krabat.

Então ele se repreendeu por estar sendo medroso, encheu-se de coragem e saiu das sombras do bosque para o campo aberto. Resoluto, caminhou até o moinho e, encontrando a porta fechada, bateu.

Krabat bateu uma vez, bateu duas, mas nada se movia lá dentro. Nenhum cachorro se manifestou, nenhuma escada rangeu, não se ouvia nenhum barulho de molho de chaves. Nada. Krabat bateu uma terceira vez, com tanta força que os ossos de seus dedos até doeram.

Novamente tudo permaneceu em silêncio no moinho. Então o garoto mexeu na maçaneta, experimentando: a porta se abriu, não estava trancada. Ele entrou no vestíbulo.

Um silêncio tumular recebeu-o na profunda escuridão. Lá no fundo, entretanto, no fim do corredor, havia como que uma luzinha fraca. Era só o vislumbre de um brilho.

— Onde há luz, deve haver gente — disse Krabat para si mesmo.

Com os braços estendidos para a frente, ele foi caminhando, tateante. A luz persistia, e Krabat a viu se aproximar, filtrada por uma fresta da porta que havia no fim do corredor. Impelido pela curiosidade, aproximou-se na ponta dos pés e espiou.

Seu olhar deu com uma câmara escura, iluminada pelo brilho de uma única vela. A vela era vermelha. Estava colada sobre uma caveira que havia em cima de uma mesa, no meio da sala. Atrás da mesa estava sentado um homem robusto, vestido de preto, com o rosto muito pálido, como se fosse pintado com cal; uma espécie de esparadrapo preto cobria seu olho esquerdo. Na sua frente, em cima da mesa, havia um livro grosso, encadernado em couro, preso a uma corrente: o homem estava lendo.

Então ele levantou a cabeça e ficou olhando fixamente à sua frente, como se tivesse descoberto Krabat por trás da fresta da porta. Aquele olhar fez o garoto estremecer da cabeça aos pés. Seu olho começou a tremer, a lacrimejar, e a imagem dentro da câmara desapareceu.

Krabat esfregou os olhos e, então, sentiu uma mão fria como gelo pousar em seu ombro, por trás. O garoto sentiu o frio penetrar pela sua roupa. Ao mesmo tempo ouviu uma voz rouca dizer em dialeto sorábio:

— Ah, você está aí!

Krabat estremeceu todo, ele conhecia aquela voz. Quando se voltou, estava frente a frente com o homem... o homem com o tapa-olho.

Como ele tinha chegado ali? Pela porta, pelo menos, não tinha passado.

O homem estava segurando uma vela. Apontou em silêncio para Krabat, depois esticou o queixo para a frente e disse:

— Aqui sou o mestre. Você pode se tornar meu aprendiz, estou precisando de um. Quer?

— Quero — Krabat ouviu-se responder. Sua voz soava estranha, como se não pertencesse a ele mesmo.

— E o que devo lhe ensinar? A moagem... ou todo o resto também? — quis saber o mestre.

— O resto também — disse Krabat.

Então o moleiro estendeu-lhe a mão esquerda.

— Bata aqui!

No momento em que bateram as mãos, elevou-se um rumor abafado pela casa, como se viesse das profundezas da terra. O piso oscilou, as paredes começaram a tremer, as travas e barras balançavam.

Krabat gritou, quis sair correndo dali, para longe, bem longe! Mas o mestre impediu seu caminho.

— O moinho! — gritou, com as mãos diante da boca, em forma de funil. — Ele voltou a moer!

Onze mais um

O mestre fez sinal para Krabat acompanhá-lo. Em silêncio, iluminou para o garoto a escada íngreme de madeira que levava ao sótão, onde os serventes do moinho tinham seu quarto de dormir. Sob a luz da vela, Krabat pôde ver doze catres estreitos com enxergões, seis de um lado do corredor central, seis do outro; perto de cada um havia um armário e um banco de pinho. Sobre os enxergões havia cobertas amarfanhadas, no corredor alguns banquinhos derrubados e, aqui e ali, camisas e chinelos jogados.

Pelo visto, os serventes tinham sido tirados da cama às pressas, para se entregarem ao trabalho.

Uma única cama estava intocada, e o mestre apontou para a trouxa de roupas ao pé dela.

— Suas coisas! — e ele virou as costas, afastando-se com a luz.

Krabat viu-se sozinho na escuridão. Lentamente, começou a se despir. Quando tirou o gorro da cabeça, tocou com a ponta dos dedos a coroa de feno. Ah, isso mesmo, ainda ontem era um dos três Reis Magos. Como aquilo lhe parecia distante!

Também o piso do sótão ressoava com o barulho da trituração do moinho. Ainda bem que o garoto estava morto de cansaço, pois adormeceu assim que deitou no enxergão. Dormiu como uma pedra... dormiu, dormiu, até que um clarão o acordou.

Krabat sentou-se, os olhos arregalados de susto.

Havia onze figuras brancas de pé, em volta de seu catre, olhando para ele sob o brilho de um lampião: onze figuras brancas, com rostos brancos e mãos brancas.

— Quem são vocês? — perguntou o jovem, temeroso.

— O que você logo também vai ser — foi a resposta de um dos fantasmas.

— Mas não vamos fazer nada com você — acrescentou um segundo. — Somos os serventes do moleiro.

— Vocês são onze?

— Você é o décimo segundo. Afinal, como é seu nome?

— Krabat. E o seu?

— Eu sou Tonda, o capataz. Este é Michal, este é Merten, este é Juro... — e Tonda foi dizendo o nome de todos, seguindo a fila; depois achou que por enquanto era suficiente. — Continue a dormir, Krabat, você vai precisar de todas as suas forças neste moinho.

Os rapazes meteram-se todos em seus catres, o último apagou o lampião, deram boa-noite, e logo estavam todos roncando.

No café da manhã todos os serventes se reuniram na sala da criadagem. Os doze sentaram-se ao longo da mesa comprida de madeira para tomar um mingau grosso de aveia, sendo que cada quatro comiam de uma mesma tigela. Krabat estava faminto, debruçava-se sobre o mingau, devorando-o como uma debulhadeira. Se o almoço e o jantar correspondessem ao que prometia o café da manhã, ele viveria muito bem ali.

Tonda, o capataz, era um rapaz imponente, com cabelos densos e grisalhos; entretanto, de rosto, não parecia ter mais que trinta anos. Uma grande seriedade emanava de Tonda, ou melhor, de seus olhos. Krabat confiou nele logo no primeiro dia; sua serenidade e o jeito amigável com que o tratava conquistaram sua simpatia.

— Espero que não o tenhamos assustado muito esta noite — disse Tonda, dirigindo-se ao jovem.

— Não muito — disse Krabat.

Vendo os fantasmas à luz do dia, constatava que eram rapazes como milhares de outros. Os onze falavam dialeto sorábio e eram alguns anos mais velhos que Krabat. O garoto sentia que eles o olhavam com uma certa compaixão. Admirava-se, mas não se detinha muito para pensar por quê.

O que lhe dava o que pensar eram as roupas que tinha encontrado ao pé do catre: eram roupas usadas, entretanto lhe caíram no corpo como se tivessem sido feitas sob medida para ele. Perguntou aos rapazes de onde vinham aquelas coisas e quem as tinha usado antes, mas ao ouvirem sua pergunta os companheiros deixaram cair as colheres e olharam tristemente para o garoto.

— Eu disse alguma coisa que não devia? — perguntou Krabat.

— Não, não — disse Tonda. — As coisas... pertenciam a seu antecessor.

— E então? — quis saber Krabat. — Por que ele não está mais aqui? Terminou seu aprendizado?

— É... terminou — disse Tonda.

Naquele momento a porta se abriu e o mestre entrou. Estava zangado e os serventes se encolheram.

— Não sejam tagarelas! — ele os admoestou. E, lançando seu olhar de um olho só para Krabat, acrescentou rudemente: — Quem pergunta demais erra demais. Repita!

Krabat gaguejou:

— Quem pergunta demais erra demais...

— Registre isso em seus ouvidos!

O mestre deixou a sala da criadagem. Plam!, a porta bateu atrás dele.

Os rapazes recomeçaram a comer, mas Krabat tinha perdido a fome. Sem saber o que fazer, ficou olhando para a bandeja. Ninguém estava prestando atenção nele. Ou estava?

Quando o garoto levantou a cabeça, Tonda olhava para ele e lhe fez um sinal. Foi um gesto quase imperceptível, mas o jovem lhe ficou grato. Sentiu que era bom ter um amigo naquele moinho.

Depois do café, os serventes foram para o trabalho. Krabat saiu da sala com os outros. No vestíbulo estava o mestre, que acenou para ele e disse:

— Venha comigo!

Krabat seguiu o moleiro até lá fora. O sol brilhava, não havia vento e fazia frio. Havia geada nos galhos das árvores.

O mestre conduziu-o para trás do moinho. Nos fundos havia uma porta, que ele abriu. Então entraram na casa de farinha, um recinto baixo, com duas janelinhas minúsculas, embaçadas pela poeira. A poeira de farinha também cobria o chão, as paredes e formava uma camada de um dedo de espessura sobre as vigas do teto.

— Varra! — disse o mestre. Ele apontou para uma vassoura perto da porta, depois saiu, deixando o jovem sozinho.

Krabat começou a trabalhar. Depois de algumas varridas, viu-se envolvido por uma nuvem de poeira, uma nuvem de poeira de farinha.

— Assim não vai dar — pensou. — Quando eu chegar lá atrás, aqui na frente já vai estar tudo empoeirado de novo. Vou abrir uma janela...

As janelas estavam pregadas por fora, a porta estava trancada. Podia bater e esmurrar à vontade, que não ia adiantar nada. Ele estava preso.

Krabat começou a suar. A poeira de farinha grudava em seus cabelos e em suas pestanas, seu nariz comichava, a garganta coçava. Era como um

pesadelo: poeira e mais poeira, em nuvens espessas, como neblina, como tempestade de neve.

A respiração de Krabat estava ficando difícil, ele batia com a testa contra as traves de madeira, estava tonto. Será que deveria entregar os pontos?

Mas o que o mestre diria, se ele agora simplesmente deixasse a vassoura de lado? Krabat não queria se indispor com o moleiro, principalmente porque temia perder a boa comida. Assim, esforçava-se para continuar varrendo, da frente para trás, de trás para a frente, sem cessar, hora após hora.

Finalmente, depois de meia eternidade, alguém chegou e abriu a porta: era Tonda.

— Saia! — ele gritou. — Hora do almoço!

Não foi preciso dizer duas vezes, o jovem lançou-se para fora à procura de ar, respirando fundo. O capataz lançou um olhar para dentro da casa de farinha, depois explicou, encolhendo os ombros:

— Não se preocupe, Krabat. No início, ninguém consegue fazer melhor do que isso.

Ele murmurou algumas palavras incompreensíveis, escreveu alguma coisa no ar com a mão. Então a poeira se elevou dentro do recinto, como se o vento estivesse soprando por todas as frestas e buracos. Um lençol branco de pó saiu pela porta e passou por cima da cabeça de Krabat, na direção do bosque.

O recinto, agora, estava bem varrido, limpinho, sem um grão de poeira. O jovem esbugalhou os olhos de espanto.

— Como se faz isso? — ele perguntou.

Tonda não lhe deu resposta, e disse apenas:

— Vamos para dentro, Krabat, a sopa vai esfriar.

Não é sopa

Para Krabat começou um tempo difícil. O mestre enchia-o de trabalho, sem a menor piedade.

— Onde você se meteu, Krabat? Há alguns sacos de grãos no silo para serem retirados! — ou: — Krabat, venha aqui! Os grãos ali do celeiro... remexa-os com a pá, bem direitinho, desde o fundo, para não germinarem! — ou: — Krabat, o trigo que você peneirou ontem está cheio de espeltas! Vá tirar todas depois do jantar e não vá para a cama enquanto não terminar o serviço!

O moinho de Koselbruch moía diariamente, sem parar, em dias úteis e aos domingos, desde bem cedinho até o anoitecer. Só uma vez por semana, na sexta-feira, os serventes tiravam uma folga e paravam um pouco mais cedo, e aos sábados eles começavam a trabalhar duas horas mais tarde.

Quando Krabat não estava carregando os grãos ou peneirando o trigo, era obrigado a cortar lenha, limpar a neve do caminho, levar água para a cozinha, escovar os cavalos, carregar esterco para fora do estábulo das vacas... em resumo, estava sempre ocupado com alguma coisa; e à noite, quando finalmente se deitava em seu enxergão, estava moído. Ficava com as costas doendo, os ombros esfolados, os braços e pernas tão doloridos, que mal se aguentava em pé.

Krabat se espantava com seus companheiros. Para eles, o dia de trabalho pesado no moinho não parecia pesar absolutamente nada, nenhum deles se cansava, nem reclamava, nem transpirava ou perdia o fôlego durante o serviço.

Certa manhã, Krabat estava ocupado tirando a neve do caminho que levava ao poço. Na noite anterior havia nevado demais e, com o vento, todos os caminhos e trilhas ficaram obstruídos. Krabat trabalhava batendo os dentes, a cada pá cheia de neve que lançava para longe sentia uma pontada nas costas. Então Tonda foi ter com ele. Depois de se assegurar de que estavam sozinhos, colocou a mão no ombro do garoto.

— Não desista, Krabat...

Krabat sentiu como se uma nova força percorresse todo o seu corpo. As dores pareciam ter sumido. Ele pegou a pá e teria começado a trabalhar com fúria, se Tonda não o segurasse pelo braço.

— O mestre não deve notar nada — pediu ele —, e Lyschko também não!

Lyschko, um rapaz magro e alto, de nariz afilado e olhos vesgos, não tinha agradado muito a Krabat desde o primeiro dia. O garoto achou-o um metido, parecia um espião sorrateiro, no qual não se podia confiar de modo algum, em momento nenhum.

— Certo — disse Krabat, e começou a fingir que lhe custava um esforço imenso remover cada pá de neve. Logo em seguida Lyschko apareceu, como se fosse por acaso.

— Então, Krabat, está gostando do trabalho?

— E você acha que dá para gostar? — resmungou o jovem. — Experimente comer cocô de cachorro, Lyschko. É a mesma coisa.

A partir de então, Tonda vinha frequentemente até Krabat e, sem ninguém perceber, tocava-o com a mão. O garoto sentia-se tomado por novas forças, e seu trabalho, fosse qual fosse, tornava-se leve por algum tempo.

O mestre e Lyschko não percebiam nada, e muito menos os outros rapazes do moinho: nem Michal nem Merten, dois primos fortes como ursos e sempre bem-humorados; nem Andrusch, o brincalhão bexiguento; nem Hanzo, que era chamado de o Touro, por causa de seu cachaço e do cabelo bem curtinho; nem Petar, que passava o tempo livre entalhando colheres; e nem Staschko, levado da breca, que era rápido como uma doninha e esperto como o macaquinho que Krabat tanto admirara anos atrás na feira anual de Königswartha. Kito, que estava sempre emburrado, como se estivesse com um quilo de pregos dentro do estômago, e Kubo, o silencioso, também não notavam nada. E é claro que Juro, aquele tolo, tampouco percebia coisa nenhuma.

Juro, um rapaz atarracado, de perninhas curtas e cara de lua cheia, toda sardenta, era quem estava ali prestando serviço há mais tempo, depois de Tonda. Ele não trabalhava na moagem, pois, como Andrusch costumava dizer por zombaria, “era burro demais para distinguir o joio do trigo”; e, se ainda nunca tinha se enroscado nas máquinas por distração, caindo entre as mós do moinho, era por uma única razão: burrice e sorte costumam sempre andar de mãos dadas.

Juro estava acostumado a esse tipo de gracejo. Com muita paciência, deixava Andrusch fazê-lo de bobo e baixava a cabeça sem retrucar quando Ki-

to ameaçava bater nele por qualquer coisinha. Quando os colegas lhe pregavam uma peça, ele sorria, como se quisesse dizer: — E daí? Eu sei que sou o Juro bobão.

No entanto, para o trabalho doméstico ele não era tão bobo assim. E, como alguém precisava fazê-lo, todos estavam satisfeitos por Juro ter assumido o trabalho de cozinhar e lavar louça, assar pães e acender o fogo, esfregar o chão e limpar as escadas, tirar o pó, lavar e passar roupa e todas as outras tarefas que tivessem a ver com a cozinha e os cuidados com a casa. Além do mais, ele cuidava das galinhas, dos gansos e dos porcos.

O garoto não entendia como Juro conseguia cumprir todas aquelas obrigações. Os colegas achavam tudo muito natural, e o mestre, principalmente, tratava Juro como se ele fosse o pior dos lixos. Krabat não achava aquilo justo. Certa vez ele levou um feixe de lenha até a cozinha e, como agradecimento, Juro enfiou um pedaço de linguiça no bolso de sua calça, o que aliás já acontecera antes. Então Krabat falou, sem mais rodeios:

— Não entendo como você aguenta tudo isso sem reclamar.

— Eu? — espantou-se Juro.

— É, você mesmo! — disse Krabat. — O mestre o maltrata de um jeito vergonhoso, e os rapazes vivem caçoando de você.

— Tonda não — retrucou Juro. — E nem você.

— Isso faz alguma diferença? — retrucou Krabat. — Eu saberia o que fazer, se estivesse em seu lugar. Não deixaria que fizessem gato e sapato de mim... aliás, ninguém deixaria: nem o Kito, nem o Andrusch, nem ninguém!

— Hum — disse Juro, coçando a nuca. — Talvez você, Krabat. Você poderia... Mas e quando a gente não tem a cabeça boa?

— Então vá embora! — exclamou o garoto. — Vá embora daqui e procure um outro lugar que seja melhor para você!

— Ir embora? — e por um momento Juro deu a impressão de não ser nada bobo, mas de estar apenas decepcionado e cansado. — Tente fazer isso, Krabat, tente fugir daqui!

— Não tenho motivo nenhum para isso.

— Não — resmungou Juro —, claro que não... e tomara que nunca tenha...

Juro meteu um pedaço de pão no outro bolso de Krabat, fez um gesto de recusa quando o garoto quis agradecer e enxotou-o porta afora, com um sor-

riso bobo, como sempre.

Krabat guardou o pão e a linguiça até o fim do dia. Logo depois do jantar, enquanto os serventes folgavam na sala da criadagem, Petar fazia seus entalhes e os outros começavam a passar o tempo contando histórias, ele se afastou do grupo e subiu até o sótão, onde se deitou em seu enxergão, bocejando. Cortou o pão e a linguiça e, mastigando com prazer, começou sem querer a se lembrar de Juro e da conversa que os dois tinham tido na cozinha.

— Fugir? — pensou. — Mas do quê? O trabalho, decerto, não é sopa. Se não fosse pela ajuda de Tonda, eu estaria em maus lençóis. Mas a comida é boa e suficiente, tenho um teto sobre minha cabeça e, quando eu levantar amanhã, já vou saber que meu pouso para a noite seguinte está garantido: um lugar quentinho e seco, macio, sem percevejos ou pulgas. Isso não é muito mais do que um jovem mendigo poderia sonhar?

Caminhos no sonho

Krabat já tinha fugido uma vez. Tinha sido no ano anterior, logo depois que seus pais morreram de varíola. O pastor da igreja levara o garoto para sua casa, dizendo que era para ele não se degradar. Não tinha nada contra o pastor e sua mulher, que sempre desejaram ter uma criança em casa. Mas Krabat tinha passado todos aqueles anos numa cabana miserável, na casinha de pastores de Eutrich. Para alguém como ele, era difícil se acostumar a viver na casa do pároco, onde era preciso ser bem comportado da manhã à noite, não dizer palavrões e nem se meter em brigas, andar com camisas brancas, de pescoço limpo, cabelo penteado, pés calçados, mãos asseadas e unhas impecáveis... e, ainda por cima, não podia falar dialeto, tinha de falar alemão o tempo todo, e um alemão perfeito!

Krabat fizera todo o esforço possível para se adaptar, durante uma semana inteira, e mais outra; depois ele fugiu da casa do pároco e se juntou aos jovens mendigos. Portanto, não era impossível que também não ficasse para sempre no moinho de Koselbruch.

— Mas — decidiu ele, depois de lamber os lábios após a última mordida, já meio dormindo —, se eu for embora daqui, vai ter que ser no verão... Antes que os campos se encham de flores, que os cereais amadureçam e que os peixes pululem no açude do moinho, ninguém me tira daqui...

É verão, os prados estão floridos, os cereais estão maduros, no açude do moinho os peixes pululam. Krabat teve uma briga com o mestre: em vez de carregar os sacos, ele se deitou na relva à sombra do moinho para tirar uma soneca; o mestre o surpreendeu e lhe deu uma surra de cajado.

— Rapazinho, vou lhe ensinar a não ficar vadiando durante o dia!

Será que Krabat precisa aguentar isso?

No inverno, quando o vento gelado assobiava na charneca, talvez ele precisasse se submeter. O mestre com certeza esqueceu que é verão!

A decisão de Krabat está tomada. Não vai ficar mais nem um dia no moinho! Ele entra na casa, pega no sótão suas roupas e seu boné, depois foge dali. Ninguém o vê. O mestre voltou para seu quarto, as janelas estão protegidas com panos por causa do calor; os serventes do moinho estão trabalhando no celeiro e nas moendas; nem Lyschko tem tempo para se

preocupar com Krabat. Mesmo assim, o garoto sente que está sendo observado secretamente.

Quando ele se volta, percebe que lá no telhado do barracão de madeira alguém está sentado, observando-o: um gato preto, de pelo eriçado, estranho no lugar... e cego de um olho.

Krabat se abaixa, atira uma pedra no gato, espanta-o para longe. Depois ele corre até o açude do moinho, protegido pelos arbustos. Por acaso vê que perto da margem há uma carpa na água. Com um olho só, ela encara Krabat.

O *garoto sente um certo mal-estar, pega uma pedra e a atira no peixe. A carpa mergulha e desaparece nas profundezas verdes.*

Então Krabat acompanha as águas escuras até o local de Koselbruch chamado de Campo Deserto; lá ele permanece algum tempo ao lado do túmulo de Tonda. Lembra-se com tristeza do dia de inverno em que ali enterraram o amigo.

Ele pensa nos mortos e, de repente, ouve um estalo forte, tão inesperado, que seu coração para. Num pinheiro ressecado à beira do campo, está empoleirado um corvo gordo. Seu olhar dirige-se para Krabat, e o jovem nota, com um calafrio, que o corvo também não tem o olho esquerdo.

Agora Krabat sabe do que se trata. Sem pensar duas vezes, ele sai correndo. Corre o mais que pode, acompanhando as águas escuras.

Quando para pela primeira vez, afim de tomar fôlego, uma cobra sai do meio dos arbustos e lhe lança um olhar... ela só tem um olho! Só tem um olho também a raposa que o espia lá do mato.

Krabat corre e toma fôlego por alguns instantes, corre e torna a tomar fôlego. Ao anoitecer, ele atinge a parte superior de Koselbruch. Ele acha que, assim que sair dali, estará livre da influência do mestre. Sorrateiramente, o garoto mergulha as mãos na água, molha a testa e as têmporas. Depois mete para dentro das calças a camisa que havia saído com a correria, arruma o cinto, dá os últimos passos que faltam... e leva um susto.

Em vez de encontrar-se em campo aberto, conforme esperava, vê um clarão à sua frente; e no meio do clarão, na paz do anoitecer, está o moinho. O mestre espera por ele na porta de entrada.

— Olá, Krabat — cumprimenta-o com sarcasmo. — Já estava pensando em mandar alguém à sua procura.

Krabat está furioso, não consegue explicar aquele engano. No dia seguinte torna a fugir, dessa vez bem cedinho, antes do orvalho e do amanhecer. Foge na direção contrária, para fora do bosque, através de campos e prados, aldeias e povoados. Salta regatos, atravessa um pântano, sem descanso, sem parar. Não vê corvos, cobras e raposas; nenhum peixe o observa, nenhum gato, nenhum galo, nenhum pato.

— Sejam caolhos, com dois olhos ou até cegos — pensa ele —, desta vez não vou deixar que me confundam!

Apesar disso, no fim do dia ele se encontra novamente na frente do moinho de Koselbruch. Hoje são os serventes do moinho que o recebem: Lyschko com uma conversa maliciosa, os outros em silêncio e mostrando compaixão. Krabat está à beira do desespero. Sabe que deveria desistir, mas não quer aceitar. Vai tentar mais uma vez, ainda esta noite.

Correr para longe do moinho não lhe parece difícil, e desta vez segue a estrela Polar! Não importa que ele tropece, que se arranhe, que se machuque na escuridão: o mais importante é que ninguém o veja, que ninguém possa lançar algum feitiço...

Perto dele pia uma corujinha, depois uma coruja grande passa voando. Logo ele descobre, sob a luz das estrelas, um velho mocho. Está empoleirado num galho ao alcance de sua mão e o observa... com o olho direito, pois o esquerdo lhe falta.

Krabat continua a correr, tropeça nas raízes, cai em poças d'água. Não se admira quando, ao raiar do dia, encontra-se pela terceira vez na frente do moinho.

Dentro da casa, a essa hora tudo ainda está em silêncio; só Juro faz barulho na cozinha, onde está aquecendo o fogão. Krabat ouve-o e entra.

— Você tinha razão, Juro. É impossível fugir daqui.

Juro lhe dá de beber e diz:

— Você deveria se lavar, Krabat.

Ele o ajuda a tirar a camisa molhada, suja de sangue e de terra, enche uma vasilha com água e depois diz, com sinceridade e sem o sorriso bobo de sempre:

— O que você não conseguiu sozinho, Krabat, talvez seja possível de se conseguir a dois. Que tal tentarmos juntos da próxima vez?

Krabat acordou com o barulho dos serventes, que subiam as escadas indo para a cama. Ainda estava sentindo claramente o gosto da linguiça nos lábios. Decerto não tinha dormido muito, embora no sonho tivesse vivido dois dias e duas noites. No dia seguinte pela manhã, Krabat ficou sozinho com Juro por alguns instantes.

— Sonhei com você — disse Krabat. — No sonho você me fez uma proposta.

— Eu? — disse Juro. — Com certeza foi alguma bobagem. É melhor esquecer, Krabat!

O estranho da pena de galo

O moinho de Koselbruch tinha sete moendas. Seis eram usadas constantemente, a sétima nunca; por isso a chamavam de ponto morto. Ela ficava no fundo da casa de moagem. A princípio, Krabat achava que a máquina devia estar com algum dente da engrenagem quebrado, algum defeito no eixo, ou qualquer outro problema de funcionamento. Certa manhã, no entanto, ao varrer o chão, o garoto verificou que havia um pouco de farinha nas tábuas debaixo da saída do ponto morto. Ao observar mais atentamente, percebeu que também havia vestígios de farinha fresca na caixa da moenda, como se alguém não a tivesse sacudido muito bem depois do trabalho.

Será que tinham usado a moenda na noite anterior? Decerto tinha sido em segredo, enquanto todos estavam dormindo. Ou será que nem todos naquela noite tinham dormido um sono profundo e pesado, como o dele?

O garoto notara que aquela manhã os serventes apareceram para o café de cara amarrada, olheiras, e alguns até bocejando disfarçadamente; agora aquilo estava lhe parecendo muito suspeito.

Curioso, Krabat subiu os degraus de madeira que levavam ao estrado de onde os grãos eram jogados em sacos na despejadeira. De lá eles passavam pelo crivo vibratório e pelas mós. Ao serem despejados, era praticamente impossível evitar que alguns grãos caíssem para os lados. Só que não havia nenhum grãozinho, conforme Krabat esperava. Observando mais atentamente o que havia esparramado sobre o estrado, e que à primeira vista parecia ser cascalho, o garoto percebeu que se tratava de dentes... dentes e pedacinhos de ossos.

Krabat levou um susto, quis gritar, mas sua garganta não conseguia produzir nenhum som.

De repente Tonda estava ali, atrás dele. Krabat não tinha ouvido o rapaz se aproximar. Então ele pegou o garoto pela mão.

— O que está procurando aí em cima, Krabat? Venha para baixo, antes que o mestre o apanhe, e esqueça o que viu aí. Ouça o que estou dizendo, Krabat: esqueça!

Depois Tonda o fez descer os degraus e, assim que o garoto voltou a pisar no chão da casa de moagem, tudo o que tinha vivido naquela manhã apagou-se de sua memória.

Na segunda metade do mês de fevereiro começou a gear intensamente.

Toda manhã era preciso quebrar o gelo que se formava na frente do açude. Durante a noite, quando a roda do moinho estava parada, a água congelava nas pás, formando grossas crostas de gelo. Também era preciso removê-las, antes de iniciarem o serviço de moagem.

O mais perigoso era o gelo espesso que se formava na calha. Para impedir que a roda do moinho emperrasse, de tempos em tempos dois serventes subiam até lá para quebrá-lo. Era um trabalho do qual nenhum deles fazia questão. Tonda empenhava-se para que ninguém se esquivasse. Mas, quando chegou a vez de Krabat, ele mesmo subiu na calha, dizendo que aquilo não era serviço para o garoto, que poderia se machucar.

Os outros concordaram, só Kito ficou amuado. E Lyschko declarou:

— Qualquer um pode se machucar, se não tomar cuidado.

Por acaso ou não, naquele momento passou por ali o bobo do Juro, carregando em cada mão um balde de lavagem para os porcos. Ao passar ao lado de Lyschko, ele tropeçou e deixou cair toda a comida dos porcos em cima dele. Lyschko xingou, e Juro lamentou-se desesperado, culpando-se por ser tão desastrado.

— Quando eu penso como você vai ficar fedendo pelos próximos dias — ele dizia. — E a culpa é toda minha... oh ohhhh Lyschko, ohhhh! Não fique zangado comigo, por favor, também sinto muito pelos pobres porquinhos!

Agora Krabat ia com frequência com Tonda e outros rapazes rachar lenha na floresta. Quando estavam sentados no trenó, bem agasalhados, o mingau matutino na barriga e os gorros de pele bem enfiados na cabeça, o garoto se sentia tão bem, que chegava a achar que nem mesmo um filhote de urso se sentiria melhor.

Eles tiravam os galhos e descascavam a madeira que derrubavam, cortavam-na em toras de comprimentos iguais e as empilhavam, deixando espaço entre elas para que houvesse ventilação suficiente. Depois seriam levadas para o moinho, durante o inverno que se aproximava, para serem aparelhadas como vigas ou para serem cortadas em tábuas e pranchas.

Assim se passavam as semanas, uma após a outra, sem que nada de novo acontecesse na vida de Krabat. Às vezes, o que ocorria à sua volta lhe dava o que pensar. Achava estranho nunca aparecer nenhuma visita no moinho para as refeições. Será que os lavradores da região evitavam aquele lugar?

Apesar disso, as moendas trabalhavam dia após dia, os grãos eram despejados nas despejadeiras; triturava-se cevada, aveia, e também trigo sarraceno.

Será que a farinha e o centeio triturado, que corriam das caixas de moagem para os sacos, tornavam a se transformar em grãos durante a noite? Krabat começou a achar que aquilo era bem possível.

No fim da primeira semana de março o tempo mudou. O vento oeste encheu o céu de nuvens negras.

— Vai nevar — resmungou Kito —, estou sentindo nos ossos.

De fato, nevou um pouco, em flocos grandes e aquosos; depois caíram as primeiras gotas entre eles, a neve se transformou em chuva, e assim prosseguiu.

— Sabe de uma coisa? — disse Andrusch para Kito. — Você devia arranjar uma rãzinha para prever o tempo, não dá mais para confiar em seus ossos.

Que tempo horrível aquele! Chuvaradas, açoitadas por tempestades, a que se juntavam neve e gelo. O açude do moinho se enchia assustadoramente. Precisaram sair no meio do aguaceiro, para aprofundar a represa e reforçá-la com caibros.

Será que as paredes do açude iam aguentar?

— Se continuar assim, daqui a três dias vamos todos nos afogar junto com o moinho — pensou Krabat.

Na noite do sexto dia parou de chover, a camada de nuvens se abriu e depois, por alguns momentos, a floresta escura e úmida brilhou iluminada pelos raios do sol poente.

Naquela noite, um sonho apavorou Krabat: o moinho estava pegando fogo. Os serventes saltavam de seus enxergões, corriam escada abaixo, fazendo um barulhão; o próprio Krabat, porém, estava deitado como um pedaço de pau em seu catre, incapaz de se mover.

As chamas já estalavam no vigamento, as primeiras fagulhas já estavam caindo em seu rosto... então ele se levantou de um salto, com um grito.

O garoto esfregou os olhos, bocejou, olhou à sua volta, sem conseguir acreditar no que via. Onde estavam os rapazes?

Os enxergões estavam vazios, e tinham sido abandonados às pressas, pelo que tudo indicava: cobertas jogadas para o lado sem o menor cuidado, lençóis amarfanhados. Aqui uma jaqueta de lã largada no chão, ali um gor-

ro, um cachecol, um cinto... dava para ver tudo perfeitamente, sob o brilho de uma luz vermelha flamejante à frente da janela da cumeeira...

Será que o moinho estava mesmo pegando fogo?

Krabat, já totalmente desperto, abriu a janela. Debruçando-se para fora, ele viu que no pátio da frente do moinho havia uma carroça parada, muito carregada, com uma lona escurecida pela chuva, seis cavalos atrelados, todos eles pretos como carvão. Na boleia estava um sujeito com a gola do casaco levantada, o chapéu enfiado na testa, também preto como a noite. Só a pena de galo que usava no chapéu era clara. Era uma pena vermelha, que balançava ao vento como se fosse uma chama, ora se levantando, impetuosa e deslumbrante, ora se inclinando, como se quisesse apagar. Seu brilho era suficiente para envolver o pátio numa tênue luminosidade.

Os serventes corriam entre a casa e a carroça, de lá para cá, descarregavam sacos, levavam-nos para a casa de moagem, voltavam de novo correndo. Aquilo tudo se fazia em meio ao maior silêncio, numa rapidez febril. Nenhum grito, nenhum palavrão, só o arquejar dos rapazes. De vez em quando o condutor fazia o chicote estalar bem acima de suas cabeças, de modo que eles sentissem a rajada de ar: isso os incentivava a trabalhar com mais fervor.

O fervor também se apossara do mestre. Ele, que geralmente não movia uma palha no moinho, que nunca mexia um dedo, agora estava trabalhando junto. Esfalfava-se rivalizando com os outros, como se estivesse ganhando para isso.

Num certo momento ele deu uma paradinha no trabalho e desapareceu na escuridão, mas não para descansar, como Krabat imaginara. O mestre correu até o açude e, arrancando os caibros que apoiavam a barragem, abriu a comporta.

A água começou a correr para o fosso, caindo com força, e passou a jorrar aos borbotões para dentro da calha. Gemendo, a roda foi se movendo lentamente; depois de um tempinho estava se movimentando em plena força, e assim continuou, animada. Àquela altura, todas as moendas deveriam estar em funcionamento, com seu barulho abafado. No entanto, só uma funcionava, e com um barulho que o garoto desconhecia. Eram chiados e ruídos estranhos, que pareciam vir do fundo do moinho, acompanhados de um rangido horrível, que logo se transformou num urro torturante para os ouvidos.

Krabat lembrou-se do ponto morto e sentiu um calafrio.

Enquanto isso, o trabalho lá embaixo continuava. A carroça foi esvaziada e os serventes fizeram uma pausa, porém não muito longa. Logo em seguida voltaram à trabalheira, só que agora carregavam sacos de dentro da casa para a carroça. Continham a mesma coisa de antes, só que agora essa coisa estava voltando moída.

Krabat quis contar os sacos, mas adormeceu enquanto o fazia. Ao primeiro canto do galo, o barulho das rodas da carroça o acordaram. Ainda conseguiu ver o estranho se afastando, estalando o chicote, atravessando o campo molhado na direção da floresta. Coisa esquisita: apesar de tão carregada, a carroça não deixou nenhum rastro na relva.

Um momento mais tarde a comporta foi fechada, a roda do moinho parou. Krabat correu de volta para seu catre e meteu-se debaixo das cobertas. Os rapazes subiram as escadas, cansados e acabrunhados. Sem dizer uma palavra, voltaram a se deitar. Só Kito murmurou alguma coisa a respeito de noites de lua nova três vezes amaldiçoadas e sobre a trabalheira infernal.

Pela manhã, Krabat mal conseguiu se levantar de seu enxergão, de tanta canseira. Os ossos lhe doíam e ele estava sentindo uma coisa estranha na barriga. Durante o café da manhã ficou observando os colegas: estavam todos sonolentos e com olheiras. Mal-humorados, engoliam seu mingau de aveia. Nem mesmo Andrusch estava a fim de fazer suas brincadeiras; sombrio, ele olhava fixamente para a tigela, sem dizer uma palavra.

Depois da refeição, Tonda puxou o garoto de lado.

— Teve uma noite muito ruim?

— Não sei se é o caso — disse Krabat. — Nem precisei trabalhar como um condenado, só fiquei olhando. Mas vocês! Por que não me acordaram, quando o estranho chegou? Decerto queriam manter tudo em segredo, como muitas outras coisas que acontecem aqui no moinho, das quais não posso ficar sabendo. Só que não sou cego, nem surdo... e acima de tudo não sou nenhum bobo!

— Ninguém disse isso — retrucou Tonda.

— Mas vocês agem como se eu fosse! — gritou Krabat. — Estão brincando de cabra-cega comigo. Por que não param com isso de uma vez?

— Tudo tem sua hora e sua vez — disse Tonda, calmamente. — Logo você vai ficar sabendo a verdade sobre o mestre e este moinho. O dia e a hora estão mais próximos do que você imagina: até lá, tenha paciência.

Já para o poleiro!

Sexta-feira Santa, no início da noite, sobre Koselbruch pairava uma lua pálida e gorda. Os serventes estavam reunidos na sala da criadagem, Krabat estava deitado em seu catre, cansado e querendo dormir. Até naquele dia foram obrigados a trabalhar. Ainda bem que finalmente a noite tinha chegado, e agora ele tinha sossego...

De repente ouviu chamarem seu nome, como naquele sonho que tivera na ferraria de Petersheim. Só que a voz, aquela voz rouca que parecia vir de longe atravessando os ares, agora já não lhe era estranha.

Sentou-se e ficou à escuta, e pela segunda vez chamaram:

— Krabat!

Então ele pegou suas roupas e se vestiu. Quando estava pronto, o mestre o chamou pela terceira vez.

Krabat apressou-se, tateou até a porta e a abriu. Lá de baixo vinha luz, ele ouviu vozes no vestíbulo e também o barulho de tamancos de madeira. Foi tomado por uma certa inquietação, hesitou, respirou fundo... depois fez um esforço e, saltando os degraus de três em três, desceu correndo.

No final do corredor estavam de pé os onze rapazes. A porta da câmara escura estava aberta, o mestre sentado atrás da mesa. Como no dia em que Krabat chegara, o livro grosso encadernado em couro estava na frente dele; também não faltava a caveira com a vela vermelha acesa; só que agora o mestre não estava pálido. Sua palidez desaparecera havia muito tempo.

— Aproxime-se, Krabat!

O garoto chegou até a soleira da câmara escura. Seu cansaço desaparecera. Também não estava atordoado nem com batedeira no coração.

Por um momento o mestre o observou, depois levantou a mão esquerda e voltou-se para os rapazes que estavam no corredor.

— Para o poleiro, já!

Grasnando e batendo as asas, onze corvos passaram raspando por Krabat, transpondo a porta. O garoto olhou para trás e viu que os rapazes tinham sumido. Os corvos pousaram num poleiro que havia no canto esquerdo do fundo da sala e ficaram olhando para ele.

O mestre se levantou, sua sombra caiu sobre o jovem.

— Há três meses você está aqui no moinho, Krabat — disse ele. — O período experimental foi superado, você não é mais um aprendiz comum. A partir de agora será meu aluno.

Dizendo isso, aproximou-se de Krabat e tocou-o no ombro esquerdo com a mão esquerda. Um arrepio percorreu Krabat e ele sentiu que estava encolhendo: seu corpo tornava-se cada vez menor, enquanto brotavam nele penas de corvo, um bico e garras. Viu-se acocorado na soleira da porta, aos pés do mestre, sem ousar levantar os olhos.

O moleiro examinou-o por um momento, depois bateu as mãos e gritou:

— Já!

Krabat, o corvo Krabat, levantou voo, obediente. Batendo desajeitadamente as asas, ele atravessou a câmara, contornou a mesa, roçou o livro e a caveira. Depois pousou ao lado dos outros corvos, agarrando-se ao poleiro.

O mestre então lhe explicou:

— Fique sabendo, Krabat, que você se encontra numa escola de magia negra. Aqui não se aprende a ler, escrever ou fazer contas. Aqui se aprende a arte das artes. O livro que se encontra acorrentado à minha mesa é o Koraktor, o preceito infernal. Como você vê, suas páginas são pretas, escritas em branco. Ele contém as fórmulas de magia do mundo. Só eu posso lê-las, porque sou o mestre. Vocês, isto é, você e os outros alunos estão proibidos de ler este livro. Lembre-se disso! Não tente me enganar, pois você se daria muito mal! Entendeu bem, Krabat?

— Entendi — grasnou o garoto, surpreso ao constatar que conseguia falar. Apesar da voz rouca, falava claramente e sem precisar fazer qualquer esforço.

Krabat já tinha ouvido falar das tais escolas de magia negra; diziam que havia várias na Lusácia. Mas sempre imaginara que fosse conversa fiada, como aquelas histórias que as pessoas costumam contar na sala das rocas, enquanto fiam ou abrem as fibras. E agora ele mesmo estava metido numa daquelas escolas, que aliás passava por moinho. No entanto, pelo menos era o que se dizia nas redondezas, parecia que nem tudo ali era muito correto. Caso contrário, por que as pessoas se manteriam afastadas de Koselbruch?

O garoto não teve mais tempo para ficar pensando. O mestre agora estava sentado à mesa e lia em voz alta um trecho do Koraktor, lentamente, num tom de voz cantante, enquanto se balançava para frente e para trás, para frente e para trás.

— Esta é a arte de fazer secar um poço, de modo que de um dia para outro ele não tenha mais água — leu ele. — Primeiro arranje quatro estacas de madeira de abeto queimadas no forno, cada uma com três palmos e meio de comprimento, uma boa polegada de espessura e com a extremidade inferior afiada em três ângulos; depois demarque o poço à noite, entre meia-noite e uma hora, com as madeiras mencionadas, colocando-as a uma distância de sete pés do centro do poço, cada uma apontando para um ponto da esfera celeste, começando no zênite e terminando no nadir. Em terceiro e último lugar, depois de ter preparado isso tudo em silêncio, circunde o poço três vezes, dizendo o que está escrito aqui...

Seguia-se então, lida pelo mestre, a fórmula mágica: uma sequência de palavras incompreensíveis, todas muito sonoras. Mas era um som ao mesmo tempo sombrio, evocando desgraça, que ficou ecoando nos ouvidos do garoto longamente, mesmo depois que o mestre, após um curto intervalo, começou tudo de novo.

— Esta é a arte de fazer secar um poço...

Ao todo, ele leu três vezes o texto e a fórmula mágica, sempre na mesma cantilena, balançando-se para frente e para trás. Depois da terceira vez, ele fechou o livro. Por um tempo permaneceu em silêncio, depois dirigiu-se aos corvos.

— Acabo de lhes ensinar — disse ele, voltando a seu tom de voz habitual — mais uma parte da arte do ocultismo; vamos ver o que conseguiram aprender. Você aí... comece!

Ele apontou com o dedo para um dos corvos e ordenou-lhe que repetisse o texto e a fórmula mágica.

— Esta é a arte... de fazer secar um poço, de modo que... de um dia para outro ele não tenha mais água...

O moleiro apontava ora para um corvo, ora para outro, sempre questionando. Na verdade, ele não chamava nenhum dos doze pelo nome, mas pelo jeito de falar de cada um Krabat conseguia distingui-los. Tonda, até mesmo como corvo, falava de maneira comedida e serena; Kito, com um tom indisfarçável de mau humor na voz; Andrusch era tão perigoso com o bico quanto com a língua; Juro, por sua vez, tinha dificuldade para repetir as frases e frequentemente empacava no meio delas. Em suma, Krabat não deixou de reconhecer nenhum dos rapazes do grupo.

— Esta é a arte de fazer secar um poço...

A fórmula mágica do preceito infernal, ora fluentemente, ora com hesitação, repetiu-se cinco, nove, onze vezes.

— E agora você! — dizendo isso, o mestre voltou-se para o garoto.

Krabat começou a tremer e gaguejou:

— Esta é a arte... é a arte de... de fazer secar...

Então ele parou e emudeceu. Não conseguia lembrar o resto, por mais que se esforçasse. Será que o mestre iria castigá-lo?

O mestre manteve-se calmo.

— Da próxima vez, Krabat, preste mais atenção nas palavras do que nas vozes — disse ele. — Além disso, fique sabendo que ninguém na escola é obrigado a aprender. O que eu leio no Koraktor terá utilidade para você mesmo. Se não for capaz de guardar, o prejuízo será só seu, lembre-se.

Dizendo isso, o mestre encerrou a aula, a porta se fechou, os corvos alçaram voo. No vestíbulo, eles retomaram a forma humana. Krabat também voltou ao normal, sem saber como nem por quê. Ao subir a escada, acompanhando os rapazes, sentia-se como se tivesse acordado de um sonho confuso.

O sinal da irmandade secreta

No dia seguinte, Sábado de Aleluia, os serventes não precisaram trabalhar, e a maioria aproveitou para voltar ao sono depois do café da manhã.

— Você também deveria subir e dormir, para se abastecer — disse Tonda para Krabat.

— Como assim, me abastecer?

— Você vai ficar sabendo. Agora vá se deitar e tente dormir o mais possível.

— Tudo bem — disse Krabat, amuado. — Já vou indo... E desculpe eu ter perguntado...

No sótão, alguém cobrira a janela da cumeeira com um pano, o que tinha sido ótimo, pois dava para adormecer mais depressa. Krabat deitou-se do lado direito, de costas para a janela, com cabeça apoiada nos braços. E assim ele dormiu, até Juro vir acordá-lo.

— Levante-se, Krabat, a comida está na mesa!

— O quê? Já é meio-dia?

Sorrindo, Juro retirou o pano que cobria a janela.

— Meio-dia é pouco! — gritou. — O sol está quase se pondo!

Naquele dia, os rapazes do moinho almoçaram e jantaram numa só refeição, que, aliás, foi bem substanciosa e especialmente farta, quase um banquete.

— Comam bastante! — recomendou Tonda. — Vocês sabem muito bem que vai ter que dar para um bom tempo!

Depois da refeição, ao se iniciar a noite de Páscoa, o mestre foi até a sala da criadagem e ordenou que os rapazes fossem “buscar o sinal”.

Eles formaram um círculo em torno do mestre, que começou a contá-los, como as crianças fazem no jogo de pega-pega. Com palavras que soavam estranhas e ameaçadoras, o mestre contava uma vez da direita para a esquerda e outra da esquerda para a direita. Na primeira vez ele parou em Staschko, na segunda em Andrusch. Em silêncio, os dois abandonaram o círculo e se afastaram, enquanto o mestre começava a contar de novo. Dessa vez foram Merten e Hanzo os escolhidos, depois Lyschko e Petar. No final sobraram Krabat e Tonda.

Uma última vez o mestre repetiu as palavras estranhas, devagar e alegremente; depois ele despachou os dois com um gesto e virou-se para sair.

Tonda fez sinal para Krabat segui-lo. Em silêncio, os dois saíram do moinho, e também em silêncio foram juntos até o barracão de madeira.

— Espere um pouco aqui! — Tonda foi buscar duas cobertas de lã no barracão. Deu uma para Krabat, depois tomou o caminho para Schwarzkollm, passando pelo açude do moinho e atravessando Koselbruch.

Quando chegaram ao bosque, a noite já estava bem escura. Krabat esforçava-se para seguir logo atrás de Tonda. Percebeu que já havia passado por ali uma vez, em sentido contrário, sozinho, no inverno. Será que aquilo tinha mesmo acontecido apenas três meses antes?

Nem dava para acreditar!

— Schwarzkollm — disse Tonda, depois de um tempinho.

Viram as luzes da aldeia brilhando entre os troncos das árvores, mas a partir de então tomaram o caminho à direita, na direção da charneca aberta. A trilha, agora, era arenosa e seca, passava por algumas poucas árvores, em meio ao mato e aos arbustos. O céu, ali, parecia ainda mais alto e vasto, tomado pelo brilho das estrelas.

— Para onde estamos indo? — quis saber Krabat.

— Para a Cruz do Assassínio — disse o companheiro.

Pouco depois avistaram na charneca o brilho de uma fogueira, que estava queimando num buraco feito na areia. Quem a teria acendido?

— Com certeza não se trata de pastores, nessa época do ano — disse Krabat para si mesmo. — É bem mais provável que sejam ciganos ou um caminhante com sua tralha.

Tonda parou.

— Eles chegaram antes de nós à Cruz do Assassínio. Então vamos para a Morte de Baumel.

Sem uma palavra de explicação, ele se voltou. Tiveram de seguir todo o caminho de volta ao bosque; chegando lá, viraram à direita, tomando um caminho que circundava Schwarzkollm e terminava do outro lado, numa estrada que conduzia ao lado oposto da orla do bosque.

— Logo chegaremos — disse Tonda.

Nesse meio tempo, a lua tinha surgido e os iluminava. Continuaram pela estrada até a curva seguinte, onde sob a sombra das árvores se encontrava

uma cruz de madeira da altura de um homem, já bem envelhecida, sem qualquer inscrição ou adorno.

— Morte de Baumel — disse Tonda. — Há muitos anos um homem chamado Baumel morreu aqui neste lugar... derrubando madeira, segundo dizem. Ninguém mais sabe exatamente como aconteceu.

— E nós? — perguntou Krabat. — Por que estamos aqui?

— Porque o mestre exige — disse Tonda. — Nós, assim como todos os outros, temos de passar a noite de Páscoa ao ar livre, cada dois em um lugar onde alguém tenha perdido a vida de modo violento.

— E o que mais? — continuou perguntando Krabat.

— Acendemos uma fogueira — disse Tonda. — Depois ficamos em vigília sob a cruz, até o amanhecer. Ao romper o dia, fazemos o sinal, um no outro.

Mantiveram o fogo baixo de propósito, para não chamar a atenção em Schwarzkollm. Cada um enrolado em sua coberta, os dois ficaram sentados sob a cruz, vigiando. De vez em quando Tonda perguntava ao garoto se não estava com frio, ou mandava-o jogar na fogueira alguns dos galhos secos que tinham juntado na orla do bosque. À medida que o tempo avançava, ele foi ficando mais calado. Então foi a vez de Krabat puxar conversa.

— Ei, Tonda.

— O que foi?

— É sempre assim na escola de magia? O mestre lê um trecho do Korak-tor, e depois diz: “Trate de guardá-lo na cabeça”...?

— É — disse Tonda.

— Não consigo imaginar que dê para aprender magia.

— Mas dá — disse Tonda.

— Será que o mestre ficou zangado comigo por eu não ter prestado atenção?

— Não — disse Tonda.

— No futuro vou me concentrar e prestar mais atenção em tudo. Você acha que eu consigo?

— Claro — disse Tonda.

Pelo visto, ele não estava muito a fim de ficar batendo papo com Krabat. Sentado com as costas apoiadas na cruz, Tonda estava imóvel, com o olhar perdido na distância, além da aldeia, lá na charneca iluminada pelo luar. A

partir daquele momento o capataz não disse mais absolutamente nada. Quando Krabat o chamava baixinho pelo nome, ele não respondia. Um morto não teria conseguido ficar em maior silêncio e nem fixar tanto o olhar em lugar nenhum.

Krabat foi achando a atitude de Tonda cada vez mais estranha. Lembrou-se de que tinha ouvido falar em pessoas versadas na arte de "sair de si mesmas", que se liberam de seu corpo, como uma borboleta sai do casulo, e o deixam para trás, como uma simples casca vazia, enquanto seu verdadeiro eu segue seu caminho, invisível, por atalhos secretos, atrás de um objetivo também secreto. Será que Tonda tinha saído de seu corpo? Seria possível que estivesse sentado ali, ao lado da fogueira, mas na verdade se encontrasse em algum outro lugar?

— Tenho de me manter acordado — disse Krabat para si mesmo.

O garoto se apoiava ora no cotovelo direito, ora no esquerdo; ficava atento, para que a fogueira ardesse regularmente; mexia com os galhos, quebrava-os com as mãos e arrumava os pedaços cuidadosamente, formando pequenas pilhas. Assim passaram-se as horas. As estrelas continuavam escalando o céu, as sombras das casas e das árvores caminhavam sob a lua e mudavam de forma vagarosamente.

De repente, a vida pareceu voltar a Tonda. Inclinando-se para Krabat, ele apontou ao redor.

— Os sinos... Está ouvindo?

Desde a Quinta-Feira da Paixão os sinos estavam em silêncio; agora, na metade da noite de Páscoa, todos voltavam a repicar. Das igrejas das aldeias vizinhas seu som ecoava, chegando a Schwarzkollm. Apesar de ser um som abafado, um ruído obscuro, como o zumbido de um enxame de abelhas, ele invadia a charneca, a aldeia, os campos e prados, atingindo até os recantos mais longínquos.

Quase no mesmo momento em que se iniciou ao longe o repicar dos sinos, uma voz de menina começou a cantar em Schwarzkollm. Com júbilo, ela entoava uma canção de Páscoa. Krabat conhecia aquela música, ele mesmo já a havia cantado na igreja, quando criança; no entanto, era como se a estivesse ouvindo pela primeira vez.

Ressuscitou Cristo Jesus Aleluia, Aleluia!

Então juntou-se àquela voz um grupo de doze ou quinze outras vozes de meninas, que cantaram a estrofe em coro até o fim. Depois, a primeira voz

começou sozinha a estrofe seguinte. Assim continuaram cantando, uma voz se revezando com as outras, uma canção após a outra.

Krabat conhecia aquilo de sua terra. Na noite de Páscoa as meninas costumavam cantar, indo e voltando pela rua da aldeia, desde a meia-noite até o crepúsculo. Elas iam de três em três e de quatro em quatro, em fila, bem juntinhas. Uma delas, isso ele sabia, era a que puxava o coro. Era a menina que tinha a voz mais bonita e mais pura de todas. Ia na primeira fila e era a primeira a cantar, sozinha.

Os sinos repicavam ao longe, as meninas cantavam; e Krabat, sentado ao lado da fogueira sob a cruz de madeira, mal ousava respirar. Só ficava escutando, à espreita, espiando a aldeia lá adiante, como se estivesse enfeitiçado.

Tonda jogou um galho no meio das chamas.

— Certa vez eu me apaixonei por uma garota — ele disse. — Seu nome era Worschula. Faz meio ano que ela está no cemitério de Seidenwinkel. Eu lhe trouxe desgraça. Você deve saber que nenhum de nós, lá do moinho, é capaz de dar felicidade às garotas. Não sei por quê, também não quero amendrontá-lo. Mas, se algum dia por acaso você ficar gostando de uma garota, Krabat, não deixe que ninguém perceba. Tome cuidado para o mestre não descobrir, e nem Lyschko, que conta tudo para ele.

— O mestre e Lyschko têm alguma coisa a ver com a morte de sua garota? — perguntou Krabat.

— Não sei — disse Tonda. — Só sei que Worschula ainda estaria viva se eu tivesse conservado seu nome em segredo, só para mim. Quando descobri isso, já era tarde demais. Mas você, Krabat, você já sabe, e ficou sabendo a tempo: se arranjar uma namorada, jamais diga seu nome no moinho! Não o revele a ninguém, por nada deste mundo. A ninguém, ouviu? Nem acordado, nem em sonho, para não lhe trazer desgraça.

— Não se preocupe — disse Krabat. — Não me preocupo com garotas, e nem imagino que algum dia isso possa mudar.

Ao surgir o dia, os sinos silenciaram, assim como a cantoria na aldeia. Tonda cortou com a faca duas lascas de madeira da cruz, que ele jogou na fogueira e deixou arder até virarem carvão.

— Sabe o que é um pentagrama? — perguntou Tonda.

— Não — disse Krabat.

— Olhe aqui!

Com a ponta do dedo, Tonda desenhou uma figura na areia: uma estrela com cinco pontas, formada por várias linhas retas, cada uma delas cortada por duas outras, de modo que o todo podia ser desenhado de uma só vez.

— Este é o sinal — disse Tonda. — Tente copiar meu desenho!

— Não deve ser muito difícil — disse o garoto. — Primeiro você fez assim... e depois assim... e depois assim...

Na terceira tentativa Krabat conseguiu desenhar o pentagrama na areia, sem errar.

— Ótimo — disse Tonda, enquanto apertava em sua mão uma das duas lascas de madeira. — Ajoelhe-se junto da fogueira e desenhe o sinal em minha testa, passando sua mão por cima das brasas. Vou lhe dizendo as palavras que você deverá repetir...

Krabat fez o que o companheiro mais velho mandou. Enquanto os dois desenhavam um na testa do outro o pentagrama, Tonda ia dizendo devagar:

Marco-o, irmão,
com carvão da cruz de madeira.
Marco-o
com o sinal da irmandade secreta.

Depois os dois trocaram o beijo de Páscoa no lado esquerdo, jogaram areia sobre o lugar da fogueira, esparramaram a madeira que sobrou e tomaram o caminho de volta para casa.

Mais uma vez Tonda seguiu o atalho através dos campos, passando por fora da aldeia, na direção do bosque encoberto pela névoa da manhã. Lá apareceram à sua frente os vultos de outras figuras, à luz esfumaçada do alvorecer. Em silêncio, numa longa fila, as garotas da aldeia caminhavam em sua direção. Com lenços escuros na cabeça e nos ombros, cada uma carregava um jarro de água.

— Venha — Tonda sussurrou para Krabat — elas foram buscar a água de Páscoa, não vamos assustá-las...

Os dois se agacharam nas sombras de um arbusto próximo e esperaram as moças passarem.

Krabat sabia que a água de Páscoa precisava ser buscada numa fonte, em silêncio, na manhã de Páscoa antes do nascer do sol. Depois devia ser levada para casa, também em silêncio. Quem se lavasse com ela conseguiria be-

leza e felicidade por um ano todo... pelo menos era isso que as meninas diziam.

Além disso, ao se levar a água de Páscoa para casa, podia-se cruzar com o futuro amado, sem perceber. Isso também era o que as meninas diziam. Quem sabe no que se pode acreditar?

Lembre-se de que eu sou o mestre

O mestre tinha levado um jugo de boi até a porta de entrada, que estava aberta, prendendo-o pelas duas extremidades no batente, na altura dos ombros. Ao voltarem, os rapazes tiveram de passar, um de cada vez, por baixo do jugo, dizendo:

— Inclino-me sob o jugo da Irmandade Secreta.

No vestíbulo, o mestre os esperava. Cada um era recebido com uma bofetada na face direita, enquanto ele gritava:

— Lembre-se de que você é um aluno!

Depois o mestre dava-lhe um tapa na face esquerda e acrescentava:

— Lembre-se de que eu sou o mestre!

Então o rapaz devia inclinar-se três vezes diante do moleiro e saudá-lo:

— Devo-lhe obediência, mestre, em todas as coisas, agora e sempre.

Tonda e Krabat também foram recebidos desse modo. Só que o garoto ainda nem fazia ideia de que a partir de então estaria à mercê do mestre, entregue de corpo e alma, para a vida e para a morte, da cabeça aos pés. Juntou-se aos outros serventes, que se encontravam no fundo do corredor e pareciam estar esperando pelo mingau matutino. Todos, como Tonda e ele, traziam o pentagrama na testa.

Ainda estavam faltando Petar e Lyschko.

Mas logo chegaram à porta de entrada. Depois que também eles se inclinaram ao jugo, receberam as bofetadas e proferiram a saudação, o moinho começou a funcionar, ruidosamente.

— Vamos! — gritou o mestre para os serventes. — Ao trabalho!

Então os rapazes arrancaram os casacos e, ao mesmo tempo que arregaçavam as mangas, dirigiram-se correndo para a casa de moagem, onde carregaram grãos e começaram a moer sem parar, impelidos pelos gritos e pelos gestos impacientes do mestre.

— E é isso que chamam de Domingo de Páscoa! — pensou Krabat. — A noite sem dormir, nada de café da manhã, e cada um trabalhando por três!

Até Tonda foi perdendo o fôlego com o passar do tempo, e começou a suar. Todos se exauriram naquela manhã, o suor brotava-lhes da testa e das têmporas, escorria-lhes pelo pescoço e pelas costas, colando-lhes a camisa e a calça ao corpo.

— Quanto tempo será que isso ainda vai durar? — perguntava-se Krabat.

Para qualquer lado que ele olhasse, só via caras amarradas. Todos arfando e gemendo, pingando e fumegando. E os pentagramas em suas testas iam desaparecendo, desfazendo-se em suor, apagando-se devagar.

Então aconteceu uma coisa inesperada.

Krabat, carregando um saco de trigo, subia a duras penas os degraus do estrado. Estava consumindo suas últimas forças, utilizando toda a vontade de que ainda dispunha. Dali a pouco acabaria tropeçando e se estatelando com tudo no chão. Mas de repente seu cansaço desapareceu: a cãibra nas pernas se foi, as dores lombares pararam e sua respiração voltou ao normal.

— Tonda! — ele gritou. — Veja só!

De um salto ele acabou de subir ao estrado, depois tirou o saco dos ombros, segurou-o pelas pontas e o balançou, antes de esvaziá-lo no crivo, dando gritos de alegria, como se estivesse carregando almofadas de penas e não grãos de cereais.

Os serventes pareciam transformados, abriam os braços, riam, davam-se tapinhas nos ombros. Kito, sempre tão azedo e mal-humorado, também não era exceção.

Krabat quis correr para o depósito, para buscar mais um saco.

— Parem! — gritou o capataz. — Agora chega, já basta!

Fizeram o trigo passar pela moagem, depois Tonda parou as máquinas.

— Por hoje chega!

Um rangido, uma última batida, a roda do moinho parou de girar, as caixas de farinha foram sacudidas.

— Irmãos! — gritou Staschko. — Agora vamos festejar!

De repente apareceu vinho, em grandes jarras, e Juro trouxe bolinhos de Páscoa, assados na banha, dourados e doces, recheados com ricota ou com pasta de ameixa.

— Comam, irmãos, comam! E não se esqueçam do vinho!

Todos comeram, beberam, puseram-se à vontade. Mais tarde Andrusch começou a cantar, em voz alta e animada. Eles acabaram com os bolinhos e regaram a garganta com vinho tinto. Depois formaram uma roda, abraçaram-se e começaram a bater com os pés o ritmo de uma canção.

O moleiro estava sentado na porta do moinho,
Pam, parapão, Parapampampão!

Daí todo enfeitado chegou um serventezinho,
Pam, parapão,
chegou um serventezinho
Pam, parampão, Parapampampão!

O "Pam, parampão" os rapazes cantavam em coro. Daí Hanzo começou uma nova estrofe. Assim todos cantaram e continuaram dançando em roda, ora para a esquerda, ora para a direita, ora para o meio e ora para fora.

Por fim, como convinha aos jovens aprendizes, chegou a vez de Krabat. Então ele fechou os olhos e cantou o fim da canção:

Mas o serventezinho não era nenhum bobão,
Pam, parapão, Parapampampão!
Ele torceu o pescoço do moleiro valentão!
Pam, parampão, Parapampampão!
Do moleiro valentão!
Pam, parampão, Parapampampão!

Então pararam de dançar e começaram a beber de novo. Kubo, que normalmente era tão quieto, puxou o garoto de lado e bateu-lhe nos ombros.

— Você tem uma voz muito bonita, Krabat. Perdeu-se em você um grande cantor.

— Em mim? — espantou-se Krabat.

Só então, depois da observação de Kubo, o garoto percebeu o que tinha acontecido: estava conseguindo cantar de novo. Decerto com uma voz mais grave, mas firme e segura, e sem aquela coceira na garganta que o incomodava desde o começo do último inverno.

Na segunda-feira de Páscoa os serventes do moinho retomaram seu trabalho habitual. Tudo continuava como sempre, só que Krabat não precisava mais se matar de trabalhar como antes. Agora conseguia realizar com a maior facilidade tudo o que o mestre exigia dele. Pareciam longe os tempos em que, noite após noite, ele caía no enxergão quase morto de cansaço.

Krabat sentia-se grato pela mudança. Bem podia imaginar como tinha chegado àquela situação. Assim que se viu a sós com Tonda, falou com ele a esse respeito.

— Você está certo — disse Tonda. — Enquanto estávamos com o pentagrama na testa, era preciso trabalharmos como bois, até o último deles ter sido dissolvido pelo suor. A partir de agora o trabalho será leve, desde que o realizemos entre a manhã e a noite, o ano todo.

— E nos intervalos? — perguntou Krabat. — Quero dizer, fora desse horário?

— Então não — disse Tonda. — Fora desse período, temos de nos virar com nossas próprias forças. Mas, quanto a isso, pode ficar sossegado, Krabat. Primeiro, não é muito frequente sermos arrancados do sono para trabalhar durante a noite; segundo, sempre dá para aguentar.

Eles nunca mais falaram a respeito da noite de Páscoa e do sofrimento de Tonda com sua garota, nem mesmo em insinuações. No entanto, Krabat achava que sabia onde Tonda estivera enquanto ficara sentado ao lado da fogueira, imóvel e com o olhar perdido ao longe. Sempre que Krabat se lembrava da história de Worschula, vinha-lhe imediatamente a lembrança da menina que puxava o coro, e mais ainda de sua voz, tal como ele a ouvira daquela vez, perto de Schwarzkollm, à meia-noite. Achava estranho e gostaria muito de não pensar mais naquilo, mas não conseguia.

Uma vez por semana, na sexta-feira, os serventes se juntavam na frente da câmara escura após o jantar, transformavam-se em corvos, coisa que logo Krabat também aprendeu a fazer, e pousavam no poleiro. O mestre lia para eles um determinado trecho do Koraktor, três vezes ao todo, e eles precisavam repeti-lo, não importando o que e quanto tivessem memorizado: nesse ponto o mestre não era rígido.

Krabat esforçava-se intensamente para prestar atenção em tudo o que o mestre ensinava: o encanto do tempo e o açúcar de gelo, a arte de paralisar e como lidar com esferas livres, tornar-se invisível, a arte de sair de seu próprio corpo, e tudo o que estivesse na ordem do dia. Durante o dia todo e à noite, antes de dormir, ele repetia sem cansar os textos e fórmulas, para decorá-los bem.

Ora, Krabat compreendera que quem fosse versado na arte das artes teria poder sobre as outras pessoas; e conseguir ter tanto poder quanto o mestre, ou até mais, era para ele o objetivo supremo. Por isso Krabat estudava incessantemente.

Era a segunda semana depois da Páscoa. Certa noite, os serventes foram tirados da cama. O mestre pôs-se em pé na porta do dormitório, com um

lampião na mão.

— Temos trabalho, o padrinho está vindo para cá, mexam-se, mexam-se!

Em meio à excitação, Krabat não encontrou seus sapatos. Descalço, correu atrás dos outros para o pátio da frente do moinho.

Era lua nova, a noite estava tão escura, que não se conseguia enxergar um palmo à frente dos olhos. No meio da confusão, alguém pisou no pé de Krabat com o tamanco.

— Ei! — gritou o garoto. — Veja lá onde pisa, seu paquiderme!

Aí uma mão tapou-lhe a boca.

— Nem mais uma palavra! — sussurrou Tonda.

Então o garoto percebeu que nenhum dos rapazes tinha proferido uma só palavra, desde que se levantaram. E continuaram calados pelo resto da noite. Krabat imitou-os.

Ele já imaginava que tipo de trabalho os esperava. Logo apareceu o estranho com a pena de galo no chapéu, todo apressado, dirigindo sua carroça. Os rapazes se precipitaram para o carro, arrancaram a lona preta e começaram a levar os sacos para dentro da casa... para o ponto morto, que ficava no canto do fundo da casa de moagem.

Tudo aconteceu exatamente como quatro semanas antes, quando Krabat observara os rapazes pela janela do sótão, só que desta vez o mestre ficou sentado junto do estranho, na boleia da carroça. E era ele quem estalava o chicote, bem pertinho de suas cabeças, de modo que os rapazes se abaixavam ao sentir o ar se deslocar.

Krabat quase tinha esquecido como aqueles sacos eram pesados, difíceis de carregar, e como logo se perdia o fôlego naquele trabalho.

— Lembre-se de que você é um aluno!

As palavras do mestre: quanto mais ele as experimentava, menos lhe agradavam.

O chicote estalava, os rapazes corriam, a roda do moinho girava, e o barulho e o chiado do ponto morto enchiam a casa. O que os sacos continham, afinal? Krabat lançou um olhar para dentro do crivo. Com a pouca luz do lampião que balançava no teto, não dava para reconhecer muita coisa. Seria esterco de cavalo que ele estava jogando lá dentro? Seriam pinhas? Podiam ser também pedras, redondas, cheias de sujeira...

O jovem não teve tempo para ver com mais precisão, pois logo veio Lyschko, arqueado sob o peso de mais um saco. Batendo com o cotovelo nas

costelas de Krabat, ele o afastou para o lado.

Michal e Merten incumbiam-se da saída da caixa de moagem. Enchiam os sacos vazios com o produto já moído e os amarravam. Tudo prosseguia exatamente como da outra vez. Ao primeiro canto do galo, a carroça estava cheia, a lona havia sido reposta e amarrada. O estranho apanhou o chicote e, eia!, partiu à toda com a carroça, a tal velocidade, que o mestre teve de saltar para o lado para não quebrar o pescoço.

— Venha! — disse Tonda para Krabat.

Enquanto os outros rapazes desapareceram dentro da casa, os dois foram até o açude, para fechar a comporta. Ouviram lá embaixo a roda do moinho parar de girar, e tudo ficou em silêncio; só o galo cantava, e as galinhas cacarejavam.

— Ele vem com muita frequência? — perguntou Krabat, apontando com a cabeça para a direção em que o veículo desaparecera na neblina.

— Toda lua nova — disse Tonda.

— Você sabe quem ele é?

— Só o mestre sabe. Chama-o de padrinho... e tem medo dele.

Lentamente os dois atravessaram os campos molhados de orvalho, voltando para o moinho.

— Tem uma coisa que eu não entendo — disse Krabat, antes de entrarem na casa. — A última vez que o estranho esteve aqui o mestre também trabalhou. E hoje?

— Aquela vez — disse o capataz — ele precisou participar para completar uma dúzia. Mas desde a Páscoa nós já somos doze na escola de magia negra. Agora ele pode se dar ao luxo de ficar estalando o chicote nas noites de lua nova.

Ochsenblaschke de Kamenz

Às vezes o mestre enviava os serventes do moinho em duplas ou em pequenos grupos para cumprirem tarefas em outros lugares, dando-lhes oportunidade de utilizar o que aprendiam na escola de magia negra.

Certa manhã, Tonda aproximou-se de Krabat e lhe disse:

— Hoje tenho de ir com Andrusch até Wittichenau, ao mercado de gado. Se você quiser vir junto... O mestre deu licença.

— Ótimo — disse Krabat. — Enfim alguma coisa diferente da eterna moagem!

Eles escolheram o caminho que passava pelas casas do lago de Neundorf e levava até a estrada principal. Era um dia lindo e ensolarado de verão. Gaios matraqueavam nos galhos das árvores, ouviam-se as bicadas de um pica-pau, enxames de abelhas e zangãos zumbiam entre os arbustos de framboesas.

Krabat notou que Tonda e Andrusch estavam com cara de quem ia a um parque de diversões. Aquela alegria toda não podia ser só por causa do bom tempo. Na verdade, Andrusch estava sempre feliz e bem-humorado, mas ver Tonda assobiando de satisfação era muito raro. De vez em quando ele estalava o vergalho.

— Está treinando bastante — disse Krabat. — É para saber como fazer na volta?

— Na volta?

— Estou achando que vamos comprar um boi em Wittichenau.

— Ao contrário — disse Tonda.

Nesse momento o garoto ouviu um *muuu!* atrás dele. Ao se virar, em vez de Andrusch viu um boi bem gordo, de pelo liso, que o encarava amigavelmente.

— Ei! — disse Krabat, esfregando os olhos.

De repente Tonda também desapareceu. Em seu lugar surgiu um velho camponês sorábio, com chinelos de ráfia nos pés, as calças de linho amarradas com correias de couro na altura dos tornozelos, uma corda em torno do guarda-pó, o gorro ensebado, com a aba de pele já bem gasta.

— Ei! — disse Krabat pela segunda vez.

Então alguém bateu-lhe no ombro por trás e riu.

Quando Krabat se voltou, deu de cara com Andrusch de novo.

— Onde você estava, Andrusch? E onde se meteu aquele boi, que estava agorinha mesmo aí no seu lugar?

— Muuu! — disse Andrusch, imitando voz de boi.

— E Tonda?

Diante de seus olhos, Krabat viu o camponês transformar-se novamente em Tonda.

— Ah, então é assim? — disse o garoto.

— É — disse Tonda —, é assim. Vamos exibir Andrusch no mercado de gado.

— Você quer... vendê-lo?

— O mestre quer.

— E se Andrusch for para o matadouro?

— Não se preocupe! — tranquilizou-o Tonda. — Se vendermos Andrusch, bastará conservar a corda pela qual o puxamos. Então ele poderá se transformar de novo a qualquer momento, assumindo a forma que quiser.

— E se perdermos a corda?

— Nem pensem numa coisa dessas! — gritou Andrusch. — Eu teria de passar o resto de meus dias como boi e me alimentar de feno e palha. Não percam essa corda de vista, pois me tornariam muito infeliz!

Tonda e Krabat causaram sensação e despertaram admiração no mercado, com seu boi. Os comerciantes de gado vinham de todos os lados e os rodeavam. Alguns aldeões e alguns camponeses que haviam vendido seu gado e seus porcos também se acotovelavam em torno deles. Não era todos os dias que se via um boi tão gordo. Era preciso aproveitar a ocasião, antes que outro conseguisse ficar com o belo animal!

— Quanto custa?

De todos os lados, os negociantes falavam com Tonda e o atropelavam. O açougueiro Krause, de Hoyerswerda, ofereceu quinze ducados por Andrusch; o corcunda Leuschner, de Königsbruck, dezesseis.

Tonda balançava a cabeça ao ouvir as ofertas.

— Muito pouco — explicava.

Muito pouco? Estava ficando doido? Por acaso achava que eles eram bobos?

Tonda respondia que os cavalheiros deviam saber melhor do que ele se eram bobos ou não.

— Está bem — disse Krause de Hoyerswerda. — Dou dezoito.

— Por dezoito prefiro ficar com ele — resmungou Tonda.

Também não o vendeu por dezenove ao Leuschner de Königsbruck, e nem por vinte ao lavrador Gustav de Senftenberg.

— Então vá para o diabo, você e seu boi! — xingou o açougueiro Krause.

Leuschner enxugou o suor da testa e gritou:

— Acho que sou um idiota para me arruinar assim! Ofereço vinte e dois, e essa é minha última oferta.

Parecia que as negociações haviam chegado a um impasse. De repente surgiu do meio da multidão um homem deformado de tão gordo, que bufava a cada passo, como se fosse um leão-marinho. Sua cara de sapo, com os olhos redondos e saltados, brilhava de suor. Estava usando um casaco verde com botões prateados, uma vistosa corrente de relógio sobre o colete de veludo vermelho, e no cinto, bem à vista de todos, trazia uma bolsa de dinheiro bem recheada.

Ochsenblaschke de Kamenz era um dos comerciantes de gado mais ricos da região, e provavelmente o mais esperto. Ele empurrou Leuschner e Gustav para o lado, depois gritou, com sua voz portentosa e forte:

— Com mil diabos, como se explica um boi tão gordo nas mãos desse camponês magricela? Fico com ele por vinte e cinco.

Tonda coçou a orelha.

— Muito pouco, cavalheiro...

— Muito pouco? Ora, veja só!

Blaschke pegou uma latinha de rapé prateada, tirou a tampa, estendeu-a para Tonda.

— Quer uma pitadinha?

Primeiro ele mesmo deu uma cheirada, depois deixou o velho sorábio cheirar.

— Caramba... esse é dos bons!

— À sua saúde, cavalheiro!

Ochsenblaschke deu uma assoada num imenso lenço xadrez.

— Bom, então vinte e sete, com mil demônios... e ele é meu!

— Muito pouco, cavalheiro.

Blaschke ficou vermelho.

— Ei, por quem está me tomando? Vinte e sete pelo seu boi, e nem um tostão a mais, ou não me chamo Ochsenblaschke de Kamenz!

— Trinta, cavalheiro — disse Tonda. — Por trinta o senhor fica com ele.

— Isso é o cúmulo! — gritou Blaschke. — Está querendo me deixar na miséria?

Ele virou os olhos, esfregou as mãos.

— Por acaso não tem coração? Como pode permanecer cego e surdo às necessidades de um pobre negociante? Vamos, ceda um pouco, meu velho, e me dê o boi por vinte e oito!

Tonda permaneceu irredutível.

— Trinta... e pronto! O boi é um espécime primoroso, não vou vendê-lo por menos. Ninguém consegue imaginar o quanto me é difícil desfazer-me dele. Se tivesse de vender meu próprio filho, não me sentiria pior.

Ochsenblaschke notou que não ia conseguir nada. Mas o boi era realmente de primeira. Para que então perder tempo com aquele sorábio cabeça-dura?

— Passe-o para cá, com mil demônios! — ele gritou. — Hoje é meu dia de fraqueza, vou me deixar enrolar, estou levando prejuízo. E tudo porque me deixo comover por pessoas pobres. Dê cá a sua mão... e negócio fechado!

— Fechado! — disse Tonda.

Depois ele tirou o gorro e fez Blaschke jogar nele os trinta ducados, um por um.

— Contou direitinho?

— Contei.

— Então pode ir embora, sorábio!

Ochsenblaschke pegou Andrusch pela corda e já estava indo embora com ele. Então Tonda segurou o gordo pelo braço.

— O que foi agora? — perguntou Blaschke.

— Bom — disse Tonda, fingindo-se embaraçado é só uma coisinha de nada.

— O que é, afinal?

— Se o sr. Blaschke tivesse a bondade de me deixar ficar com a corda, eu agradeceria muito...

— A corda?

— De lembrança. Porque o senhor Blaschke deve saber como foi difícil para mim separar-me do meu boi. Dou-lhe uma outra, cavalheiro, para que o senhor leve meu pobre boi, que agora lhe pertence...

Tonda soltou a corda que levava na cintura, Blaschke permitiu que ele a trocasse pela que estava amarrada à cabeça do boi. Depois o comerciante se retirou, arrastando Andrusch. Mal chegou à primeira esquina, ele começou a rir. Pagara trinta ducados por Andrusch, e era um bom preço; em Dresden, no entanto, não lhe seria difícil vender aquele excelente animal pelo dobro, talvez até mais.

No princípio do bosque, atrás das casas, Tonda e Krabat se deitaram na grama, para esperar por Andrusch. Tinham comprado um pedaço de toucinho e pão em Wittichenau, e agora estavam comendo.

— Você foi ótimo! — disse Krabat para Tonda. — Precisava ter visto a si mesmo, na hora em que desprezou a oferta do gordo: muito pouco, cavalheiro, muito pouco... Ainda bem que se lembrou da corda em tempo, eu até já tinha me esquecido dela.

— É só questão de hábito — assegurou-lhe Tonda.

Separaram um pedaço de pão e um de toucinho para Andrusch, enrolaram no guarda-pó de Krabat e resolveram tirar uma soneca. Satisfeitos como estavam, e cansados por causa da longa caminhada, dormiram profundamente. De repente um *muuu!* os acordou, e Andrusch apareceu na frente deles, novamente sob forma humana. Pelo menos aparentemente estava inteirinho, são e salvo.

— Ei, vocês... tem alguém que está cansado e faminto! Por acaso têm um pedaço de pão para mim?

— Pão e toucinho — disse Tonda. — Sente-se conosco, irmão, e bom proveito! Como se saiu com Ochsenblaschke?

— Como me saí! — resmungou Andrusch. — Claro que não é nenhuma satisfação para um boi trotar por várias milhas, com esse calorão, e ainda por cima engolindo poeira... principalmente quando não está acostumado. De qualquer modo, não achei ruim quando Blaschke resolveu entrar na pousada de Oßling.

"Vejam só!", gritou o hospedeiro quando nos viu chegar, "o primo de Kamenz! Como vai? Como vão as coisas?"

"Não iriam mal, se não fosse a sede enorme que estou sentindo com esse calorão!"

“Nisso podemos dar um jeito!”, disse o hospedeiro. “Entre na pousada e sente-se à mesa de honra! Temos cerveja suficiente no porão. Pode ficar bebendo uma semana inteira, que nem assim você vai dar conta de tudo!”

“E o boi?”, perguntou o gordo, “meu boi de trinta ducados?"

“Vamos levá-lo ao estábulo, lá ele terá água fresca e comida à vontade! Comida de boi, claro...”

Andrusch espetou um pedaço bem grande de toucinho com a ponta da faca e cheirou-o, antes de levá-lo à boca e continuar:

— Levaram-me para o estábulo, e o hospedeiro de Oßling chamou a criada responsável.

“Ei, Kathel, cuide bem do boi de meu primo de Kamenz, senão ele nos esfola!”

“Muito bem”, disse Kathel, e já foi colocando uma braçada de feno na manjedoura. E isso já me fartou da vida de boi. Sem pensar muito, disse com voz humana:

“Podem ficar com esse feno e com a palha. Prefiro um assado de porco com bolinhos e chucrute, acompanhados de uma boa cerveja!”

— Ah, seu pilantra! — gritou Krabat. — E depois?

— Bom — disse Andrusch — os três caíram de costas, de tanto susto, e começaram a gritar por socorro, como se estivessem pisando em espetos. Aí mugí mais uma vez para me despedir e saí voando para a porta do estábulo, transformado em andorinha... pi-pi-pii... e foi isso.

— E Blaschke?

— Que o diabo o carregue junto com seu comércio de gado! — Andrusch pegou o vergalho e, como que para se fortalecer, começou a estalá-lo violentamente. — Estou feliz por ser eu de novo, com meu nariz bexiguento!

— Eu também — disse Tonda. — Você fez seu papel direitinho... e acho que Krabat deve ter aprendido muito com tudo isso.

— Com certeza! — exclamou o garoto. — Agora sei o quanto é divertido saber magia.

— Divertido? — o capataz ficou sério. — Pode até ser que tenha razão. De vez em quando chega a ser divertido.

Música militar

Havia muitos anos o príncipe da Saxônia estava guerreando contra o rei da Suécia, pela coroa polonesa. Como para sustentar uma guerra é preciso ter, além de dinheiro e canhões, principalmente soldados, ele fez soar as trombetas pelo país, convocando gente para suas tropas. Muitos rapazes se alistaram espontaneamente, sobretudo no início da guerra. Em alguns casos, no entanto, os arregimentadores precisavam dar uma forçada, ora oferecendo bebida, ora dando umas pancadas. Mas fazia-se tudo para servir o glorioso regimento, ainda mais quando se recebia uma boa quantia por cada soldado recrutado.

Certa noite, no início de outono, um destacamento de arregimentadores perdeu-se em Koselbruch. O grupo era formado por um tenente do regimento de infantaria de Dresden, um sargento de bigodinho, dois cabos e um tambor, que carregava seu instrumento nas costas como se fosse uma corcunda. Já estava escurecendo, o mestre havia se ausentado por três ou quatro dias, em viagem pelo país, os serventes do moinho se divertiam na sala da criadagem e pensavam em passar vadiando o que ainda restava do dia. De repente bateram na porta e, quando Tonda saiu, encontrou lá fora o tenente com seus soldados.

— Somos oficiais de Sua Alteza, o digníssimo príncipe, e perdemos o caminho, motivo pelo qual resolvemos nos abrigar por esta noite neste maldito moinho. Está bem claro?

— Certamente. Sempre será possível arranjar um lugar no palheiro para os senhores.

— No palheiro? — bufou o sargento. — Isso não está certo, rapaz! A melhor cama no moinho deve ser para Sua Senhoria, por mil canhões! E que o carcereiro o leve, se não for a melhor de todas! Além disso, estamos famintos. Portanto, ponham à mesa o que houver na cozinha para se comer... e também cerveja ou vinho, tanto faz, contanto que seja suficiente... e é bom que seja suficiente, senão o castigarei com minhas próprias mãos e acabarei com todos os seus ossinhos! Vá logo, apresse-se, ou terá de se entender comigo!

Tonda assobiou entre os dentes, de leve e baixinho, mas deu para os serventes que estavam na sala ouvirem. Quando o capataz entrou com os arre-

gimentadores, a sala estava vazia.

— Senhores soldados, façam o favor de tomar assento, a comida já vem!

Enquanto os hóspedes indesejados se punham à vontade na sala da criadagem, afrouxando suas gravatas e desamarrando suas polainas, os aprendizes se reuniam na cozinha, para resolver o que fazer.

— Esses macacos emproadinhos! — gritou Andrusch. — Afinal, quem eles pensam que são?

Ele já tinha um plano preparado. Todos os rapazes, até mesmo Tonda, aceitaram-no integralmente. Andrusch e Staschko, com a ajuda de Michal e Merten, prepararam depressa a refeição: três travessas cheias de farelo e serragem, misturadas com óleo de linhaça rançoso, para formar um mingau, e temperadas com pó de fumo. Juro correu até o chiqueiro e voltou com dois pães embolorados debaixo do braço. Krabat e Hanzo encheram cinco canecas de cerveja com a água salobra da chuva, depositada num barril.

Quando tudo estava pronto, Tonda foi até os soldados e anunciou que a comida estava pronta. Se Suas Senhorias estivessem de acordo, ele mandaria servir. Então estalou os dedos... e era um estalo de tipo muito especial, como veremos adiante.

Primeiro o capataz mandou que trouxessem as três travessas.

— Aqui está, se lhes agrada, uma sopa de macarrão com carne de vaca e miúdos de frango. Ali, uma travessa de couve com vitela. E lá feijão branco temperado com cebola frita e toucinho...

O tenente cheirou os pratos. Era uma escolha difícil.

— Muito bem, você sabe como servir uma mesa. Deixe-me começar pela sopa!

— Também temos presunto e carne defumada — continuou Tonda, apontando para os pães embolorados que Juro trazia numa bandeja.

— Só que ainda está faltando o mais importante! — anunciou o sargento. — Carne defumada dá sede, e a sede precisa ser saciada, enquanto ainda se é jovem, com um bom arranha-goela!

A um gesto de Tonda, marcharam para dentro da sala Hanzo e Krabat, Petar, Lyschko e Kubo, cada um carregando uma caneca de cerveja cheia de água salobra.

— Com todo o respeito a Vossa Senhoria... à sua saúde! — e o sargento esvaziou sua caneca bebendo à saúde do tenente. Depois ele limpou o bigo-

de e arrotou. — Nada má essa bebida... por minha mãezinha, não é ruim essa coisa! Feita em casa?

— Não — disse Tonda. — Vem da cervejaria de Traufersdorf.

Foi uma noite divertida. Os arregimentadores comeram e beberam por dez, e os serventes divertiram-se a valer, pois sabiam muito bem o que na verdade os soldados estavam comendo e bebendo, sem terem a menor ideia.

O barril de água de chuva era grande. A água salobra foi suficiente para encher várias vezes as canecas. Aos poucos, os hóspedes começaram a ficar com os rostos vermelhos. O tambor, um jovem da idade de Krabat, despencou na quinta caneca, como se fosse um saco de farinha; bateu com a cabeça no tampo da mesa e começou a roncar. Os outros continuaram a beber. No melhor da festa, o tenente, olhando para os serventes do moinho, lembrou-se do dinheiro que lhe cabia a cada novo recruta arregimentado.

— Que tal — gritou ele, virando mais uma caneca de cerveja — se vocês dessem um basta ao serviço do moinho e o trocassem pelo serviço militar? Um servente de moleiro é um joão-ninguém, um zero à esquerda, um monte de lixo. Um soldado, ao contrário...

— Um soldado — continuou o sargento, batendo com o punho na mesa, fazendo tremer o tambor —, um soldado recebe o soldo e pode se divertir à vontade, junto com bons companheiros. E também com cidadãos comuns, principalmente com as moças e as jovens viúvas. Sempre é alguém, quem usa lenço de duas cores no pescoço e botões de níquel na farda... e polainas até os joelhos!

— E a guerra? — quis saber Tonda.

— A guerra? — gritou o tenente. — A guerra é a melhor coisa que um soldado pode desejar. Quando é objetivo e tem um pouco de sorte, não lhe faltam nem honras, nem vítimas. Consegue ser promovido e, por seus atos de bravura, torna-se cabo ou até mesmo primeiro-sargento...

— E já houve vários — retrucou o sargento —, vários que na guerra passaram de simples soldados a oficiais, até mesmo com honras de general! E quero ser engolido vivo e cuspido, se tudo isso que eu disse não for a pura verdade!

— Por isso não hesitem! — gritou o tenente. — Sejam bons rapazes e venham conosco para o regimento! Aceito-os como recrutas, assim como vocês são! Toquem aqui!

— Com prazer! — o capataz do moinho bateu na mão direita que o tenente lhe ofereceu. Michal, Merten e todos os outros fizeram o mesmo.

O tenente estava exultante. O sargento, que mal conseguia se manter de pé, percorreu a fila, fazendo com que os rapazes mostrassem os dentes incisivos.

— Vamos ver se esses molóides aguentam o tranco! Os dentes da frente de um soldado, como todo o mundo sabe, precisam estar em perfeitas condições. Senão, durante a batalha, ele não conseguirá arrancar os cartuchos com os dentes e atirar contra os inimigos do honorável príncipe tal como lhe ensinaram e como deve fazer por respeito à bandeira.

Estava tudo em ordem. Só quando chegou a vez de Andrusch o sargento ficou em dúvida.

Um empurrão e depois uma pressão para a frente com o dedão. E foi então que aconteceu.

— Maldição! — o sargento tinha quebrado dois dentes de Andrusch. — O que você está pensando, patife? Quer se tornar soldado com essa sua dentadura de velha? Suma da minha frente, seu desdentado, antes que eu perca a paciência!

Andrusch continuou calmo e sorridente.

— Se me permite — ele disse —, esses são *meus* dentes, e eu gostaria de tê-los de volta.

— Pois pode enfiá-los no bolso! — rosnou o sargento.

— No bolso? — disse Andrusch, como se não tivesse ouvido direito. — Não é bem assim!

Ele pegou os dentes e cuspiu neles, depois colocou-os no lugar de onde tinham caído.

— Agora estão mais firmes que antes. Quer fazer o favor de verificar?

Os rapazes sorriram, o sargento estava bufando de raiva. O tenente, pelo contrário, pensando no dinheiro que iria receber e não querendo ficar sem Andrusch, ordenou:

— Vamos, verifique!

O sargento, embora contra a vontade, obedeceu e foi testar os dentes de Andrusch. Mas que estranho: por mais que fizesse força, pressionando e puxando, não conseguiu abalá-los, nem mesmo quando tentou quebrá-los com o cabo de seu cachimbo.

— Isso é coisa do demo! — gritou ele. — Não pode acontecer com gente comum! Mas para mim tanto faz. Não sou em quem vai decidir se esse nariz bexiguento pode se tornar soldado ou não. Isso é com o senhor...

O tenente coçou a orelha. Também tinha bebido bastante, também estava achando tudo aquilo muito estranho.

— Vamos dormir pensando no caso — ele resolveu. — Antes de partir vamos testar o rapaz de novo.

Então o tenente disse que queria dormir.

— Muito bem — disse Tonda. — Mandei preparar a cama do mestre para Vossa Senhoria, e para o senhor sargento um lugar no quarto de hóspedes. Mas o que faço com os cabos e com o senhor tambor?

— N-não se preocupe! — esbravejou o sargento. — Que se arranjem no feno, que já é b-bom demais para eles!

Na manhã seguinte o tenente acordou dentro de uma caixa cheia de beterrabas, que estava atrás da casa; o sargento, por sua vez, estava dentro do cocho dos porcos. Os dois se levantaram, xingando e praguejando. Os serventes do moinho, porém, acudiram correndo, com cara de inocentes.

O que tinha acontecido? Mas como, se na noite anterior eles tinham levado os cavalheiros direto para a cama... Será que eram sonâmbulos? Se não fosse o cheiro forte de cerveja, dir-se-ia que se tratava de um caso de sonambulismo. Sorte os senhores não terem se machucado enquanto vagavam tateando pelo moinho. De fato, não apresentavam nem um arranhão, inchaço ou ferimento pior. Pois é, sabe-se por experiência que as crianças, os tolos e os bêbados têm um anjo da guarda muito especial.

— Calem a boca! — resmungou o sargento. — Agora sumam e preparem-se para marchar! E você aí, nariz bexiguento, venha cá para eu verificar seus dentes!

Como Andrusch passou pela prova dos dentes, o tenente decidiu que o rapaz seria recrutado e não se preocupou mais com o assunto.

Depois do café da manhã, os arregimentadores partiram com os recrutas. Marchavam na direção de Kamenz, para o quartel-general de seu regimento. À frente ia o tenente, seguido do tambor, depois os serventes do moinho, em fila de dois em dois, depois os dois cabos e, finalmente, no fim do cortejo, o sargento. Os serventes estavam de muito bom humor, seus acompanhantes nem tanto. Quanto mais caminhavam, mais pálidos e abatidos eles ficavam, e volta e meia um ou outro desaparecia por trás das moitas. Kra-

bat, que marchava na última fila ao lado de Staschko, ouviu um dos cabos queixar-se para o outro:

— Caramba, camarada, meu estômago está péssimo! Estou me sentindo como se tivesse devorado cinco quilos de argamassa!

Krabat trocou um olhar divertido com Staschko.

— Isso acontece — ele pensou — quando se confunde serragem com macarrão, pão embolorado com carne defumada, e fumo com manjerona!

À tarde o tenente parou para descansar num bosque de bétulas.

— Daqui até Kamenz ainda resta um quarto de milha — disse. — Quem quer dar o fora que seja agora, pois essa é a última chance. Sargento!

— Pronto!

— Faça com que os rapazes mantenham suas coisas arrumadas e cuide para que não saiam da fila, quando chegarmos à cidade. E que eles marchem obedecendo ao rufar do tambor!

Depois de uma curta pausa, a tropa se pôs novamente em marcha, dessa vez ao rufar do tambor e ao som da corneta.

Ao som da corneta?

Andrusch tinha formado um funil com a mão direita e, levando-a aos lábios, soprava com toda força a marcha dos granadeiros sorábios, como faria o melhor dos corneteiros da mais faustosa banda.

Os outros rapazes gostaram da coisa. Também começaram a fazer música, alto e bom som: Tonda, Staschko e Krabat tocavam trombeta, Michal, Merten e Hanzo tocavam clarim; os outros se dividiam entre trompetes pequenos e grandes, e Juro tocava trombone. Embora, como Andrusch, só estivessem soprando nas mãos, o som que produziam era de uma verdadeira banda sorábia em marcha.

— Parem! — queria gritar o tenente. — Parem, seus patifes, parem! — queria esbravejar o sargento.

Mas eles não conseguiam emitir nem uma palavra, e nem podiam, embora quisessem, entrar no meio deles com suas bengalas.

Permaneceram em seus lugares, marchando junto, um à frente e o outro atrás. Nada podia ajudá-los, nem praga nem reza brava.

Ao som das trombetas e da corneta, entraram em Kamenz, para diversão de todos os soldados e habitantes da cidade com os quais cruzavam no caminho. Crianças passavam correndo e gritavam “hurra!”, as janelas das ca-

sas se abriam, as garotas de Kamenz acenavam e lançavam-lhes beijos com as mãos.

Ao som da música, Tonda e seus companheiros, seguidos por sua escolta, deram várias voltas na praça da prefeitura, cujas calçadas rapidamente se encheram de espectadores. Finalmente, alarmado pelo som da odiada marcha sorábia, apareceu o senhor Christian Leberecht Furchtegott, nobre de Landtschaden-Pummerstorff. Ele era o coronel em Dresden do regimento de Sua Honorável Majestade, o príncipe da Saxônia. Velho guerreiro experiente, tinha engordado bastante depois de muitos anos de vida militar.

O senhor de Landtschaden-Pummerstorff chegou à praça andando com dificuldade, acompanhado de três oficiais e vários ordenanças. Diante do espetáculo ridículo que se apresentou a ele, quis manifestar sua indignação com uma avalancha das piores maldições que ele conhecia... mas então perdeu a fala.

Ora, assim que o avistou, Andrusch começou a tocar junto com seus camaradas a marcha de desfile da cavalaria sorábia. Aquilo, como era de esperar, enfureceu o coronel, que era um fiel soldado de infantaria do príncipe saxão. Além disso, era uma melodia que mais se adaptava ao trote do que à marcha, o que fez com que os rapazes do moinho e seus acompanhantes começassem imediatamente a trotar. Foi de fato muito engraçado, exceto aos olhos do coronel.

Sem conseguir falar, de tanta raiva, e buscando ar como uma carpa na rede, Landtschaden-Pummerstorff teve de assistir a uma dúzia de recrutas cavalgando na praça ao som de uma marcha de cavaleiros, ainda por cima inimigos. No entanto, por Satanás, o que estava acontecendo com o tenente que os escoltava, que saltitava com a lâmina de seu sabre entre as pernas, como se ela fosse um cavalinho de pau? Em vista daquele comportamento tão degradante para um oficial saxão, não era de espantar que também seus subordinados, inclusive sargento e tambor, não tivessem vergonha de participar da palhaçada.

— Esquadrão, alto! — comandou Tonda, depois de terem entoado a marcha até o fim.

Os rapazes se perfilaram diante do coronel, tiraram os gorros para cumprimentá-lo, sorrindo ironicamente.

O senhor de Landtschaden-Pummerstorff aproximou-se deles e começou a esbravejar como doze sargentos ao mesmo tempo:

— Com mil diabos, quem foi o desgraçado que lhes enfiou lixo na cabeça, para vocês se atreverem a fazer essa macaquice, à luz do dia e na frente de todo o mundo? Quem são vocês afinal, seus vagabundos, que têm a coragem de me gozar assim? Mas uma coisa vou lhes dizer: eu, o coronel deste glorioso regimento, que se encheu de honrarias participando de trinta e sete batalhas e de cento e cinquenta e nove escaramuças, estou disposto a arrancar de vocês essa vontade de fazer gracinhas! Vou entregá-los ao preboste, vou mandar caçá-los, vou...

— Chega! — disse Tonda, cortando-lhe a palavra. — Acho que o senhor pode economizar seu preboste e essa caçada. Na verdade, nós doze, que estamos à sua frente, não fomos feitos para a vida de soldado. Palermas como aquele ali — e ele apontou para o tenente — e grosseirões como ele — e apontou para o sargento — podem sentir-se muito bem no exército, até que alguém mande fuzilá-los. Nós, porém, meus amigos e eu, somos de outra cepa: não damos a menor bola para toda essa sua lenga-lenga com esse seu príncipe honorabilíssimo, a quem vocês podem chamar como bem entenderem!

Então os serventes do moinho se transformaram em corvos e levantaram voo. Grasnando, deram uma volta sobre a praça da prefeitura e, como despedida, cobriram o chapéu e os ombros do coronel, mas não exatamente de honrarias.

A lembrança

Na segunda metade de outubro, o tempo estava de novo ensolarado e quente, quase como um verão tardio. Os rapazes do moinho aproveitavam os dias bonitos para buscar turfa. Juro atrelava os bois, Staschko e Krabat carregavam a carroça com tábuas e pranchas de madeira, e também levavam dois carrinhos de mão. Depois chegava Tonda, e eles partiam.

A turfeira ficava num lugar afastado, acima de Koselbruch, do outro lado das Águas Negras. Krabat havia trabalhado lá com alguns outros, no verão, durante a época mais quente do ano. Sem habilidade para lidar com a picareta e o facão, ele ajudava Michal e Merten a carregar os blocos de turfa pretos, brilhantes de graxa, e a aplainá-los.

O sol brilhava, as bétulas refletiam-se nas poças d'água à beira do caminho. A relva das colinas estava amarelada, a urze há muito havia florescido. Nos arbustos havia algumas bagas vermelhas, dispersas aqui e ali, parecendo gotas de sangue. De vez em quando, estendida de um galho a outro, brilhava prateada a teia tardia de uma aranha.

Krabat pensava no passado, em sua infância em Eutrich, nos dias de outono, como aquele, em que eles saíam pela floresta e pelos bosques catando lenha. Às vezes ainda encontravam, em outubro, alguns tipos de cogumelos. Será que agora também ainda haveria cogumelos por ali? Calor suficiente estava fazendo...

Chegando na altura da turfeira, Juro parou os bois.

— Vamos descarregar, chegamos!

Num lugar estreito, colocaram as pranchas de madeira sobre as Águas Negras e as firmaram. Depois dispuseram as tábuas uma junto da outra, por toda a extensão, de modo a formar uma trilha. Staschko escorou as tábuas com estacas, para que elas não empenassem ou cedessem em lugares pantanosos. Mas o trecho até a turfeira era mais longo do que tinham calculado. Juro se ofereceu para ir buscar as tábuas que faltavam, no entanto Staschko não achou necessário. Quebrou um galho da bétula mais próxima, depois mediu com passos a distância até a carroça, ao mesmo tempo que dizia uma fórmula mágica, batendo o galho nas tábuas. Aí elas começaram a se alongar, estendendo-se até a turfeira.

Krabat estava impressionado.

— Fico me perguntando — ele gritou — por que ainda precisamos trabalhar, já que acabamos conseguindo fazer com magia tudo o que deveríamos executar com as mãos!

— É — disse Tonda —, mas pode ter certeza de que com uma vida assim, sem trabalho, você acabaria se aborrecendo. A longo prazo, isso não leva a nada, e mais cedo ou mais tarde você acaba se dando mal.

À beira da turfeira havia um barracão de madeira, onde se encontravam armazenados os tijolos de turfa secos, do ano anterior. Os rapazes os levavam de carrinho de mão até a carroça, onde Juro os arrumava. Quando a carroça estava cheia, ele saltou para a boleia e gritou:

— Eiaa! — e os bois se puseram a caminho do moinho.

Enquanto Juro ia e voltava, Tonda, Staschko e Krabat aproveitaram para carregar até o barracão as turfas extraídas no verão e alisá-las. Não tinham necessidade de se apressar, e então o garoto teve uma ideia.

Pediu licença ao capataz e a Staschko para se ausentar por um tempinho.

— Aonde você vai?

— Procurar cogumelos. Quando for hora, é só vocês assobiarem que eu volto correndo.

— Se acha que vai encontrar algum cogumelo...

Tonda concordou, Staschko também.

— Espero que esteja levando uma faca bem grande — gritou ele.

— Se eu tivesse, bem que levaria — disse Krabat.

— Então eu lhe empresto a minha — disse o capataz. — Tome, mas não vá perdê-la.

Tonda lhe mostrou como abrir a faca, fazendo uma pressão no cabo. A lâmina saiu, e estava preta como se Tonda a tivesse deixado em cima da chama de uma vela.

— Agora é sua vez! — ele disse, voltando a fechar a faca e entregando-a ao garoto. — Vamos ver se aprendeu!

Krabat fez a lâmina sair, mas ela estava branca e completamente limpa.

— E-essa n-não — disse Krabat. Com certeza ele tinha se enganado.

— Agora vá! — ordenou Tonda. — Senão os senhores cogumelos vão farejar sua chegada e fugir de você.

Eles passaram quatro dias no campo de turfa, e quatro vezes Krabat saiu à procura de cogumelos. Mas não encontrou nada, com exceção de alguns cogumelos de bétula já velhos, que estavam marrons e duros.

— Não ligue — disse Staschko. — Nessa época do ano não seria de esperar, mesmo, encontrar cogumelos, a não ser que você desse uma mãozinha...

Ele pronunciou uma fórmula mágica, girou sete vezes em torno de si mesmo, com os braços abertos... e no campo de turfas brotaram bem uns setenta cogumelos. Como se fossem toupeiras, surgiam do chão, um depois do outro, como que dispostos numa espécie de círculo de feitiçaria: cogumelos de várias espécies, todos eles suculentos e viçosos.

— Oh! — espantou-se Krabat. — Você tem de me ensinar essa fórmula mágica, Staschko!

O garoto abriu a faca, pronto para se lançar sobre os cogumelos e colhê-los. No entanto, antes que os tocasse, eles murcharam e voltaram a se recolher para dentro da terra, muito depressa, como que puxados por um fio.

— Parem! — gritou Krabat. — Parem, por favor!

Mas os cogumelos já tinham sumido, e não tornaram a aparecer.

— Não ligue — voltou a dizer Staschko. — Esses cogumelos criados com magia são amargos como fel, acabariam com seu estômago! No ano passado, quase morri por causa deles.

Na noite do quarto dia Staschko foi embora junto com Juro, na carroça que ia levando o último carregamento de turfas. Tonda e Krabat voltaram a pé para o moinho, escolhendo um atalho mais curto, através do pântano. Por cima das covas de turfas e dos charcos já se formavam as primeiras névoas. O garoto ficou satisfeito quando, finalmente, atingiram terra firme, já nas proximidades do Campo Deserto.

A partir daí puderam caminhar lado a lado. Os rapazes do moinho evitavam aquela região, Krabat não sabia por quê. Lembrou-se de quando sonhara com sua fuga. Por acaso não fora num lugar como aquele que, no sonho, eles tinham enterrado Tonda?

Mas, graças a Deus, Tonda caminhava a seu lado, estava vivo.

— Eu queria lhe dar um presente, Krabat — e o capataz tirou sua faca do bolso. — Uma lembrança.

— Você vai nos abandonar? — perguntou o jovem.

— Talvez — disse Tonda.

— Mas o mestre! Não acredito que ele vá permitir uma coisa dessas.

— Muita coisa acontece sem a gente acreditar — disse Tonda.

— Não fale assim! — gritou Krabat. — Fique, por mim! Não consigo imaginar como eu poderia continuar no moinho sem você.

— Há muita coisa na vida — disse o capataz — que não conseguimos imaginar, Krabat. Simplesmente temos de fazer.

O Campo Deserto era um terreno quadrado, um pouquinho maior que uma eira, em cuja volta havia alguns pinheiros atrofiados. O garoto reconheceu à luz do crepúsculo uma fileira de montículos de terra iguais, como se fossem túmulos num cemitério abandonado, cobertos de mato, sem cuidado, sem cruz e sem lápide... túmulos de quem, afinal?

Tonda parou.

— Tome — disse ele, dando a faca para Krabat; e Krabat percebeu que não deveria recusar.

— Ela tem uma característica especial, que você precisa conhecer — disse Tonda. — Se você for ameaçado por algum perigo, um perigo sério, a lâmina mudará de cor assim que se abrir.

— Ela ficará... preta? — perguntou Krabat.

— É — disse Tonda. — Como se você a tivesse segurado sobre a chama de uma vela.

Sem pastor nem cruz

Aos belos dias de outono seguiu-se um inverno precoce. Duas semanas depois do dia de Todos os Santos, começou a nevar, e sem interrupção. Toda hora Krabat precisava tirar a neve da frente do moinho, para desimpedir a entrada. Mesmo assim, na lua nova apareceu o padrinho, conduzindo sua carroça a toda velocidade através do campo cheio de neve, sem encalhar e sem deixar marcas de rodas atrás de si.

O garoto não estava se importando muito com o inverno, pois, apesar da neve, o frio não era muito intenso. Mas os outros serventes pareciam estar com os ânimos muito alterados. A cada semana seu humor piorava, e, quanto mais se aproximava o fim do ano, mais difícil se tornava conviver com eles. Estavam sensíveis como ovos crus e irritáveis como perus. Por qualquer motivo começavam a brigar, e nem mesmo Andrusch era exceção.

Krabat percebeu isso quando sem querer lhe tirou o gorro, ao acertá-lo com uma bola de neve, por pura brincadeira, obedecendo a um impulso incontrolável. Então Andrusch partiu para cima dele e teria lhe dado a maior surra, se Tonda não tivesse interferido, separando-os.

— É isso mesmo! — xingou Andrusch. — Mal lhe cresceu essa penugem ridícula no queixo, esse moleque já vem dando uma de valente! Da próxima vez espere crescer mais barba nessa cara antes de se atrever a mexer comigo!

Ao contrário dos outros rapazes, Tonda continuava prudente e amigável como sempre, só que Krabat achava que ele andava um pouco mais triste do que antes, embora se esforçasse para não deixar ninguém perceber.

— Talvez seja saudade da garota dele — imaginou Krabat. E, mais uma vez, sem querer pensou na menina do coro. Fazia muito tempo que Krabat não pensava nela. Preferia tê-la esquecido completamente. Mas como evitar aquela lembrança?

Chegou a época de Natal. Para os serventes do moinho, eram dias como todos os outros. Aborrecidos e rabujentos, continuavam fazendo seu trabalho. Krabat tentou animá-los, buscando no bosque alguns raminhos de pinheiro para enfeitar a mesa. No entanto, quando chegaram para comer, os rapazes ficaram furiosos.

— O que significa isso? — gritou Staschko. — Joguem esse lixo fora, já!

— Fora com isso! — gritavam todos, e até Michal e Merten puseram-se a xingar.

— Quem trouxe essas coisas aqui para a sala, pode ir levando de volta — exigiu Kito.

— E depressa — ameaçou Hanzo —, antes que eu lhe quebre todos os dentes!

Krabat tentou acalmá-los, queria explicar, mas Petar não o deixou falar.

— Leve isso embora! — gritou ele. — Ou será que vamos ter de lhe dar uma surra?

Krabat obedeceu à vontade dos rapazes, mas ficou aborrecido. Afinal, o que tinha feito de errado? Será que aquilo tudo significava muito mais do que ele imaginava? De fato, nos últimos tempos estava sempre havendo encrenca e briga pelo moinho, por qualquer coisinha. Além disso, Krabat não devia esquecer que ali ele era o aprendiz, e aprendiz tinha mesmo de engolir algumas de vez em quando. A única coisa estranha era que ele nunca tinha se ressentido disso antes. Só agora, desde a chegada do inverno, todos o espicaçavam. Será que aquela situação iria durar até o final do seu aprendizado.... talvez uns dois anos ainda?

Quando surgiu uma oportunidade, Krabat perguntou ao capataz o que estava acontecendo com os companheiros.

— O que eles têm?

— Medo — disse Tonda, olhando para ele furtivamente.

— Medo do quê? — quis saber Krabat.

— Não posso falar sobre isso — disse o capataz. — Logo, logo, você vai ficar sabendo.

— E você? — perguntou Krabat. — Você não está com medo, Tonda?

— Mais do que você pode imaginar — disse Tonda, encolhendo os ombros.

Na véspera de Ano Novo eles foram para a cama mais cedo do que de hábito. O mestre não aparecera durante o dia todo. Talvez estivesse sentado na câmara escura, trancado, como fazia de vez em quando. Ou talvez tivesse saído pelas redondezas com seu trenó puxado a cavalos. Ninguém mostrou estar sentindo sua falta, ninguém falou nele.

Sem dizer uma palavra, os rapazes se meteram debaixo das cobertas após o jantar.

— Boa noite — disse Krabat, como era seu costume todas as noites, como parte dos deveres de aprendiz.

Aquele dia, no entanto, os companheiros pareciam ter levado aquilo a mal.

— Cale essa boca! — reclamou Petar, e Lyschko jogou um sapato em cima dele.

— Ei! — gritou Krabat, levantando-se do enxergão. — Calma aí! Será que não se pode nem mais desejar boa noite...

Um segundo sapato veio voando e lhe acertou o ombro; o terceiro, Tonda agarrou no ar.

— Deixem o garoto em paz! — ordenou. — Também esta noite vai passar.

Depois ele se voltou para Krabat.

— É melhor se deitar, garoto, e ficar quieto.

Krabat obedeceu. Aceitou que Tonda o cobrisse e colocasse a mão em sua testa.

— Agora durma, Krabat... e boa entrada no Ano Novo!

Geralmente, Krabat dormia a noite toda até a manhã seguinte, a não ser que alguém o acordasse. Aquele dia, porém, ele acordou sozinho por volta da meia-noite. Ficou admirado ao notar que a luz do lampião estava acesa e que os outros rapazes também estavam acordados... todos eles, pelo menos os que conseguia enxergar.

Estavam deitados em seus catres e pareciam esperar por alguma coisa. Mal respiravam, mal ousavam se mover.

Na casa reinava um silêncio mortal. Estava tudo tão quieto que o garoto chegou a imaginar que tinha ficado surdo.

Mas Krabat não estava surdo, pois de repente ouviu um grito e um barulhão no vestíbulo. Também ouviu os companheiros gemerem, meio desesperados, meio aliviados.

Será que tinha acontecido uma desgraça?

Quem teria dado aquele grito de agonia?

Krabat não ficou conjeturando por muito tempo. De um salto, levantou-se. Correu para a porta, queria abri-la, queria descer correndo as escadas, para ver o que tinha acontecido.

Mas a porta estava trancada por fora. Por mais que a forçasse, ela não abria.

Então alguém colocou o braço em seu ombro e falou com ele. Era Juro, o bobão. Krabat reconheceu-o pela voz.

— Venha — disse Juro. — Volte ao seu enxergão.

— Mas o grito! — protestou Krabat. — O grito que veio lá de baixo!

— Você acha que nós também não ouvimos? — retrucou Juro.

Dizendo isso, conduziu Krabat de volta a seu lugar.

Os serventes estavam acocorados em seus catres. Em silêncio, com os olhos esbugalhados, olhavam para Krabat. Não, não era para Krabat! Estavam olhando para além dele, para a cama do capataz.

— Tonda... ele não está aqui? — perguntou Krabat.

— Não — disse Juro. — Deite-se de novo e tente dormir. E não fique se lamentando, ouviu? Lamentar-se não adianta nada.

Na manhã de Ano Novo eles encontraram Tonda. Estava caído ao pé da escada, com o rosto voltado para o chão. Os serventes do moinho não pareciam surpresos; só Krabat não conseguia aceitar que Tonda estivesse morto. Soluçando, precipitou-se para ele, chamando-o pelo nome e implorando:

— Diga alguma coisa, Tonda, por favor, diga alguma coisa!

O garoto pegou na mão do morto. Ainda na noite anterior, antes de adormecer, havia sentido aquela mão em sua testa. Agora ela estava rígida e fria. E tornara-se muito estranha para ele, muito estranha.

— Levante-se — disse Michal. — Não podemos deixá-lo aí deitado.

Ele e seu primo Merten levaram o morto para a sala da criadagem e colocaram-no sobre uma tábua.

— Como foi que isso aconteceu? — perguntou o garoto.

Michal hesitou ao responder.

— Ele... — gaguejou — quebrou o pescoço.

— Então deve ter caído da escada... no escuro...

— Pode ser — disse Michal.

Ele fechou os olhos do morto, colocou sob seu pescoço um feixe de palha que Juro havia trazido.

O rosto de Tonda estava lívido.

— Parece de cera — pensou Krabat.

O garoto não conseguia olhar para o capataz sem verter lágrimas. Andrusch e Staschko levaram-no para o quarto.

— Vamos ficar aqui — disseram. — Lá embaixo só atrapalharíamos.

Krabat se acocorou na beira do catre e perguntou o que iria acontecer com Tonda.

— O que sempre acontece — disse Andrusch. — Juro vai cuidar dele, não é a primeira vez que ele faz isso. Depois vamos enterrá-lo.

— Quando?

— Hoje à tarde, acho.

— E o mestre?

— Não precisamos dele para isso — disse Staschko rudemente.

À tarde levaram Tonda do moinho, num caixão de pinho, até o Campo Deserto. O túmulo já estava pronto, as paredes da cova estavam cobertas de gelo, a terra escavada coberta de neve.

Enterraram o morto rapidamente e sem rodeios. Sem pastor nem cruz, sem velas nem lamentações. Os rapazes não permaneceram ao lado do túmulo nem um segundo mais do que o necessário.

Só Krabat ficou para trás.

Ele queria rezar um Pai-nosso por Tonda, mas foi impossível: todas as vezes que começava, não conseguia prosseguir, nem em sorábio e muito menos em alemão.



O SEGUNDO ANO

Conforme a ordem e os costumes do moinho

Durante os dias seguintes, o mestre continuou desaparecido e, enquanto isso, o moinho ficou parado. Os serventes passavam o tempo deitados ou acocorados em torno do fogão aquecido. Comiam pouco, não falavam muito e, principalmente, não falavam sobre a morte de Tonda. Era como se nunca tivesse existido em Koselbruch um capataz chamado Tonda.

Ao pé do catre que fora dele, estavam as roupas de Tonda, limpinhas, dobradas e empilhadas: as calças, a camisa e o guarda-pó, o cinto, o avental e, por cima de tudo, o gorro. Juro tinha colocado as coisas ali na noite de Ano Novo, e os rapazes se esforçavam para agir como se não estivessem vendo nada naquele lugar. Krabat estava triste, sentia-se abandonado por Deus e miserável. O fato de Tonda ter deixado a vida não podia ser mero acaso: quanto mais refletia, mais o garoto se convencia disso. Por trás daquilo tudo certamente havia alguma coisa de que ele não sabia e que os companheiros lhe escondiam. Qual seria o segredo? Por que Tonda não lhe havia confiado nada?

Perguntas e mais perguntas, que se acumulavam na cabeça do garoto. Se pelo menos ele tivesse alguma coisa para fazer! Ficar vadiando deixava-o doente.

Só Juro continuava ativo como sempre. Acendia o fogão, cozinhava, cuidava para que a comida fosse servida na hora certa, embora os companheiros deixassem a maior parte na tigela. Deve ter sido na manhã do quarto dia que Juro dirigiu-se a Krabat, no vestíbulo.

— Pode me fazer um favor, Krabat? Gostaria que você me cortasse umas lascas de lenha.

— Certo — disse Krabat, seguindo-o até a cozinha.

Ao lado do fogão havia um feixe de lenha, pronta para ser cortada. Juro foi até o armário para buscar uma faca, mas Krabat lhe disse que estava com a sua à mão.

— Melhor ainda! Então comece, mas cuidado para não se machucar!

Krabat pôs-se a trabalhar. Para ele, era como se da faca de Tonda emanasse uma força vital. Pensativo, sopesou-a na mão. Pela primeira vez desde a noite de Ano Novo voltou a se animar, pela primeira vez voltou a ter esperança.

Juro se aproximou sem o garoto notar e pôs-se a observá-lo por cima de seus ombros.

— Como você lida bem com essa faca... — comentou ele.

— É uma lembrança — disse o menino.

— Decerto de alguma garota.

— Não — disse Krabat. — De um amigo, como nunca terei outro neste mundo.

— Tem certeza? — perguntou Juro.

— Absoluta, agora e sempre — disse Krabat.

Na manhã seguinte ao enterro de Tonda, os serventes do moinho tinham decidido que a partir de então Hanzo assumiria a função de capataz, e Hanzo concordou.

O mestre ficou ausente até a noite anterior ao Dia de Reis. Eles já estavam deitados, e Krabat dispunha-se a apagar a luz, quando de repente a porta do sótão se abriu. O mestre apareceu na soleira, muito pálido, como se fosse pintado com cal. Ele lançou um olhar à sua volta. Pareceu ignorar a ausência de Tonda, ou pelo menos não demonstrou nada.

— Ao trabalho! — ordenou. Depois virou as costas e desapareceu pelo resto da noite.

Os rapazes tomaram vida. Jogaram as cobertas de lado, saltaram de seus enxergões, vestiram-se rapidamente.

— Vamos! — ordenou Hanzo. — Senão o mestre vai ficar impaciente, vocês sabem como ele é!

Petar e Staschko correram até o açude para abrir as comportas. Os outros foram tropeçando até a casa de moagem, despejaram os grãos e puseram o moinho para funcionar. Quando ele começou a se mover, rangendo e triturando, com o ruído seco que lhe era peculiar, os rapazes sentiram-se aliviados.

— Está moendo de novo! — pensou Krabat. — A vida continua...

À meia-noite haviam terminado o trabalho. Quando entraram no quarto, viram que no catre que pertencera a Tonda havia alguém deitado: um rapazinho franzino e pálido, com ombros pequenos e topete ruivo. Eles rodearam o garoto e o acordaram, do mesmo modo como tinham acordado Krabat, um ano atrás. E, exatamente como acontecera com Krabat, o ruivinho também se assustou ao ver os onze fantasmas em torno de sua cama.

— Não tenha medo! — disse Michal. — Somos os serventes do moleiro, não precisa ter medo de nós. Como você se chama?

— Witko. E você?

— Sou Michal. E este é Hanzo, o capataz. Este é meu primo Merten... este é Juro...

Na manhã seguinte, quando Witko desceu para o café, ele estava usando as roupas de Tonda. Serviam-lhe como se tivessem sido feitas para ele. O ruivinho parecia não se dar conta, e também não perguntou a quem as roupas tinham pertencido antes. E era bom que fosse assim, aquilo tornava as coisas mais fáceis para Krabat.

O novo aprendiz tinha passado o dia todo varrendo a casa de farinha. À noite, depois que ele já tinha se deitado, o moleiro exigiu a presença dos rapazes e de Krabat em sua sala. Vestido com uma capa preta, ele estava sentado em sua poltrona. Na mesa à sua frente estavam duas velas acesas, entre as quais havia uma machadinha, e seu chapéu de três pontas, que também era preto.

— Chamei-os aqui — disse ele, quando os companheiros se reuniram na sala — conforme exige a ordem do moinho. Há um aprendiz entre vocês? Ele deve se adiantar!

Krabat não entendeu de imediato que o mestre estava se referindo a ele. Só percebeu quando Petar lhe deu um cutucão, e então deu um passo adiante.

— Seu nome!

— Krabat.

— Quem responde por isso?

— Eu — disse Hanzo, colocando-se ao lado de Krabat. — Eu respondo por este jovem e por seu nome.

— Um é o mesmo que nenhum — continuou o mestre.

— Certo — manifestou-se Michal, ao mesmo tempo que se colocou do outro lado de Krabat. — Dois formam um par e um par é suficiente para testemunhar. Por isso também respondo por este jovem e por seu nome.

Entre o mestre e os serventes que ladeavam Krabat começou um diálogo, que evoluía de acordo com regras fixas e com fórmulas determinadas. O mestre perguntou aos dois se, onde e quando o aprendiz Krabat tinha aprendido a profissão de moleiro, e eles lhe asseguraram que, ao longo do tempo, o jovem adquirira todas as artes e habilidades.

— E vocês respondem por isso?

— Sim, respondemos por isso — disseram Hanzo e Michal.

— Que seja. Então vamos libertar este jovem aprendiz Krabat, conforme a ordem e os costumes do moinho!

Libertar? Krabat achou que não estava ouvindo direito. Será que seu tempo de aprendizado já tinha se esgotado, depois de apenas um ano?

O mestre se levantou, colocou o chapéu. Depois pegou a machadinha e se aproximou do jovem. Enquanto tocava com o fio da machadinha em sua cabeça e seus ombros, ele foi dizendo em voz alta:

— Conforme a tradição, Krabat! Eu, como seu mestre e senhor, à frente dos serventes reunidos, declaro-o livre de seu treinamento de aprendiz. A partir de agora você deve ser um companheiro entre os companheiros, e ser considerado um iniciado, segundo a ordem do moinho.

Dizendo isso, ele entregou a machadinha nas mãos de Krabat, pois carregá-la na cintura era um direito do rapaz liberto; depois o mestre mandou que o jovem e os outros se retirassem da sala.

Krabat estava surpreso e confuso, pois não contava com aquilo. Foi o último a deixar a sala e, ao sair, fechou a porta. Então, sem que ele esperasse, enfiaram-lhe um saco de farinha pela cabeça, depois alguém pegou-o pelos ombros e um outro o agarrou pelas pernas.

— Vamos levá-lo para a casa de moagem!

Foi Andrusch quem disse aquilo. Krabat tentou se soltar, mas em vão! Em meio a risos e muita barulheira, os rapazes o arrastaram para a casa de moagem, jogaram-no dentro da caixa de grãos, e começaram a pisoteá-lo.

— Ele não é mais aprendiz! — gritou Andrusch. — Agora vamos jogá-lo entre as mós, irmãos. Um servente de moleiro não pode ter espeltas nem sujeira.

Eles sovaram Krabat, como se fosse massa de pão; rolaram-no na caixa de moagem de um lado para outro, até ele ficar tonto; bateram nele com os punhos, e um deles lhe deu socos violentos na cabeça. Então Hanzo interferiu:

— Chega, Lyschko! Queremos libertá-lo, não matá-lo!

Quando largaram Krabat, ele estava se sentindo moído. Petar colocou-o dentro de um saco, e Staschko jogou um punhado de farinha em sua cabeça.

— Ele passou pela moagem! — anunciou Andrusch. — Muito obrigado, companheiros! Agora se tornou um servente de verdade, de quem nenhum

de nós precisa se envergonhar.

— Para o alto! — gritaram Petar e Staschko, que ao lado de Andrusch comandavam a brincadeira. — Vamos jogá-lo para o alto! — Então os rapazes agarraram Krabat pelas mãos e pelas pernas e começaram a jogá-lo para cima. Fizeram isso três vezes seguidas, depois Juro foi buscar vinho no porão e Krabat teve de beber com todos eles.

— À sua saúde, companheiro... à sua!

— À sua, companheiro!

Enquanto os outros continuavam a beber, Krabat sentou-se num monte de sacos vazios. Não era de admirar que sua cabeça estivesse zunindo... Depois de tudo o que tinha vivido naquela noite!

Mais tarde Michal se aproximou e sentou a seu lado.

— Parece que você não está conseguindo entender algumas coisas.

— Não mesmo — disse Krabat. — Como é que o mestre pôde me considerar apto? Então meu aprendizado já terminou?

— O primeiro ano no moinho de Koselbruch vale por três — disse Michal. — Você deve ter percebido que desde que chegou aqui você envelheceu... exatamente três anos, Krabat.

— Mas isso não é possível!

— É, sim! — disse Michal. — Neste moinho muitas outras coisas são possíveis. Você já deve ter percebido.

Um inverno ameno

O inverno continuou como havia começado: com muita neve e não muito frio. O gelo que se formara no açude, na barragem e na calha do moinho não tinha dado muito o que fazer aos rapazes naquele ano. Rapidamente ele era quebrado, e às vezes durava apenas meia semana, não mais que isso. Em contraposição, nevou várias vezes e bastante... para sofrimento do novo aprendiz, que nunca conseguia acabar de afastar a neve do caminho.

Ao observar Witko, tão franzino e de nariz vermelho, Krabat compreendeu o quanto era verdade o que Michal lhe dissera sobre os três anos que envelhecera. De fato, ele podia ter notado antes, por sua voz, seu corpo, suas forças, e também porque no início do inverno tinha começado a aparecer em seu queixo e em suas faces uma leve penugem, imperceptível a olho nu, mas que ele sentia quando passava a mão.

Naquelas semanas, Krabat estava sempre pensando em Tonda, sentia falta dele em tudo e lamentava não poder visitar seu túmulo. Tentara duas vezes, no entanto nas duas ocasiões não conseguira chegar muito longe: em Koselbruch havia muita neve, que depois de uns cem passos já o impedia de avançar. Apesar disso, estava decidido a fazer uma terceira tentativa assim que possível. E isso acabou acontecendo em sonho.

É primavera, a neve derreteu, o vento a transformou em água. Krabat atravessa Koselbrucb, é noite e dia ao mesmo tempo. A lua brilha no céu, o sol também. Logo Krabat deve chegar ao Campo Deserto. Então ele vê na névoa um vulto se aproximar. Não, ele está se afastando. Krabat acha que é Tonda.

— Tonda! — ele grita. — Pare! Sou eu, Krabat!

Sente como se o vulto hesitasse por um instante. Como Krabat o segue, ele continua seu caminho.

— Pare, Tonda!

Krabat começa a correr. Corre o mais que pode. A distância diminui.

— Tonda! — ele grita.

Agora faltam poucos passos. Então ele se vê diante de um fosso. O fosso é largo e profundo, nenhuma ponte o atravessa, não há nenhuma trave por perto que ele possa usar para a travessia.

Do outro lado está Tonda, que volta as costas para Krabat.

— Por que está fugindo de mim, Tonda?

— Não estou fugindo. Você precisa saber que eu estou na outra margem. Permaneça na sua.

— Pelo menos volte seu rosto para mim!

— Não posso olhar para trás, Krabat, não posso. Mas estou ouvindo, e vou lhe responder; vou lhe dar três respostas ao todo. Agora pergunte o que deve ser perguntado.

O que deve ser perguntado? Krabat não precisa pensar muito.

— Quem é o culpado por sua morte, Tonda?

— O maior culpado sou eu.

— E quem mais?

— Você vai ficar sabendo, Krabat, se mantiver os olhos abertos. Agora, a última pergunta.

Krabat reflete. Há tanta coisa que ele ainda gostaria de saber...

— Estou me sentindo muito sozinho — ele diz. — Desde que você foi embora, não tenho mais nem um amigo. Em quem posso confiar, o que você me aconselha?

Tonda não olha para ele, nem agora.

— Vá para casa — diz — e confie no primeiro que chamar você pelo nome. Ele é confiável. E mais uma coisa, antes que eu me vá... uma última coisa! Não é importante você visitar meu túmulo. Sei que você pensa em mim, e é isso que importa.

Lentamente, Tonda ergue a mão, num aceno. Depois começa a desaparecer na névoa e, sem voltar o rosto, some completamente.

— Tonda! — grita Krabat. — Não vá embora, Tonda! Não fuja de mim!

Ele grita com toda a força de sua alma, e de repente ouve alguém chamá-lo:

— Krabat! Acorde, Krabat, acorde!

Michal e Juro estavam aos pés do catre de Krabat, inclinados sobre ele. Krabat não sabia se ainda estava sonhando ou se já estava acordado.

— Quem chamou meu nome? — perguntou.

— Nós — disse Juro. — Você precisava ouvir como estava gritando enquanto dormia!

— Eu? — perguntou Krabat.

— Era de dar pena — Michal pegou em sua mão. — Está com febre?

— Não — disse Krabat. — Só tive um sonho... — e depois continuou rapidamente: — Quem de vocês gritou meu nome primeiro? Digam, preciso saber!

Michal e Juro não souberam responder, não tinham prestado atenção.

— Mas da próxima vez — disse Juro — vamos tirar a sorte para decidir quem vai acordar você, para depois não haver dúvidas.

Para Krabat estava claro que Michal o tinha chamado primeiro. Juro, decerto, era um bom rapaz, bondoso até demais, mas era um cabeça de vento. Tonda só podia ter se referido a Michal, naquela conversa do sonho. Daquele momento em diante, Krabat se dirigia a ele sempre que precisava de algum conselho ou quando tinha alguma pergunta a fazer.

Michal nunca o decepcionava. Atencioso, dava-lhe informações sobre todas as coisas. Só uma vez, quando Krabat quis falar de Tonda, ele desviou o assunto.

— Os mortos estão mortos — disse Michal. — Falar neles não vai trazê-los de volta.

Michal se parecia muito com Tonda em vários aspectos. Krabat supunha que ele estivesse ajudando secretamente o novo aprendiz, pois de vez em quando via-o ao lado de Witko, conversando, da mesma maneira como Tonda falava com ele e o ajudava no inverno anterior.

Juro também se ocupava do novato à sua maneira, suprindo-o de alimentos o tempo todo.

— Coma, garoto, coma tudo o que puder, para ficar grande e forte, com banha entre as costelas!

Na semana após a festa das candeias, eles começaram o trabalho na floresta.

Seis rapazes, entre eles Krabat, deviam levar para o moinho os troncos que tinham derrubado. Com aquela neve alta, não era uma tarefa fácil. Para limpar a neve do caminho até o local onde estava a madeira, levaram uma semana inteira, e isso embora Michal e Merten estivessem juntos, se esforçando ao máximo.

Andrusch parecia não entender a razão para tanto esforço. Só fazia o que era absolutamente necessário para se manter aquecido.

— Quem congela trabalhando é jumento — dizia — e quem sua é burro.

Por volta do meio-dia era tão quente naqueles dias de fevereiro, que os rapazes ficavam com os pés molhados de suor. Quando voltavam para casa, à noite, tinham de esfregar sebo nas botas antes de colocá-las para secar por cima do fogo, senão o couro amanheceria duro feito pedra.

Cada um cuidava assim das suas próprias botas, com exceção de Lyschko, que obrigava Witko a fazer esse trabalho para ele. Quando notou o que estava acontecendo, Michal chamou a atenção de Lyschko na frente de todos os rapazes.

Lyschko não se importou nem um pouco.

— E daí? — disse com displicência. — Minhas botas estavam molhadas, e aprendizes existem para isso, para trabalhar.

— Mas não para você! — disse Michal.

— E por que não? — retrucou Lyschko. — Não meta o nariz onde não foi chamado. Por acaso você é o capataz?

— Não — admitiu Michal. — Mesmo assim, acho que Hanzo não vai achar ruim se eu lhe disser que daqui por diante você mesmo deverá ensebar suas botas, Lyschko. Senão vai acabar se dando mal, e ninguém vai poder me acusar de não ter avisado antes.

Mas quem acabou se dando mal não foi Lyschko.

Na noite da sexta-feira seguinte, quando os rapazes estavam empoleirados na câmara escura, transformados em corvos, o mestre lhes disse que tinha ouvido dizer que um deles estava ajudando o aprendiz secretamente e facilitando seu trabalho, o que era proibido e merecia punição. Então voltou-se para Michal.

— Como ousa ajudar o garoto? Responda!

— Sinto pena dele, mestre. O trabalho que você lhe dá é muito pesado.

— Você acha?

— Acho — disse Michal.

— Então ouça bem o que vou dizer!

O moleiro deu um salto, apoiou as mãos no Koraktor, com o tronco inclinado para frente.

— O que eu exijo ou deixo de exigir dos outros não é da sua conta! Esqueceu que eu sou o mestre? O que eu mando fazer está mandado, e pronto! Vou lhe dar uma lição da qual você vai se lembrar para o resto de seus dias! Os outros, para fora!

Ele expulsou os serventes do recinto e trancou-se com Michal.

Os rapazes apressaram-se em ir para a cama, muito preocupados. Durante metade da noite, berros e grasnados horríveis ecoaram pela casa. Depois Michal subiu as escadas cambaleando, pálido e transtornado.

— O que ele fez com você? — quis saber Merten.

Exausto, Michal fez um sinal com a mão.

— Deixem-me, por favor!

Os rapazes bem imaginavam quem tinha denunciado Michal ao mestre. No dia seguinte, reuniram-se na casa de farinha e resolveram vingar-se de Lyschko.

— Hoje à noite — disse Andrusch —, vamos arrancá-lo do catre e esfolá-lo!

— Cada um com um chicote! — gritou Merten.

— E depois — rosnou Hanzo — vamos raspar seu cabelo, encher sua cara de sebo das botas e jogar fuligem por cima!

Michal estava quieto, sentado num canto.

— Diga alguma coisa! — gritou Staschko. — Afinal, foi você que o mestre castigou!

— Está bem — disse Michal —, vou lhes dizer alguma coisa.

Esperou até todos ficarem em silêncio, e então começou a falar. Com voz calma, foi dizendo o que Tonda também teria dito em seu lugar.

— O que Lyschko fez — disse — foi uma patifaria. Mas o que vocês estão pretendendo fazer não é muito melhor. Quando estamos com raiva, não pesamos nossas palavras, claro. Só que agora vocês já desabafaram e está na hora de pôr um fim em tudo isso. Não me façam envergonhar-me de vocês!

Salve, Augusto!

Os rapazes do moinho não deram uma surra em Lyschko. Simplesmente o evitaram nos dias seguintes. Ninguém falava com ele; quando Lyschko perguntava alguma coisa, ninguém respondia. Juro lhe servia o mingau e a sopa em uma outra tigela, "porque não se pode exigir que ninguém compartilhe a tigela com um infame". Krabat achava aquilo certo. Quem denuncia os companheiros ao mestre, merece que eles lhe demonstrem seu desprezo.

Na lua nova, quando o padrinho apareceu com seus bens para moer, mais uma vez o moleiro foi obrigado a trabalhar junto com os outros. Ele trabalhava com muito afinco, como se quisesse mostrar aos companheiros o que significa pôr mãos à obra... ou será que tinha mais a ver com o padrinho?

De resto, o mestre se ausentou com frequência durante o fim do inverno, às vezes a cavalo, às vezes com o trenó. Os rapazes não se importavam muito em saber que tipos de negócios o obrigavam àquelas ausências. O que não os envolvia, não precisavam saber; e o que não sabiam, também não lhes doía.

Uma noite, perto do dia de São José, a neve havia derretido, chovia forte, e com aquele tempo os rapazes tratavam de se cuidar, sentando-se no seco. Pois aquela noite, sem mais nem menos, o mestre ordenou que preparassem seu coche, ele precisava resolver uma coisa importante, e que se apressassem!

Krabat ajudou Petar a atrelar os dois baios. Quando estavam prontos, pegou-os pela rédea e disse:

— Eia!

Enquanto Petar corria para dentro de casa, para avisar ao mestre que estava tudo pronto, Krabat conduziu os cavalos e o coche para o pátio da frente. Tinha coberto a cabeça com uma das mantas dos cavalos, por causa da chuva, e também tinha providenciado outras duas para o mestre, pois era um coche leve, cuja capota era aberta na frente.

Seguido por Petar, que trazia um lampião, o mestre chegou, com seus passos pesados. Estava usando um casaco comprido e seu chapéu preto. Esporas tilintavam em suas botas, uma espada balançava debaixo do casaco.

— Maluco! — pensou Krabat, enquanto o moleiro se ajeitava no assento do coche. — Será que precisa mesmo sair com esse tempo maldito?

O mestre enrolou-se nas mantas e então perguntou, como que por acaso:

— Quer vir junto?

— Eu?

— Já que está querendo saber onde eu vou...

A curiosidade de Krabat foi mais forte do que todo o medo da chuva, e num instante ele estava sentado ao lado do moleiro.

— Agora, mostre se você sabe dirigir! — e, dizendo isso, o mestre lhe passou as rédeas e o chicote. — Temos de estar em Dresden dentro de uma hora!

— Dresden? Uma hora? — Krabat gostaria de ter entendido errado.

— Vamos, ande logo!

Seguiam aos solavancos pelo caminho acidentado. Estava escuro, como se caminhassem por dentro da chaminé do fogão.

— Mais depressa! — exigia o mestre. — Você não é capaz de tocar mais depressa?

— Mas vamos acabar tombando, mestre...

— Bobagem! Deixe comigo!

Daí em diante, o mestre mesmo dirigiu, com a velocidade do vento, atravessando a floresta, pela estrada de Kamenz. Krabat agarrava-se ao assento e calcava as solas no piso, com força. A chuva o atingia em cheio no rosto, o vento quase o arrancava do coche.

Levantava-se uma neblina, o coche precipitou-se para dentro dela, que os envolvia em espessas nuvens. Pouco depois, suas cabeças já despontavam para fora da neblina, e ela foi baixando cada vez mais, logo encobrindo os cavalos apenas até a altura dos freios.

A chuva tinha cessado, a lua apareceu, a neblina encobria o chão, branca-prateada, numa camada extensa, como se fosse neve. Estariam cavalgando pela relva? Não se ouvia o barulho dos cascos dos cavalos, nem das rodas do carro. O coche deixara de sacolejar havia algum tempo. Krabat tinha a impressão de que rodavam sobre um tapete, sobre a neve ou um acolchoado de penas. Os cavalos alongavam maravilhosamente o trote, leve e macio. Era um prazer viajar daquela maneira, sob o luar através da ampla charneca.

De repente, um solavanco, que fez todas as juntas do coche rangerem. Um tronco de árvore? Uma pedra? O que fazer se o eixo tivesse quebrado, ou talvez uma das rodas...

— Vou dar uma olhada!

Krabat já estava com o pé no estribo, quando o mestre o agarrou, puxando-o de volta.

— Fique sentado!

Ele olhou para baixo, a neblina se fendera.

Krabat não conseguia acreditar em seus olhos. Lá embaixo, um telhado, um cemitério: cruzes e túmulos lançavam sombras sobre a luz da lua.

— Estamos pendurados na torre da igreja de Kamenz — disse o mestre. — Tome cuidado para não cair do carro!

Ele segurou as rédeas com força, estalou o chicote.

— Em frente!

Um segundo solavanco, e o coche voltou a se soltar. Sem outro incidente, continuaram sua viagem, em silêncio e voando, passando por brancas nuvens que brilhavam à luz da lua.

— E eu — pensou Krabat —, na minha ignorância, achei que fosse neblina...

O relógio da torre da igreja mostrava nove e meia quando o mestre e Krabat chegaram a Dresden. O coche freou ruidosamente no pátio fronteiriço do castelo, pavimentado de pedras. Um criado do estábulo se adiantou e pegou as rédeas.

— Como sempre, senhor?

— Pergunta boba!

O mestre lançou-lhe uma moeda. Depois saltou do carro e ordenou que Krabat o seguisse até o castelo. Subiram correndo a escadaria até o portal.

Lá em cima um oficial se pôs à frente deles, alto como uma árvore, com um cinto largo de seda e um escudo que refletia a lua.

— A senha?

O mestre, em vez de responder, empurrou-o para o lado. O oficial pôs a mão no punho da espada, querendo desembainhá-la, mas não conseguiu. Com um estalo dos dedos, o mestre o paralisou, e o compridão ficou ali, imóvel e duro, com os olhos esbugalhados e a mão direita no punho da espada.

— Venha! — gritou o mestre. — Esse sujeito deve ser novo por aqui!

Subiram rapidamente uma escada interna de mármore, atravessaram corredores e salões, passaram ao longo de paredes revestidas de espelhos e fileiras de janelas com pesadas cortinas adornadas em ouro. Os porteiros e lacaios que encontravam pelo caminho pareciam conhecer o mestre. Nenhum

impediu sua passagem, nenhum lhe fez qualquer pergunta. Em silêncio, todos se inclinavam, abrindo caminho para o mestre e Krabat.

Desde que haviam chegado ao castelo, Krabat imaginava estar sonhando. Estava subjugado por toda aquela pompa, pelo brilho e pelo esplendor, e sentia-se totalmente deslocado, com seus trajes de moleiro.

— Será que os lacaios estão zombando de mim? — pensou. — Será que os porteiros estão torcendo o nariz às minhas costas?

Em sua insegurança, acabou tropeçando. Mas o que seria aquilo? Pois seus pés tinham se enroscado numa espada. E que espada, caramba! Ao se olhar no próximo espelho, ficou boquiaberto. Era demais para sua cabeça: estava usando uma farda preta, com botões prateados, botas de couro de cano alto, e, de fato, um cinturão com uma espada! E aquele chapéu? E desde quando ele usava peruca empoada de branco, com um prendedor de cabelo atrás?

— Mestre! — ele quis gritar. — O que significa isso tudo?

Mas não chegou a fazê-lo, pois de repente chegaram a uma antessala toda iluminada por velas, onde se encontravam vários capitães, coronéis e também altos funcionários, condecorados com medalhas e galões.

Um camareiro se aproximou do mestre.

— Que bom o senhor finalmente ter chegado, o príncipe o aguarda! — e, dirigindo o olhar a Krabat: — Não veio sozinho?

— Meu morgado — disse o mestre. — Ele pode esperar aqui.

O camareiro acenou para um dos capitães.

— Cuide do morgado, cavalheiro!

O oficial tomou Krabat pelo braço e conduziu-o a uma mesinha em um dos nichos de janela.

— Vinho ou chocolate, meu caro?

Krabat decidiu-se por um copo de vinho tinto. Enquanto brindava com o oficial, o mestre dirigiu-se aos aposentos do príncipe.

— Tomara que ele consiga! — disse o oficial.

— O quê? — perguntou Krabat.

— Devia saber, morgado! Seu senhor não está tentando há muitas semanas convencer Sua Alteza de que seus conselheiros, que lhe propõem a paz com a Suécia, são cordeirinhos e devem ser mandados ao diabo?

— Claro, claro — Krabat apressou-se em responder, embora não fizesse a menor ideia do que significava tudo aquilo.

Os coronéis e oficiais que os rodeavam riam e bebiam à sua saúde.

— Pela guerra com a Suécia! — gritavam. — Que o príncipe se decida por levá-la avante! Para a vitória ou para a derrota, o que ele precisa é continuar a guerra sueca!

Por volta da meia-noite o mestre voltou. O príncipe acompanhou-o até a porta da antessala.

— Estamos agradecidos — disse. — Seus conselhos nos são de grande valia, o senhor sabe disso. Embora tenhamos levado muito tempo para concordar com seus argumentos e motivos, agora a decisão está tomada: a guerra vai continuar!

Os senhores na antessala brandiram os sabres e abanaram os chapéus.

— Salve, Augusto! — gritaram. — Honra e glórias ao príncipe! Morte aos suecos!

O príncipe da Saxônia, um homem pesadão e corpulento, uma figura gigantesca com costas de ferreiro e punhos que fariam a honra de qualquer marinheiro, agradeceu aos senhores com um aceno de mão. Depois voltou-se para o mestre, disse-lhe algumas palavras que ninguém entendeu, por causa do barulho que reinava na antessala, e que certamente não se destinavam aos ouvidos de outra pessoa, e com isso despediu-se dele.

Enquanto os senhores da corte e do exército permaneciam na antessala, Krabat saiu, seguindo o mestre. Eles deixaram o castelo pelo mesmo caminho pelo qual haviam entrado: passaram ao longo de fileiras de janelas e paredes revestidas de espelhos, atravessaram salões e corredores, desceram a escada de mármore até o portal, e por ali saíram, até as escadarias, onde o oficial compridão continuava com os olhos esbugalhados, a mão direita no punho da espada, imóvel e duro como um soldadinho de chumbo.

— Liberte-o, Krabat — disse o mestre.

Aquilo não custou a Krabat mais do que um estalar de dedos, conforme ele havia aprendido na escola de magia negra.

— Retire-se! — comandou ele. — Direita... volver!

O oficial desembainhou a espada, fez uma saudação. Depois deu a virada comandada e marchou em frente.

No pátio do castelo, o coche já estava à espera deles. O cocheiro disse que havia cuidado dos cavalos, como fora recomendado.

— Sorte sua! — disse o mestre.

Os dois sentaram-se no coche, e só então Krabat notou que estava de novo com suas roupas habituais. Ainda bem, pois o que iria fazer no moinho com chapéu de três pontas, espada e farda?

Partiram sacolejando sobre os caminhos calçados de pedras. Depois de saírem da cidade e chegarem à parte alta, na outra margem do rio, o mestre dirigiu o coche para campo aberto.

Lá os cavalos alçaram voo novamente, e a viagem prosseguiu assim, pelos ares, de volta para casa.

A lua já estava quase se pondo, logo ela desapareceria. Krabat estava em silêncio, preso a seus pensamentos. Olhava as aldeias e as cidades que iam sobrevoando, os campos e florestas, os lagos e riachos, e a charneca com seus pântanos e planícies arenosas. Que terra pacífica lá embaixo, escura e silenciosa.

— Em que está pensando? — quis saber o mestre.

— Estou pensando — disse Krabat — no quanto se pode conseguir com a magia negra e como ela é um meio de se ter mais poder do que príncipes e reis.

À luz de uma vela de Páscoa

Aquele ano a Páscoa caiu bem tarde, na segunda metade de abril. Na noite da Sexta-Feira Santa, Witko foi admitido na escola de magia negra. Krabat nunca tinha visto um corvo tão magro e tão eriçado como ele; também teve a impressão de ver um brilho avermelhado em suas penas, mas talvez fosse apenas imaginação.

Os rapazes passaram o Sábado de Aleluia abastecendo-se de sono. De tardezinha, Juro lhes serviu uma refeição bem substanciosa.

— Comam bem — ordenou Hanzo —, vocês sabem o que os aguarda!

Dessa vez, Lyschko pôde comer novamente da mesma tigela dos outros; ao romper a noite de Páscoa, todas as divergências havidas entre os rapazes do moinho deviam ser esquecidas: era o que exigia a regra.

Ao escurecer, o mestre mandou os rapazes saírem em busca do sinal. Tudo aconteceu exatamente como no ano anterior. Mais uma vez, os rapazes foram contados pelo mestre, mais uma vez saíram do moinho aos pares. Krabat saiu com Juro.

— Para onde? — perguntou Juro, depois de pegarem as cobertas.

— Se você estiver de acordo, para a Morte de Baumel.

— Tudo bem — disse Juro —, se você souber o caminho. De noite não dá para confiar em mim, já me dou por satisfeito quando consigo achar o caminho de casa até o estábulo, sem me perder.

— Eu vou na frente — disse Krabat. — Só tome cuidado para não se perder na escuridão!

Krabat só tinha feito aquele caminho uma vez, com Tonda. Atravessar Koselbruch não era difícil. Talvez fosse mais complicado depois, do outro lado da floresta, para encontrar o caminho que passava pelos campos e que circundava Schwarzkollm.

— Na pior das hipóteses — disse Krabat para si mesmo — vamos ter de andar pelo meio do campo...

Mas não deu nada errado.

Apesar da escuridão, acabaram dando no atalho como que por acaso. Com as luzes da aldeia à esquerda, atravessaram os campos, depois de um tempo atingiram a estrada do outro lado da aldeia, e seguiram por ela até o cruzamento seguinte.

— Deve ser por aqui — disse Krabat.

Foram seguindo pela orla da floresta, tateando de pinheiro em pinheiro. Krabat ficou feliz quando, finalmente, tocou com os dedos o pau da cruz de madeira.

— Venha, Juro!

Juro chegou rapidamente, tropeçando.

— Puxa, como você conseguiu, Krabat? Todos deviam seguir seu exemplo!

Ele procurou dentro dos bolsos aço e pederneira, depois puseram fogo num punhado de lasquinhas de madeira. À luz da pequena fogueira, juntaram pedaços de lenha e galhos finos que havia no chão da floresta.

— Eu cuido de manter a fogueira acesa — disse Juro. — De fogo e lenha eu entendo, para isso ainda dá.

Krabat enrolou-se na coberta e sentou-se sob a cruz. Sentou-se ali do mesmo modo como Tonda fizera um ano antes: ereto, com os joelhos dobrados, as costas apoiadas no braço da cruz.

Juro passou o tempo contando histórias. De vez em quando Krabat dizia "sei" ou "ah", ou "não diga!" Falava só por falar, sem prestar muita atenção. Não era necessário mais do que isso para satisfazer Juro, que continuava a falar de quem e do que lhe vinha à cabeça. Parecia não se importar com o fato de Krabat estar tão distraído.

Krabat estava pensando em Tonda e, ao mesmo tempo, na garota do coro. Sem ele querer, a garota lhe veio à cabeça. Ele ficou feliz, antecipando o momento de ouvir sua voz, que lhe chegaria da aldeia por volta da meia-noite.

E se não a ouvisse? E se este ano outra garota tomasse seu lugar?

Ao tentar relembrar a voz da menina, descobriu que já não conseguia, ela havia desaparecido de sua memória, sumido, se apagado. Ou seria apenas impressão?

Foi uma descoberta dolorosa para Krabat, e a dor que o rapaz sentia era muito especial, totalmente nova para ele. Era como se tivesse sido atingido numa região de si mesmo que até então ele nem sabia que existia.

Tentou afastar aquele pensamento, dizendo-se:

— Nunca liguei para garotas e vai continuar sendo assim. O que adiantaria? Um dia poderia me acontecer o mesmo que aconteceu com Tonda. Então eu me veria sentado aqui, com o coração carregado de mágoa. E à noite,

quando meu olhar caísse sobre a charneca enluarada, às vezes eu sairia de meu corpo à procura do lugar em que ela, a quem eu trouxera a infelicidade, se encontrasse sob a relva...

Naquele meio tempo, Krabat tinha aprendido a arte de sair do próprio corpo. Era uma das poucas artes que o mestre havia recomendado que se utilizassem com cuidado, "porque é fácil alguém que abandonou seu corpo não conseguir tornar a encontrá-lo". O mestre tinha explicado muito bem a seus discípulos que só se podia sair de si mesmo depois de escurecer, para voltar necessariamente antes do romper do novo dia.

Não haveria retorno para quem se descuidasse e permanecesse fora de si mesmo por mais tempo. Seu corpo permaneceria fechado e seria enterrado como morto, e o sujeito teria de errar pelo mundo, sem paz, entre a vida e a morte, incapaz de se mostrar, de falar ou de se fazer notar de qualquer outra maneira. Aí é que estava o maior sofrimento dessa situação. Ora, até o mais etéreo dos espíritos podia pelo menos bater, derrubar panelas e jogar pedacinhos de madeira nas paredes.

— Não — pensou Krabat —, vou me proteger dessa situação, por mais que me sinta tentado a sair de mim mesmo.

Juro tinha ficado em silêncio, estava agachado junto da fogueira, e mal se movia. Se não jogasse um galho de vez em quando na brasa ou não avivasse o fogo com pedacinhos de casca de árvore, Krabat ia achar que o companheiro tinha caído no sono.

E assim chegou meia-noite.

Novamente soaram ao longe os sinos de Páscoa, e mais uma vez uma voz de menina começou a cantar em Schwarzkollm. Era a voz que Krabat conhecia, pela qual esperava e que tinha procurado em vão em sua memória.

No entanto, agora que a ouvia, achava inconcebível que a pudesse ter esquecido.

Ressuscitou Cristo Jesus Aleluia, Aleluia!

Krabat ouvia com atenção o canto das garotas da aldeia, com suas vozes se alternando: uma começava e depois vinham as outras, e enquanto as outras cantavam ele já ficava esperando que a primeira as substituísse.

— Qual será a cor do cabelo da menina que puxa o coro? — ele não conseguia impedir-se de pensar. — Talvez castanho... ou preto... ou será loiro?

Precisava saber. Queria ver a garota que ele ouvia cantar, alguma coisa o impelia a isso.

— E se eu sair de mim mesmo? — pensou. — Só por alguns instantes... só o tempo suficiente para ver seu rosto...

E Krabat já proferia a fórmula mágica, já se sentia liberar-se de seu corpo, dissolver-se noite adentro.

Lançou um olhar para a fogueira, viu Juro ali encolhido, como se fosse adormecer a qualquer momento; viu a si mesmo, sentado bem ereto com as costas apoiadas na cruz, nem morto, nem vivo. Tudo o que dava vida a Krabat estava fora, era exterior. Ele estava livre, leve e sem preocupações... e bem acordado, com todos os seus sentidos muito mais despertos do que nunca.

Ainda hesitava em deixar seu corpo sozinho. Era preciso soltar uma última amarra. Não era fácil, pois ele sabia que podia ser uma separação para sempre. Apesar disso, virou as costas para a visão do rapaz à beira do fogo que carregava seu nome... e se dirigiu para a aldeia.

Ninguém ouvia Krabat, ninguém conseguia vê-lo. Ele mesmo, porém, ouvia e via tudo com uma nitidez espantosa.

Cantando, as garotas subiam e desciam as ruas da aldeia com suas lanternas e velas de Páscoa, com as roupas da ceia do Senhor, um traje preto do sapato à touca, com exceção de uma fita branca nos cabelos repartidos no meio e penteados para trás.

Krabat se comportava tal como se comportaria se estivesse visível. Juntou-se aos rapazes da aldeia, que se dispunham em grupos dos dois lados da rua, observando as garotas. Ouviam-se gracejos e gritos.

— Cantem mais alto, não está dando para ouvir!

— Cuidado com as velas, vão acabar queimando o nariz!

— Não querem vir se esquentar um pouquinho? Estão todas azuis de frio!

As garotas fingiam que nem estavam vendo os rapazes na calçada. Aquela noite era delas, pertencia apenas a elas. Calmamente, seguiam seu caminho e cantavam, rua abaixo, rua acima.

Mais tarde elas se aproximaram de uma das casas de camponeses para se aquecer. Os rapazes tentaram se aproximar, o dono da casa os expulsou. Então eles correram para as janelas da sala e ficaram espiando lá para dentro. As garotas circundaram o fogão, a camponesa lhes ofereceu bolinhos de

Páscoa e leite quente. Os rapazes não conseguiram ver mais que isso, pois logo o dono da casa apareceu, dessa vez com uma vara.

— Fora! — ele gritou, como se estivesse expulsando gatos indesejados. — Fora daqui, seus malandros, senão vocês vão ver uma coisa!

Os rapazes fugiram, gritando; também dessa vez Krabat foi com eles, embora sem necessidade. Aguardaram nas proximidades que as garotas deixassem a casa e continuassem sua caminhada.

Agora Krabat já sabia que a garota que puxava o coro tinha cabelos claros. Era magra e alta, tinha um andar altivo, mantendo a cabeça erguida. Na verdade, já fazia tempo que ele podia ter voltado para junto de Juro, ao pé da fogueira, e era isso que deveria fazer.

Acontece que até aquele momento só tinha observado a menina do coro à distância, da calçada, e agora queria ver seus olhos.

Krabat se fundiu com a luz de vela que a garota carregava. Estava bem perto dela, mais perto do que jamais estivera de qualquer outra garota. Ele via um rosto jovem, muito bonito, emoldurado pela fita de cabelo e pela touca. Os olhos eram grandes e meigos, olhavam para ele mas não o viam... ou será que viam?

Krabat sabia que já estava mais do que na hora de voltar para a fogueira. Mas os olhos da garota o atraíam, aqueles olhos claros coroados por suas sobrancelhas. Krabat não conseguia desviar-se deles. A voz da menina ele só ouvia à distância, mas isso deixara de ter importância desde que o rapaz a olhara nos olhos.

Krabat sabia que o amanhecer se aproximava, mas não conseguia se afastar. Sabia que sua vida acabaria se não se libertasse para voltar a tempo. Sabia de tudo isso, mas não conseguia.

Até que de repente uma dor repentina, aguda, que ardia como fogo, o fez estremecer e o arrancou bruscamente para longe dali.

Krabat viu-se novamente na orla da floresta, ao lado de Juro. Nas costas de sua mão havia um pedacinho de madeira incandescente, que ele sacudiu rapidamente.

— Oh, Krabat — gritou Juro — não foi minha intenção! De repente você me pareceu tão estranho, tão diferente, que resolvi iluminar seu rosto com esta madeira incandescente. Não imaginei que a brasa fosse cair na sua mão... Deixe-me ver se machucou muito!

— Está dando para aguentar — disse Krabat.

Ele cuspiu na queimadura. Não podia demonstrar o quanto estava grato a Juro por sua falta de jeito. Sem aquela brasa, com certeza agora já não estaria sentado ali. A dor na mão tinha feito Krabat voltar a seu corpo com a rapidez do pensamento, no último minuto.

— Está amanhecendo — disse Krabat —, é hora de cortarmos as lascas de madeira.

Eles cortaram as lascas e as colocaram na fogueira.

Marco-o, irmão, com carvão da cruz de madeira.

Marco-o com o sinal da irmandade secreta.

A caminho do moinho, encontraram as garotas que voltavam com seus jarros de água. Por um momento, Krabat pensou em falar com a que puxava o coro. Depois, no entanto, abandonou a ideia, porque Juro estava junto... e porque não queria assustar a garota.

Novamente encontraram o jugo de boi na porta e foram recebidos com bofetadas na face. Também houve o juramento de obediência ao mestre. Krabat não conseguiu se concentrar muito em tudo aquilo. Os olhos da menina do coro o seguiam. No entanto, só tinham brilhado à luz da vela, sem enxergar Krabat.

— Da próxima vez vou aparecer diante de seus olhos, bem visível — decidiu o rapaz. — Ela precisa saber que é para mim que está olhando.

Os últimos rapazes tinham chegado, a água correu pela calha, o moinho começou a funcionar. O mestre mandou os doze para o trabalho na casa de moagem.

Krabat executava sua tarefa com a sensação de que não era ele quem carregava os sacos e despejava os grãos, aliás, deixando um monte cair para fora. Aos poucos começou a suar em bicas. Ouvia a voz do mestre abafada, como se lhe chegasse através de uma parede e não tivesse nada a ver com ele. Trombava com os companheiros sem querer, pois seu pensamento estava longe dali. Chegou a escorregar nos degraus do estrado e esfolou o joelho; não sentiu muito o machucado, firmou o saco que ameaçava escorregar de seus ombros, recuperou o equilíbrio e continuou a subir.

Krabat resfolegava como um cavalo. Pouco lhe importava que seus pés lhe pesassem, que o suor espirrasse quando ele se sacudia, que estivesse quase esmagado sob o peso dos malditos sacos. Tudo aquilo não o afetava. O que acontecia no moinho aquela manhã tinha a ver com o Krabat que ficara sentado debaixo da cruz a noite inteira. O outro, o Krabat que tinha estado em Schwarzkollm, permanecia indiferente a tudo. Não pertencia àquele lugar, não tinha nada a ver com as coisas do moinho, não entendia nada daquilo.

Dessa vez, foi Witko o primeiro a dar sinais de entusiasmo.

Admirado, Krabat parou, depois cuspiu nas mãos e estava pronto para se lançar ao próximo saco. Juro lhe deu um soco nas costas.

— Pare, Krabat!

O soco tinha acertado em cheio, exatamente sob seu ombro esquerdo, onde normalmente doía. Por uns instantes Krabat perdeu o fôlego; então ele

falou, e agora os dois Krabats voltavam a se juntar, manifestando-se com a voz espremida:

— Ei, Juro, eu... eu vou lhe acertar um... bem no nariz, seu... seu idiota!

Eles riram, beberam, comeram os bolinhos de Páscoa, gordurosos e dourados. Mais tarde, todos dançaram.

Rum-ta-ta-bum,

A roda faz tchibum, O moleiro é velho, burro e grosseirão!

E quando chegou maio, nessa eu não caio, deixou escapar uma dona, jovem, bela e gostosona, e a roda faz tchibum, o moleiro é grosseirão e bobalhão!

Eles dançaram e cantaram, e Witko cantava as canções com sua voz esganiçada de lata-velha, disposto a esgotar o repertório.

Mais tarde, Staschko voltou-se para Andrusch e lhe pediu que contasse uma história, talvez a de Pumphutt.

— Certo — disse Andrusch. — Passem o vinho para cá!

Ele tomou um bom trago antes de começar sua história.

— Bem — começou —, o Pumphutt estava indo para Schleife e acabou chegando no moleiro-mor, que era um grande avarento, como vocês devem saber, pois sua fama até os céus conhecem. Mas estou lembrando que talvez Witko nem saiba quem é o Pumphutt...

De fato, Witko não sabia, e Krabat também não.

— Então primeiro vou ter de contar quem ele é.

Andrusch prometeu aos companheiros ser breve em seu relato.

— Pumphutt — ele disse — é um aprendiz de moleiro, sorábio como todos nós, acho que da região de Spohla. Ele é magro, alto e tão velho, que ninguém sabe dizer exatamente que idade ele tem. No entanto, se vocês o vissem, com certeza lhe dariam uns quarenta anos, não mais do que isso. Na orelha esquerda ele usa uma argola de ouro, tão pequena e fininha que mal dá para se notar, a não ser quando ela brilha ao sol. Em compensação seu chapéu é enorme, em forma de cone, e com uma aba muito larga. É desse chapéu que vem seu nome, pois Pumphutt em alemão quer dizer chapelão. E é pelo chapéu que as pessoas o reconhecem... ou não, como vamos ver... Entenderam?

Krabat e Witko fizeram que sim.

— Pois fiquem sabendo também que Pumphutt é um mago, talvez o maior que já houve nesta região, e isso quer dizer muito. Todos nós que esta-

mos sentados aqui não conhecemos nem metade de toda a arte que Pumphutt tem apenas em seu dedo mindinho. Apesar disso, ele preferiu continuar sendo um simples servente de moinho. Nunca teve ambição de se tornar um mestre, e nem de ser alguém mais importante do que é, como por exemplo um alto funcionário, juiz, ou servidor da corte. Se quisesse, poderia conseguir isso com a maior facilidade, mas ele não quer. E por que não? Porque é uma pessoa livre e quer continuar sendo. No verão, Pumphutt perambula de moinho em moinho, conforme sua vontade, sem ninguém para mandar nele. É assim que ele gosta de viver. Aliás, se eu pudesse escolher, também gostaria, droga!

Os rapazes do moinho concordaram com Andrusch. Ser seu próprio patrão, não precisar dançar conforme a música de ninguém, era a vida pela qual eles ansiavam: ainda mais agora, que tinham renovado seu juramento ao mestre, amarrando-se por mais um ano ao moinho de Koselbruch.

— Bom, mas vamos à história, Andrusch! — gritou Hanzo.

— Tem razão, irmão. Acho que o prefácio já foi muito longo! Passem-me o jarro e, depois, ouçam com atenção...

— Certa vez — contou Andrusch —, Pumphutt chegou em Schleife e foi ter com o moleiro-mor, que, como eu já disse, era muito pão-duro. Lamentava a manteiga passada no pão e o sal colocado na sopa. Por isso esse moleiro sempre tinha problemas com os serventes, pois ninguém queria permanecer com ele. Todo o mundo sabe que muito trabalho e pouca comida não é coisa que dê para aguentar.

Pumphutt, então, chegou ao moinho e pediu trabalho. “Temos bastante trabalho”, disse o moleiro-mor, que tinha tudo para saber quem era aquele que estava na sua frente, de chapéu pontudo e brinco na orelha. Acontece que as pessoas que têm contato com Pumphutt só notam tarde demais o que poderiam ter notado de imediato. O moleiro-mor de Schleife não percebeu nada, e Pumphutt se ofereceu para trabalhar com ele por três semanas.

Havia outros dois serventes e um aprendiz, os três muito magros e com a barriga inchada, de tanto beber água. Pois água havia bastante no moinho, e era a única coisa que o moleiro não negava a seus trabalhadores. Eram alimentados com pouco pão, e com menos mingau ainda; carne ou toucinho praticamente não viam, só queijo de vez em quando e, raramente, meia sardinha. Os três trabalhavam mal e mal, pois eram uns pobres coitados, e não

podiam fugir porque o moleiro tinha um documento, assinado por eles, afirmando que lhe deviam dinheiro.

Um dia, na hora do almoço, estavam todos sentados à mesa. Fazia muito barulho na sala, o moinho continuava trabalhando, pois tinham acabado de pôr para moer um carregamento de grãos. O mestre foi ter com eles enquanto estavam tomando a sopa, uma coisa aguada, insípida, com urtiga e cinco ou seis grãos de cominho, talvez sete. Pumphutt achou que tinha chegado o momento de falar com o moleiro.

"Ei, mestre!", ele gritou, apontando para a tigela de sopa. "Já faz duas semanas que venho observando o que você faz com o pessoal no seu moinho. Você não acha que isso aqui está muito fraquinho? Dê só uma experimentada!", e ele lhe estendeu a colher.

O moleiro fingiu que não tinha entendido o que Pumphutt estava dizendo, por causa do barulho do moinho. Apontou para os ouvidos com o dedo, balançou a cabeça e deu uma risadinha irônica.

Mas o riso logo desapareceu de seu rosto. Pumphutt, que sabe fazer muito mais do que apenas comer pão, bateu na mesa com a mão aberta... e no mesmo instante, tap!, o moinho parou, e de uma vez, sem dar mais uma batidinha ou fazer mais um ruído. Só a água continuou jorrando pela calha e batendo nas pás da roda. Portanto, ninguém tinha fechado as comportas do açude. Devia ser algum problema com o mecanismo, se não com a engrenagem ou o eixo!

O moleiro-mor de Schleife, passado o primeiro susto, foi tomado pela maior agitação.

"Rápido!", ele gritou. "Você aí, feche o açude, enquanto nós vamos verificar o que está acontecendo com o moinho! Rápido, vamos, mexam-se!"

"Não é preciso", disse Pumphutt com a maior calma, e dessa vez foi ele quem deu uma risadinha.

"Como assim?", perguntou o mestre.

"Porque fui eu que fiz o moinho parar."

"Você?"

"Eu sou Pumphutt."

Um raio de sol entrou pela janela da sala, como se fosse por encomenda, e iluminou a argolinha de ouro de sua orelha.

"Você é Pumphutt?"

Os joelhos do moleiro amoleceram feito manteiga. Ele sabia do tratamento que Pumphutt dava aos mestres que faziam seus serventes passarem fome e os atormentavam. “Meu Deus!”, ele pensou, “como é que não percebi quando ele veio pedir trabalho? Será que eu estava cego esse tempo todo?”

Pumphutt mandou que ele trouxesse papel e tinta. Depois escreveu o que os rapazes do moinho deveriam receber a partir daquele momento:

“Para cada um, duzentos e cinquenta gramas de pão por dia, bem pesados. De manhã, um mingau bem grosso de farinha ou de milho, pode ser também de trigo sarraceno ou de cevadinha, cozido no leite; aos domingos e feriados, com açúcar. Duas vezes por semana, carne e legumes no almoço, até que todos estejam satisfeitos; os outros dias, creme de ervilha ou feijão com toucinho, ou com bolinhos de batata, ou qualquer outra coisa que lhes apeteça e seja substanciosa, em quantidade suficiente e com o tempero adequado...”

E ele continuou escrevendo, escrevendo, uma lista bem grande. Definiu detalhadamente o que o moleiro-mor de Schleife devia dar aos rapazes dali em diante.

“Assine embaixo”, disse Pumphutt, ao terminar a lista, “e depois jure que vai cumprir o que está escrito aqui!”

O moleiro sabia que não tinha escolha. Então assinou seu nome embaixo da lista e jurou.

Diante disso, Pumphutt retirou o feitiço do moinho. Tap!, deu com a mão na mesa e tudo voltou a funcionar. Ele deu a lista para um dos rapazes guardar e fez mais uma recomendação ao moleiro, que dessa vez ouviu muito bem, apesar do barulho do moinho:

“Para nos entendermos bem, mestre: o que você jurou é sério. Depois que eu me for, trate de cumprir seu juramento, senão...” Tap!, e mais uma vez o moinho parou de repente, sem um rangido, deixando o moleiro em sobressalto. “Mas então”, disse Pumphutt, “vai ser para sempre, ninguém conseguirá fazer seu moinho voltar a se mover, preste bem atenção nisso!”, ele disse. Mais uma vez ele fez o moinho voltar a funcionar e, depois, foi-se embora.

Dizem que desde então os serventes do moinho de Schleife têm sido bem tratados. Recebem o que lhes é devido, ninguém passa fome e ninguém mais tem barriga d’água.

Os rapazes adoraram o que Andrusch lhes contou sobre Pumphutt.

— Conte mais! — pediram. — Conte mais sobre ele! Beba mais um pouco e continue a contar!

Andrusch virou a caneca para umedecer a garganta e continuou contando histórias de Pumphutt: como ele entrara em entendimento com os mestres em Bautzen e em Sohrau, em Rumburg e em Schluckenau, para sua diversão e para proveito dos serventes de lá.

Krabat não conseguiu deixar de pensar em seu próprio mestre. Lembrou-se da viagem que tinham feito a Dresden para encontrar o príncipe, perguntando-se o que aconteceria se algum dia Pumphutt fosse dar no moinho deles. Qual dos dois venceria se houvesse entre eles uma prova de força?

Vendendo um cavalo

Depois da Páscoa, os rapazes começaram a trocar todo o madeiramento necessário no moinho. Staschko, sendo o mais habilidoso, tinha recebido do mestre a incumbência de dirigir o serviço; Kito e Krabat foram destacados para ajudá-lo. Desde a casa de farinha até o telhado, eles examinaram tudo o que era de madeira; e, onde verificavam algum estrago, uma viga prestes a se quebrar, uma tábua do piso solta, cupim nas traves de sustentação, os três substituíam a madeira ou davam um jeito, escorando ou reforçando onde fosse necessário. No revestimento do canal havia muito para ser consertado, a barragem do açude precisava ser refeita, e também fazia parte de suas tarefas a construção de uma nova roda d'água.

Staschko e seus ajudantes executaram quase todo o trabalho com o auxílio de suas machadinhas, conforme convinha a serventes competentes. Só utilizavam a serra quando era estritamente necessário, e, mesmo assim, a contragosto.

Krabat estava feliz por ter um trabalho, que não lhe deixava muito tempo para pensar "em outras coisas", isto é, na garota do coro.

Apesar disso, pensava nela com uma certa frequência, e às vezes temia que os outros notassem o que lhe ia pela cabeça. Lyschko, pelo menos, já tinha desconfiado de alguma coisa; um dia, perguntou a Krabat o que estava acontecendo com ele.

— Comigo? — perguntou o rapaz. — Por quê?

— Porque ultimamente você quase não presta atenção no que falamos. Certa vez conheci um sujeito que estava sofrendo por causa de uma garota, e ele também agia assim.

— Quanto a mim — disse Krabat, tão calmo e descontraído quanto possível —, eu conheço um sujeito que imaginava ouvir o capim crescer; mas na verdade era palha estalando dentro da cabeça dele.

Na escola de magia negra, Krabat se esforçava ao máximo, e logo atingiu o mesmo nível de conhecimento de seus companheiros. Só Hanzo e Merten continuavam sabendo mais que ele; e Michal, que desde o começo do ano tinha se revelado o melhor aluno e superado o conhecimento de todos os outros, destacava-se dos demais.

O mestre manifestava muita satisfação com o afinco de Krabat. Elogiava-o com frequência e incentivava-o a continuar assim.

— Pelo que vejo — disse ele numa sexta-feira de maio, depois da aula —, você vai longe nas artes do ocultismo. Poucos têm a sua capacidade nessa área. Você acha que se não fosse por esse motivo eu o teria levado à corte do príncipe?

Krabat ficou orgulhoso. Só era pena ele não ter oportunidades mais frequentes de utilizar os conhecimentos adquiridos nas aulas de magia.

— Podemos dar um jeito nisso — disse o mestre, como se tivesse ouvido os pensamentos de Krabat. — Amanhã você irá com Juro até Wittichenau, ao mercado, para vendê-lo sob a forma de um cavalo garanhão preto, por cinquenta ducados. Mas tome cuidado para o idiota não lhe criar problemas!

No dia seguinte, Krabat dirigiu-se para Wittichenau com Juro. Lembrava-se de Ochsenblaschke de Kamenz e sorria. Negociar cavalos prometia ser uma coisa engraçada. Ele só achou estranho ver Juro preocupado, cada vez mais cabisbaixo.

— O que você tem?

— Por quê?

— Porque está com cara de quem vai para a forca.

— E estou mesmo — disse Juro, assoando o nariz com os dedos. — Eu não vou conseguir, Krabat. Nunca me transformei em cavalo.

— Não deve ser tão difícil assim, eu vou ajudá-lo.

— O que adianta? — Juro tinha parado de andar e olhava tristemente para o rapaz. — Nós dois me transformamos em cavalo, tudo bem. Daí você me vende por cinquenta ducados... e acabou-se a história. Para você, Krabat, mas não para mim! E por que não? Muito simples! Como é que eu vou voltar a sair da pele de cavalo sem a sua ajuda? Tenho quase certeza de que o mestre me deu essa tarefa para se livrar de mim.

— Ora! — disse Krabat. — Pare de ficar imaginando bobagens!

— Não, não é bobagem — retrucou Juro. — Não vou conseguir, sou burro demais para isso.

Dava pena vê-lo ali parado, de orelhas caídas e com aquele olhar triste.

— E... e se trocássemos de papéis? — propôs Krabat. — O mais importante é conseguirmos o dinheiro, o mestre pouco está ligando para quem vende quem.

Juro se alegrou.

— Você faria isso por mim, irmão?

— Por que não? — retrucou Krabat. — Você só tem que prometer que não vai comentar isso com ninguém. Quanto ao resto, dá-se um jeito... eu acho.

E os dois seguiram adiante, assobiando, até avistarem os telhados de Wittichenau. Então saíram da estrada principal, escondendo-se atrás de um celeiro.

— Aqui é um bom lugar — disse Krabat. — Ninguém vai ver quando eu me transformar em cavalo. Então, já sabe, você não pode de jeito nenhum me vender por menos de cinquenta ducados. E, antes de se desfazer de mim, tire meu cabresto, senão vou ter de permanecer cavalo para o resto da vida, e não é bem esse o meu objetivo!

— Não se preocupe — disse Juro —, vou tomar cuidado! Eu sou meio burro, mas nem tanto!

— Está bem — disse Krabat —, espero poder contar com você.

Ele murmurou uma fórmula mágica e se transformou num cavalo preto, ricamente arreado.

— Caramba! — exclamou Juro. — Você virou um verdadeiro cavalo de desfiles!

Os comerciantes de cavalos no mercado de Wittichenau arregalaram os olhos e escancararam a boca quando viram o garanhão, e foram correndo até ele.

— Quanto custa?

— Cinquenta ducados.

Não demorou muito para que um negociante de cavalos se dispusesse a pagar o preço exigido. Então, quando Juro estava para dizer “Fechado!”, um homem estranho se intrometeu na negociação. Usava um gorro polonês e uma roupa de montaria adornada com cordões prateados; talvez fosse um coronel aposentado, ou então um nobre.

— Vai realizar um mau negócio — ele disse para Juro, com voz firme. — Seu cavalo com certeza vale muito mais que cinquenta ducados. Eu lhe ofereço cem!

O comerciante de Bautzen ficou furioso. Por que aquele maluco tinha de se meter? Afinal, quem era ele? Com exceção de Krabat, ninguém conhecia aquele estranho, que parecia um nobre mas não era.

Krabat o tinha reconhecido de imediato, pelo tapa-olho sobre o olho esquerdo e pela voz. Ele bufava, pulava de um lado para outro. Se pelo menos pudesse avisar Juro! Mas Juro parecia não ter percebido a intranquilidade de Krabat. Decerto só estava pensando nos cem ducados.

— Por que ainda está hesitando? — insistiu o estranho. Ele tirou uma bolsa e jogou-a para o rapaz.

Juro agachou-se.

— Muito obrigado, cavalheiro!

No mesmo instante o estranho aproveitou a oportunidade e arrancou as rédeas das mãos de Juro. De um salto, o comprador já estava montado em Krabat. Ele esporeou seus flancos com tanta violência, que Krabat empinou relinchando.

— Cavalheiro, por favor, não vá embora ainda! — gritou Juro. — O cabresto! Precisa me deixar o cabresto!

— De jeito nenhum!

O estranho deu uma risada, e então Juro o reconheceu.

Com o chicote, o mestre fustigava Krabat.

— Vamos, em frente! — e, sem se importar com Juro, partiu voando dali.

Pobre Krabat! O mestre saiu galopando com ele pela charneca e o fez correr por montes e vales, saltando sebes e riachos, atravessando espinheiros e pântanos.

— Vou ensiná-lo a obedecer!

Quando Krabat amolecia, o mestre o chicoteava. Dava-lhe esporadas que doíam como se agulhas em brasa estivessem lhe espetando a carne.

Krabat tentava derrubar o mestre, empinando, repuxando as rédeas, empacando.

— Pode empinar à vontade! — gritava o mestre. — Você não vai conseguir me derrubar!

Usando o chicote e as esporas, o mestre domou Krabat. Uma última tentativa de resistir ao cavaleiro não deu certo. Então Krabat deu a luta por perdida e se submeteu. O suor escorria por sua crina e a boca lhe espumava. Seu corpo todo transpirava, ele bufava e tremia. De seus flancos brotava sangue, que ele sentia escorrer pelas patas.

— Muito bem!

O mestre segurou Krabat, depois o fez galopar... para a direita, para a esquerda, mais devagar, um pouco de trote. Então parou.

— Você podia ter passado sem essa — disse o moleiro, apeando do cavalo e soltando o cabresto. — Agora transforme-se em ser humano de novo!

Krabat obedeceu; os vergões, os arranhões, as feridas e as manchas roxas permaneciam nele.

— Considere isso um castigo por sua desobediência! Quando lhe dou uma incumbência, é para ser cumprida exatamente conforme minhas ordens. Da próxima vez não serei tão complacente, lembre-se disso!

O mestre não deixou nenhuma dúvida de que estava falando seriamente.

— Mais uma coisa! — acrescentou ele, levantando um pouco a voz. — Ninguém o impedirá de se vingar de Juro. Tome!

Entregando o chicote ao rapaz, ele se virou para ir embora. Deu alguns passos e elevou-se no ar: um açor, que partiu dali em voo rápido.

Mancando, Krabat tomou o caminho de casa. A cada dois passos tinha de parar. Parecia estar carregando dois pesos nos pés. Sentia dor em todos os ossos, em todos os músculos. Quando chegou à estrada principal de Wittichenau, deixou-se cair à sombra de uma árvore para descansar. O que diria a garota do coro se o visse daquele jeito?

Depois de um tempo, Juro veio trotando pelo caminho, em silêncio, com a consciência pesada.

— Ei, Juro!

O bobão assustou-se quando Krabat o chamou.

— É você?

— Sou eu mesmo — disse Krabat.

Juro deu um passo para trás. Apontou com uma mão para o chicote, enquanto cobria o rosto com a outra.

— Você vai me bater, não é?

— Eu bem que devia — disse Krabat —, pelo menos é isso que o mestre espera de mim.

— Então ande logo! — disse Juro. — Eu mereço, é bem verdade... então faça logo o que tem de fazer!

Krabat afastou o cabelo da testa.

— Se isso me fizesse sarar mais depressa... o que você acha?

— Mas e o mestre?

— Ele não me obrigou a fazê-lo — retrucou Krabat. — Foi apenas uma sugestão. Venha, Juro, sente-se ao meu lado, aqui na relva!

— Como você quiser — disse Juro.

Ele tirou do bolso um pedacinho de pau, ou o que fosse, e riscou um círculo em torno do lugar onde estavam descansando; depois traçou dentro do círculo três cruzes e um pentagrama.

— O que está fazendo? — quis saber Krabat.

— Ora, nada — disse Juro, desviando de assunto. — Só uma proteção contra mosquitos e varejeiras, sabe... não gosto de levar picadas. Deixe-me ver suas costas! — dizendo isso, ele levantou a camisa de Krabat. — Puxa, o mestre fez um trabalhinho e tanto!

Juro assobiou entre os dentes e remexeu o bolso.

— Devo ter uma pomada, que sempre carrego comigo... a receita é da minha avó. Quer que eu a passe em você?

— Se servir para alguma coisa... — disse Krabat.

— Mal não faz, de jeito nenhum — Juro assegurou.

Cuidadosamente, ele passou a pomada em Krabat. Era refrescante e aliviou as dores rapidamente. Krabat teve a impressão de que estava nascendo nele uma nova pele.

— Puxa, que maravilha! — exclamou, surpreso.

— Minha avó era uma mulher muito inteligente — disse Juro. — Aliás, somos uma família de pessoas inteligentes, Krabat, com exceção de mim. Quando imagino que por causa da minha imbecilidade você podia ter permanecido cavalo por toda a eternidade... — ele estremeceu e virou os olhos.

— Pare com isso! — pediu Krabat. — Como você vê, acabamos tendo sorte.

De comum acordo, os dois seguiram juntos para casa. Pouco antes de chegarem ao moinho, Juro começou a mancar.

— Você devia fazer o mesmo, Krabat!

— Por quê?

— Porque o mestre não precisa saber da pomada. Ninguém precisa saber.

— E você? — perguntou Krabat. — Por que está mancando também?

— Porque levei uma surra de você, não se esqueça disso!

Vinho e água

No final de junho, eles começaram a construção da roda d'água. Krabat ajudou Staschko a tirar as medidas da roda velha. A nova precisava ser exatamente do mesmo tamanho, pois quando estivesse pronta queriam utilizá-la no eixo já existente. Atrás do estábulo, entre o celeiro e o barracão, montaram o canteiro de obras. Ali eles passavam os dias, preparando todas as peças necessárias: os degraus e os raios, as partes da coroa da roda, as travessas e as pás, exatamente conforme Staschko planejava e determinava.

— Tudo tem de sair direitinho! — recomendava ele aos ajudantes —, para ninguém zombar de nós na hora de montarmos a roda!

Naquela época do ano demorava mais para escurecer. Assim, quando o tempo estava bom, os rapazes ficavam lá fora. Andrusch, então, tocava seu berimbau-de-boca.

Naqueles momentos, Krabat tinha vontade de dar um pulo até Schwarzkollm. Podia ser que a garota do coro estivesse sentada na frente de sua casa e acenasse, retribuindo seu cumprimento, quando ele passasse por ela. Ou será que estaria junto com as outras garotas, cantando de novo? Algumas noites, quando o vento vinha de Schwarzkollm, ele tinha a impressão de ouvir o canto à distância; mas não era possível que o som atravessasse toda a floresta.

Se pelo menos Krabat conseguisse arranjar uma desculpa para ir até lá, um motivo razoável, natural, de modo que ninguém desconfiasse, nem mesmo Lyschko! Quem sabe algum dia surgiria uma oportunidade, sem que ele despertasse suspeitas e sem que a garota corresse perigo.

No fundo, o rapaz não sabia muita coisa a respeito dela. Conhecia bem sua aparência, isso sim. Seu jeito de andar com a cabeça erguida, sua voz, isso ele conhecia muito bem, como nunca tinha acontecido antes; e também sabia que a garota do coro nunca mais sairia de sua vida, assim como ele nunca se esqueceria de Tonda.

Nem o nome dela Krabat sabia. De vez em quando, perguntava-se como seria e divertia-se tentando adivinhá-lo: Milenka... Raduschka... Duschenka era um nome que combinava com ela.

— Ainda bem que não sei mesmo como ela se chama — pensava Krabat. — Não conhecendo seu nome, também não posso revelá-lo: nem acordado,

nem dormindo. Tonda me pediu que nunca o fizesse, aquela vez, há milhares de anos, quando estávamos sentados ao lado da fogueira na noite de Páscoa, ele e eu.

Krabat ainda não tinha conseguido ir visitar o túmulo de Tonda. Uma vez, durante aquelas semanas, quando acordou logo ao amanhecer, ele escapuliu do moinho e começou a correr por Koselbruch. Havia gotas de orvalho em toda a relva, em todos os galhos. Para onde quer que Krabat seguisse, deixava uma pegada escura no chão onde pisava.

Quando o sol surgiu, estava na parte baixa do Campo Deserto, não muito longe do local onde tinha chegado com Tonda à terra firme, quando voltavam da coleta de turfa.

No meio do caminho, Krabat havia colhido algumas flores à beira de um charco, para depositar no túmulo de Tonda.

Já via à sua frente, à luz da manhã, a fileira de montículos compridos e chapados: um era igual ao outro, sem distinção, sem diferenças entre eles. Será que tinham enterrado Tonda na extremidade esquerda ou direita da fileira? A distância entre os montículos não era a mesma. Era bem possível que o túmulo de Tonda se encontrasse ali pelo meio.

Krabat não sabia o que fazer. Em sua lembrança não havia nada que lhe servisse de orientação. Quando enterraram Tonda, tudo em volta estava branco, igualado pela neve.

— Talvez seja melhor assim — pensou Krabat.

Devagarinho, o rapaz foi caminhando ao longo da fileira de montículos e colocando uma flor em cima de cada túmulo. Por fim ainda lhe restou uma. Ele girou a haste entre os dedos, olhou-a e disse:

— Para o próximo que enterrarmos aqui...

E deixou a flor cair... Só então, durante o curto espaço de tempo que ela levou para chegar ao chão, o rapaz se deu conta do que tinha acabado de dizer. Krabat assustou-se, mas o dito estava dito, e a flor estava ali, onde tinha caído: no extremo superior da fileira, entre o túmulo que se encontrava mais à direita e o início do bosque.

No moinho, ninguém parecia ter notado onde Krabat estivera; entretanto, uma pessoa o havia observado secretamente: Michal. À noite ele deu um jeito de ficar a sós com Krabat.

— Os mortos estão mortos — disse Michal. — Eu já lhe disse isso uma vez, e agora estou repetindo. Quem morre no moinho de Koselbruch deve

ser esquecido, como se jamais tivesse existido. Só assim os outros poderão continuar a viver, e é preciso continuar a viver. Prometa-me que vai se lembrar disso!

— Prometo.

Krabat fez um sinal afirmativo com a cabeça, embora soubesse que estava prometendo uma coisa que não queria e não iria cumprir.

O trabalho para fazer a nova roda d'água durou, ao todo, bem umas três semanas. Os rapazes não utilizaram nem um prego. As peças eram encaixadas exatamente umas nas outras e calçadas com cavilhas. Depois, quando a roda fosse levada para a água, as cavilhas inchariam, fixando as peças melhor do que qualquer cola.

Uma última vez Staschko certificou-se de que as medidas estavam exatas e de que não faltava mais nada; então ele foi até o mestre para anunciar que a roda estava pronta.

O mestre marcou a quarta-feira seguinte para a colocação da roda. Deveria mandar um convite para todos os moleiros da região, para que eles e seus serventes comparecessem no moinho naquele dia, como era costume. Mas o moleiro de Koselbruch não dava a menor importância aos costumes e vivia dizendo que podia muito bem viver sem os outros moleiros.

— Para que precisamos de estranhos aqui no moinho? Podemos muito bem levantar a roda sozinhos.

Para Staschko, Krabat e Kito, ainda restava muita coisa para ser feita até quarta-feira. A velha roda d'água, juntamente com a calha, precisava ser muito bem escorada, e era função deles providenciar as cordas, o guindaste e a roldana. Também era necessário arranjar troncos, polias e alavancas, além de madeira aparelhada.

Na noite da terça-feira os rapazes enfeitaram os raios da nova roda com um feixe de folhagem e, por fim, Staschko ainda colocou algumas flores no meio. Estava orgulhoso de seu trabalho, e os outros o notavam.

Na quarta-feira começaram o dia com um pão de toucinho, que Juro lhes serviu no café da manhã.

— Porque eu acho que, se vocês estiverem com a barriga cheia, vão conseguir trabalhar melhor. Por isso comam à vontade, mas não se empanturrem!

Depois do café eles foram para a marcenaria improvisada, onde o mestre já os aguardava. Seguindo as ordens de Staschko, enfiaram os troncos sob a

roda, três de cada lado do cubo.

— Pronto? — gritou Staschko.

— Pronto! — gritaram o moleiro e os serventes.

— Muito bem, então boa sorte! Levantaaar!

Assim, foram fazendo a roda deslizar sobre os troncos até o açude, onde a deixaram perto do andaime de madeira, sobre a relva.

— Devagar! — gritou Staschko. — Cuidado para que nada desencaixe!

Michal e Merten escalaram o andaime, colocaram o eixo nas vigas transversais com ajuda da roldana e de algumas cordas, por trás da antiga roda d'água. Então os rapazes conseguiram impulsionar a roda do moinho com seus caibros e alavancas por cima da extremidade anterior do eixo, levantá-la da calha e tirá-la.

A nova roda d'água foi puxada para cima, colocada ao lado da calha e mantida em posição vertical, até que o cubo estivesse na mesma altura do eixo do moinho. Então foi só enfiar o anel do cubo no eixo. Staschko estava suando de excitação. Tinha subido até a calha com Andrusch e de lá dava suas ordens.

— Um pouquinho mais para a esquerda... desçam devagarinho... Agora um palmo à direita... Cuidado para não entortar!

Tudo tinha corrido bem até aquele momento... então Andrusch colocou as mãos na cabeça e falou um palavrão.

— Vejam só! — gritou ele para Staschko. — Que besteira vocês fizeram! — e apontou para o buraco do cubo. — Pode ser que, com uma certa dificuldade, você consiga passar um cabo de vassoura por aí, mas nunca o eixo do moinho!

Staschko levou um susto, ficou com as orelhas vermelhas. Ora, ele tinha medido tudo com o maior cuidado e precisão, e no entanto o orifício do cubo tinha ficado pequeno demais, tão pequeno que até Juro teria sido capaz de perceber, só de medir com os olhos.

— Eu... eu não sei... não consigo entender — gaguejou Staschko.

— Não? — perguntou Andrusch.

— Não — disse Staschko.

— Pois eu sim! — disse Andrusch, com uma risada marota.

Fazia tempo que os outros tinham percebido que ele estava apenas fazendo uma brincadeira com Staschko. Então Andrusch estalou os dedos, e no

mesmo instante tudo se consertou: o orifício do cubo estava com a medida certa e se encaixou direitinho no eixo da roda.

Staschko não levou a mal a brincadeira de Andrusch; ele estava feliz, pois a parte mais difícil da colocação da roda já tinha sido executada. O que restava a fazer era brincadeira de criança. Eles puxaram o eixo do moinho para a posição normal e retiraram as cordas. Depois a roda foi encaixada e fixada no eixo. Mais alguns apertos, umas batidinhas... e pronto.

O moleiro tinha ajudado a içar a roda, como todos os outros. Então ele subiu no andaime e mandou Juro lhe trazer vinho. De pé sobre a calha, o mestre balançava a caneca. Depois bebeu à saúde dos rapazes e verteu o resto sobre a roda enfeitada de flores e folhagens.

— Primeiro vinho e depois água! — ele gritou. — Vamos fazê-la rodar!

Então Hanzo abriu as comportas e, para júbilo dos rapazes, a nova roda do moinho pôs-se em movimento.

Terminado o trabalho, os serventes carregaram a mesa e os bancos da sala da criadagem para o pátio da frente. Lyschko, com a ajuda de Witko, levou para lá a poltrona do mestre, que eles colocaram na cabeceira da mesa. Depois foram se lavar no açude, e, enquanto os rapazes se arrumavam, vestindo camisas e guarda-pós limpos, Juro tomava na cozinha as últimas providências para o banquete.

Para comemorar a colocação da roda havia assado e vinho. Banquetearam-se ao ar livre até tarde da noite. O mestre estava tagarela e bem-humorado. Cumprimentou Staschko e seus ajudantes pelo trabalho e foi generoso até mesmo com Juro, o bobão, dizendo que o assado estava delicioso e o vinho um bálsamo. Cantou e brincou com os serventes, incentivou-os a beber e ele próprio bebeu mais que todos.

— Alegria! — gritava o mestre —, só alegria, rapazes! Ver vocês dá inveja. Vocês mesmos não fazem ideia do quanto sua vida é boa!

— Nós? — perguntou Andrusch, pondo a mão na cabeça. — Ouviram isso, irmãos e companheiros? O mestre tem inveja de nós!

— Porque vocês são jovens.

O mestre ficou sério de repente, mas não foi por muito tempo. Logo começou a contar histórias do tempo em que ainda era aprendiz de moleiro, mais ou menos com a idade de Krabat.

— Naquela época eu tinha um bom amigo, como vocês todos já devem saber. Chamava-se Jirko. Nós aprendemos juntos a profissão, no moinho de

Commerau. Mais tarde partimos em andança, atravessando a Lusácia, e também a Silésia e a Boêmia. Quando chegávamos a um moinho, sempre perguntávamos se havia trabalho para dois, pois Jirko e eu não queríamos trabalhar sozinhos. A dois era bem melhor e mais divertido. Jirko sempre dava um jeito de arranjar alguma coisa para nos fazer dar risada. Trabalhar ele também sabia, por três, se fosse preciso. E como as garotas corriam atrás de nós, vocês nem imaginam!

O mestre empolgou-se contando histórias. De vez em quando se interrompia para beber, depois retomava o fio e continuava: contou que ele e Jirko um dia foram parar numa escola de magia negra, que aprenderam a arte da magia em sete anos e que, depois do tempo de aprendizado, recomeçaram as andanças pelo país.

— Certa vez — contou o mestre —, começamos a trabalhar num moinho não muito longe de Coswig, e um dia o príncipe apareceu por lá com seus companheiros de caça. Pararam para descansar no prado atrás do açude do moinho, à sombra das árvores.

Jirko, eu e os outros serventes do moinho ficamos atrás dos arbustos, vendo-os se banquetearem. Dois criados tinham estendido uma toalha sobre a relva, e em volta dela descansavam o príncipe e seus convidados de caça, comendo em pratos de prata o que os criados lhes serviam: tortas de codorna com trufas, assados de caça e, ainda, três tipos de vinho. De sobremesa havia docinhos, tudo carregado por cavalos em imensos cestos.

Quando ele, as damas e os cavalheiros que o acompanhavam terminaram de comer, o príncipe, que naquela época também ainda era jovem, deu um tremendo arroto, para demonstrar que estava satisfeito e feliz. Depois disse que aquela refeição ao ar livre deixara-o de muito bom humor, e que estava se sentindo tão forte quanto doze touros. Ao nos ver atrás das moitas observando tudo de olhos esbugalhados, ordenou que alguém lhe trouxesse uma ferradura, e depressa, antes que ele arrebentasse de tanta força!

Nós já sabíamos que o príncipe tinha mania de, às vezes, partir uma ferradura ao meio com os punhos, pa-pum. Por isso já imaginávamos por que tinha pedido a ferradura. Jirko correu até o moinho e lhe trouxe uma do estábulo.

— Aqui está, Alteza!

O príncipe agarrou a ferradura com as duas mãos. Os monteiros, que se encontravam um pouco distantes com os cavalos e cães, já haviam avança-

do à frente, com as cornetas na boca e com os lábios em bico. No momento em que o príncipe quebrou a ferradura ao meio, começaram a soprar com força total, as bochechas inchadas como foles. Ao som da fanfarra das cornetas de caça, o príncipe levantou as duas metades da ferradura e as exibiu à sua volta. Depois perguntou aos cavalheiros de seu séquito se algum deles seria capaz de imitá-lo.

Todos disseram que não, só nosso Jirko foi tomado mais uma vez por seu ímpeto competitivo. Aproximou-se do príncipe e afirmou:

"Se me permite, sou capaz de fazer melhor: sou capaz de unir novamente as duas partes da ferradura."

"Isso qualquer ferreiro pode fazer", disse o príncipe.

"Com fole e fornalha de ferreiro", concordou Jirko, "mas dificilmente apenas com as mãos!"

Nem esperou o príncipe responder. Simplesmente tomou dele as duas partes da ferradura, juntou-as pelo lugar partido e pronunciou uma fórmula.

"Para Vossa Alteza", disse ele.

O príncipe arrancou-lhe a ferradura das mãos, observou-a por todos os lados: o ferro estava inteirinho, como se tivesse sido forjado em uma peça só.

"Ora bolas!", resmungou o príncipe. "Pois ele não pode garantir que isso vai permanecer assim!"

Pela segunda vez ele quis quebrar a ferradura, achando que não seria difícil. Mas o príncipe não contava com Jirko! Fez a maior força para quebrar a ferradura, as veias lhe saltavam do pescoço, estavam da grossura de um dedo. O suor lhe escorria pela testa, os olhos pareciam querer saltar das órbitas. Seu rosto ficou vermelho, depois roxo e, finalmente, azul escuro. De tanto esforço, seus lábios estavam brancos e finos, como dois traços de giz.

Então, de repente, o príncipe deixou a ferradura cair. Estava amarelo de ódio.

"Os cavalos", ordenou, "vamos montar!"

Mas ele mal conseguiu montar na sela, de tão fracas que estavam suas pernas, as pernas de Sua Alteza. A partir de então, o príncipe passou a sempre se desviar daquele moinho das proximidades de Coswig.

O mestre bebia e continuava contando histórias de seu tempo de juventude e de Jirko, principalmente dele. Num dado momento, Michal perguntou

o que tinha acontecido com aquele tal de Jirko; já era bem tarde, as estrelas brilhavam no céu, e a lua surgia por trás do telhado do estábulo.

— Com Jirko? — e o mestre pegou o jarro de vinho com as duas mãos. — Eu o matei.

Os rapazes deram um pulo no banco.

— É — repetiu o mestre —, eu o matei, e um dia vou lhes contar como isso aconteceu. Mas agora estou com sede, por isso tragam mais vinho, vinho!

Sem dizer mais uma palavra, o mestre bebeu até cair na poltrona, duro como um morto.

Os rapazes se horrorizaram com aquela visão. Não ousaram levá-lo para dentro e o deixaram sentado lá fora. Na manhã seguinte, ele acordou e se arrastou até sua cama.

Briga de galos

De vez em quando serventes de moinho itinerantes chegavam a Koselbruch e, como era de costume e de direito, pediam pousada e alimento ao moleiro. Mas com o mestre das Águas Negras não tinham sorte, pois, embora fosse seu dever dar alimento por um dia e abrigo por uma noite aos trabalhadores itinerantes, ele não dava a menor importância às convenções e os expulsava com palavras de escárnio. Dizia que não queria saber de ladrõezinhos e vagabundos, que para patifes da sua laia ele não tinha nem pão nem mingau na panela; que fossem bater em outro lugar antes que ele soltasse os cachorros para correr atrás deles até Schwarzkollm.

Na maioria das vezes, aquilo era suficiente para se ver livre dos viajantes. Se no entanto algum deles quisesse dar uma de valentão, o mestre tinha meios de fazer o pobre diabo achar que estava sendo perseguido por cães, recolher suas coisas na mesma hora e sair correndo, aos gritos.

— Não queremos saber de intrusos por aqui — costumava dizer o mestre — nem de comilões inúteis.

Aconteceu em pleno verão, num dia calorento e pesado. Nuvens de vapor encobriam Koselbruch, o ar estava tão carregado, que era difícil respirar. O açude do moinho exalava um cheiro forte, de algas e lodo podre. Logo, logo haveria tempestade.

Depois do almoço, Krabat refestelara-se à sombra dos arbustos que ficavam à margem da represa. Com as mãos apoiando a nuca, ele estava deitado na relva, mascando uma folha de capim. Estava cansado e com sono, seus olhos estavam quase fechando.

No meio daquela sonolência, ouviu alguém chegar pelo caminho, assobiando alto. Quando abriu os olhos, havia um viajante à sua frente.

O estranho, um homem já de mais idade, alto e magro, com a pele escura como de cigano, usava um chapéu de ponta, meio esquisito, e trazia uma argolinha de ouro na orelha esquerda. Fora isso, estava vestido como qualquer outro moleiro itinerante, com calças largas de linho, uma machadinha presa no cinto, o saco de viagem sobre o ombro esquerdo.

— Saudações, irmão! — gritou ele.

— Saudações — disse Krabat, bocejando. — De onde, para onde?

— De lá, para ali — disse o estranho. — Leve-me até seu moleiro!

— Ele está sentado na sala do mestre — retrucou Krabat, indolente. — Chegando ao vestíbulo, a primeira porta à esquerda. Não há como errar.

O estranho observou Krabat com um sorriso irônico.

— Faça o que eu lhe disse, irmão, e leve-me até ele!

Krabat sentiu que uma força poderosa emanava do estranho, obrigando-o a se levantar para lhe mostrar o caminho, conforme ele pedira.

O mestre estava sentado na sala, na cabeceira da mesa. Levantou os olhos mal-humorado quando Krabat entrou com o estranho, que no entanto não pareceu se alterar.

— Com licença! — gritou, levantando um pouco o chapéu. — Apresento-lhe meus cumprimentos, mestre, e peço-lhe alimento e pousada por uma noite.

O mestre apontou-lhe a porta com seu discurso costumeiro, porém o estranho não se abalou nem um pouquinho.

— Pode esquecer essa história dos cachorros — disse ele —, pois sei que você não tem nenhum. Então, com licença.

Sem a menor cerimônia, sentou-se na cadeira da outra ponta da mesa. Krabat não estava entendendo mais nada. Como é que o mestre permitia aquilo? Era para ele ter dado um pulo, para ter expulsado o estranho do moinho, a pauladas se fosse preciso... Por que ele não fez nada?

Sentados frente a frente sem trocar uma palavra, os dois homens se encaravam por cima da mesa, cheios de raiva, como se cada um deles estivesse pronto para pular em cima do outro e lhe cortar o pescoço.

Lá fora ouviu-se o primeiro trovão; bem distante ainda, um som abafado, quase imperceptível.

Então Hanzo entrou pela porta, depois Michal, depois Merten. Um a um, os rapazes do moinho foram chegando à sala do mestre, até que todos estivessem lá reunidos. De repente tinham sentido vontade de ver o mestre, uma vontade que, sem nenhuma razão, fora tomando conta deles, levando-os até lá.

A tempestade se aproximava mais e mais, uma rajada de vento fez as janelas baterem, um raio cortou o céu. O estranho esticou os lábios, depois cuspiu sobre a mesa. No lugar onde ele cuspiu apareceu um rato vermelho.

— Agora, moleiro, é sua vez de cuspir!

O mestre fez aparecer sobre a mesa um rato preto, com um olho só, como ele mesmo. Os ratos começaram a girar rapidamente, um em torno do

outro, o vermelho tentando morder o rabo do preto, e o preto tentando morder o rabo do vermelho. O preto estava prestes a dar uma mordida quando o rapaz estranho estalou os dedos.

Lá onde o rato vermelho havia se encolhido, encontrava-se agora um gato vermelho, pronto para dar o bote. No mesmo instante o rato preto também se transformou num gato preto e caolho. Enraivecidos, com as garras eriçadas, os dois giravam um em torno do outro.

Uma patada, uma mordida, outra patada!

O gato vermelho mirava no único olho do gato preto. Gritando, pulou em cima do outro e quase acertou seu olho.

Dessa vez foi o mestre que estalou os dedos. No lugar do gato preto surgiu de repente um galo de briga. Batendo as asas, balançando raivoso o bico e a crista, ele atacou, fazendo o gato vermelho recuar assustado, mas não muito, pois o estranho voltou a estalar os dedos.

Dois galos, um preto e um vermelho, encontravam-se frente a frente sobre a mesa, com as cristas eriçadas e as penas arrepiadas.

Lá fora a tempestade desabava, mas os rapazes do moinho não lhe davam a menor atenção. Entre os dois galos começou uma briga selvagem. Gritando e saltando, eles se lançavam um sobre o outro. Sobravam bicadas e esporadas dos dois lados, defendiam-se com as asas, de tal modo que as penas se espalhavam, eles gritavam, eles guinchavam.

Finalmente o galo vermelho conseguiu subir nas costas do preto. Agarrou-se firmemente ao adversário e começou a depená-lo impiedosamente, bicando-o com fúria, até que ele se pusesse em fuga.

O galo vermelho correu atrás do outro por meio moinho, perseguindo-o através de Koselbruch.

Um último e poderoso relâmpago rasgou o céu, depois ouviu-se um trovão que parecia o rufar de milhares de tambores ao mesmo tempo. De repente, fez-se completo silêncio, e só restou a chuva, que escorria pelas janelas.

— Você perdeu a luta, moleiro das Águas Negras — disse o estranho. — Agora, depressa, estou com fome. Traga-me o que comer e não se esqueça do vinho!

O mestre, com o rosto branco como giz, levantou-se de sua poltrona. Sem pedir ajuda, ele mesmo trouxe para o viajante pão e presunto, carne de-

fumada e queijo, pepinos e cebolas em conserva. Depois foi buscar no porão um jarro de vinho tinto.

— Ácido demais — comentou o estranho, depois de o provar. — Traga-me um pouco do barril pequeno, que está lá no fundo, no canto! Você o guardou para uma ocasião especial... e esta é uma ocasião especial!

O mestre obedeceu, rangendo os dentes. Havia perdido a luta, tinha de se submeter.

O estranho desfrutou da refeição com toda a calma, o mestre e os serventes do moinho observavam-no enquanto ele comia. Ali, em pé, parecia que tinham criado raízes, e não conseguiam desviar os olhos daquele homem. Finalmente ele afastou o prato, limpou a boca com a manga e disse:

— Ah, estava muito gostoso, e também foi o suficiente... À sua saúde, irmãos! — ele ergueu o copo e bebeu à saúde dos rapazes. — Quanto a você — gritou para o mestre —, de hoje em diante tenha mais cuidado antes de apontar a porta da rua para um estranho. Quem lhe recomenda isso é Pumphutt!

Dizendo isso, ele se levantou, pegou sua machadinha e sua trouxa e saiu do moinho. Krabat e seus companheiros correram atrás dele, deixando o mestre sozinho.

Lá fora a tempestade havia passado, o sol brilhava sobre Koselbruch, o ar estava fresco como água da fonte.

Pumphutt seguiu seu caminho, sem se voltar para trás. Cruzando os prados úmidos de chuva, dirigiu-se para o bosque, assobiando. De vez em quando sua argola de ouro brilhava ao sol.

— Eu não disse? — falou Andrusch. — Quem se mete com Pumphutt, só descobre tarde demais que teria sido melhor notar de início de quem se tratava...

O mestre passou três dias e três noites trancado na câmara escura. Os serventes do moinho andavam sorrateiramente pela casa, na ponta dos pés. Tinham visto Pumphutt vencer o mestre numa demonstração de força de magia e já podiam imaginar o que o futuro lhes reservava.

Na noite do quarto dia aconteceu. O mestre apareceu durante o jantar na sala da criadagem e arrancou-os da frente das tigelas.

— Para o trabalho!

Certamente tinha bebido, pois contra o vento dava para sentir o cheiro forte. Com as faces encovadas, a barba por fazer, ele se postara diante dos

rapazes, branco como a própria morte.

— Como? Ainda não estão na casa de moagem? Será que vou ter de fazê-los correr? Vamos, façam o moinho funcionar, joguem os grãos na caixa! Vamos moer com todas as moendas, e ai de quem tentar me enganar!

Durante a noite, todos tiveram de se matar de trabalhar. Sem dó nem piedade, o mestre obrigava-os a acelerar. Gritando e xingando, fazia-os correr de um lado para outro, exigindo coisas, fazendo ameaças, mal lhes dando tempo para refletir. Não houve nenhuma pausa durante a noite toda, nenhum momento para tomar fôlego.

Quando finalmente amanheceu, os rapazes estavam desmaiando de cansaço. Parecia que tinham levado uma surra, e nenhum deles conseguia respirar sem dificuldade. O mestre então mandou-os para seus catres, para descansarem.

Durante o dia inteiro ele os deixou em paz, mas à noite começou tudo de novo. E assim foi noite após noite. Quando começava a escurecer, o mestre mandava os serventes para a casa de moagem, e então eles penavam, enquanto eram xingados, humilhados e acossados até um novo dia amanhecer.

Só nas noites de sexta-feira e de sábado eles não precisaram trabalhar, pois a aula da noite de sexta-feira não foi suspensa. No entanto, os rapazes estavam sempre tão cansados, que no poleiro, transformados em corvos, mal conseguiam se manter acordados, e alguns chegavam mesmo a dormir.

O mestre não se importava nem um pouco. O que e o quanto aprendiam era problema deles. Só uma vez, quando Witko caiu do poleiro porque estava dormindo, ele não pôde deixar de lhe passar uma descompostura.

Witko era quem mais estava sofrendo com aquela situação, pois ainda estava em crescimento. O trabalho noturno o afetava com mais intensidade. É verdade que Michal e Merten tentavam ajudar o garoto; e também Hanzo, Krabat e Staschko se esforçavam por tornar o trabalho dele menos penoso. Mas o mestre estava em toda parte, e quase nada escapava da visão de seu único olho.

De Pumphutt nunca mais se falou. Apesar disso, os rapazes sabiam que o mestre os estava castigando por terem presenciado sua derrota.

E assim transcorreram semanas inteiras, até a primeira lua nova de setembro. O sujeito com a pena de galo apareceu como de costume, os serventes se puseram a seu serviço, o mestre subiu para a boleia. Ficou segurando o chicote e fazendo-o estalar. Em silêncio, os rapazes corriam com

seus sacos da carroça até a casa de moagem, jogavam seu conteúdo no ponto morto e corriam de volta para a carroça. Tudo transcorria como em todas as noites de lua nova, na verdade de maneira um pouco mais cansativa. Até que mais tarde, lá pelas primeiras horas da madrugada, aconteceu: Witko não aguentou mais. Carregando um dos últimos sacos, ele cambaleou e foi ao chão, a meio caminho entre a carroça e a casa de moagem. Ofegando, ficou caído, com o rosto voltado para o chão. Michal virou-o de frente, abriu sua camisa.

— Ei, vocês aí! — chamou o mestre, saltando de seu lugar. — O que está acontecendo?

— Ainda pergunta? — Michal, endireitando-se, rompeu o silêncio que era de praxe nas noites de lua nova. — Durante semanas inteiras nos fez trabalhar como condenados, noite após noite. Como é que o garoto podia aguentar?

— Quieto! — gritou o mestre. Ele estalou o chicote na direção de Michal, a correia enroscou-se em seu pescoço.

— Pare com isso!

Pela primeira vez Krabat ouviu a voz do estranho. Era uma voz que lembrava simultaneamente o chiar do carvão em brasa e o tilintar do gelo. O rapaz sentiu um frio lhe percorrer a espinha, ao mesmo tempo que tinha a sensação de estar no meio de uma fogueira acesa.

O sujeito da pena de galo fez um gesto para Michal, ordenando-lhe que levasse Witko; depois tomou o chicote da mão do mestre e mandou-o descer da carroça.

No lugar do garoto que Michal levou para a cama, o mestre teve de trabalhar pelo resto da noite com os serventes, o que só era obrigado a fazer na época entre o Ano Novo e a Páscoa. E os serventes do moinho não o invejaram.

No final da fila

A partir do dia seguinte os rapazes tiveram sossego. Só as marcas do chicote no pescoço de Michal ainda faziam lembrar o sofrimento que o mestre lhes impusera por tantas semanas, noite após noite. Voltaram a executar seu trabalho durante o dia, o que quase não lhes causava cansaço, para terminar no final da tarde. Então podiam fazer ou deixar de fazer o que bem entendessem: tocar berimbau-de-boca, contar histórias, entalhar colheres. Tudo voltou a ser como antes. As bolhas em suas mãos secaram, os ferimentos no peito e nas costas logo cicatrizaram. Voltaram a seu aprendizado ávido e bem-sucedido das noites de sexta-feira, quando o mestre lia para eles os textos do Koraktor. E, na hora de repassar a lição, na maioria das vezes era Juro que ficava sem saber o que dizer e esquecia tudo, como sempre.

Pouco depois do dia de São Miguel, Petar e Krabat foram enviados pelo mestre a Hoyerswerda, para buscar um tonel de sal e mais algumas coisas para a cozinha. O moleiro nunca deixava que um dos rapazes viajasse sozinho. Quando havia alguma coisa a fazer fora do moinho, sempre mandava pelo menos dois. Ele devia ter motivos para proceder assim... ou instruções.

Logo ao amanhecer os dois partiram na carroça, com os baios atrelados. A neblina envolvia Koselbruch. Ao deixarem o bosque para trás, o sol apareceu e a neblina dissolveu-se no chão.

Schwarzkollm estava à frente deles.

Krabat tinha esperança de poder ver a menina do coro. Ao atravessarem a aldeia, ele a procurava com os olhos, mas em vão. Entre as garotas que conversavam perto da fonte de baixo, carregando seus jarros de água, ela não estava. Também não estava na fonte de cima. E não estava em nenhum outro lugar à vista.

Krabat ficou triste, pois teria gostado muito de revê-la. Já ia tão longe a noite de Páscoa!

— Será que vou ter mais sorte à tarde, na volta? — ele pensava. Talvez fosse melhor não alimentar nenhuma esperança, para não se decepcionar.

À tarde, quando voltavam de Hoyerswerda levando o tonel de sal e as outras coisas, Krabat viu seus desejos realizados. Lá estava a garota, rodeada por um bando de galinhas que cacarejavam, não muito longe da fonte de

baixo. Com um cesto na mão, ela dava de comer às aves: — Piii-pipipi! Pi-ii-pipipi!

Krabat reconheceu-a imediatamente. Cumprimentou-a de passagem, inclinando a cabeça como que casualmente, para que Petar não notasse nada. A garota retribuiu o cumprimento, também casualmente, como se cumprimenta qualquer estranho: dava muito mais importância às galinhas que precisava alimentar.

Entre as aves se destacava um belo galo, de penas vermelhas, que bicava os grãos aos pés da menina com sofreguidão; naquele momento Krabat sentiu inveja do galo, e, se pudesse, bem que teria trocado de lugar com ele.

Desta vez o outono se arrastou longamente, inóspito, frio e cinzento, com muita névoa e chuva. Os rapazes aproveitavam os raros dias um pouco mais secos para irem buscar as trufas para o inverno. O resto do tempo eles passavam no moinho, no estábulo e na granja, no celeiro ou no barracão. Todos ficavam satisfeitos quando aparecia algum trabalho que não os obrigasse a sair na chuva.

Desde a primavera Witko crescera a olhos vistos, mas continuava bem magro.

— Devíamos colocar um tijolo na cabeça dele — dizia Andrusch —, senão vai acabar ficando mais alto do que nós!

E Staschko propunha que ele fosse alimentado como os gansos que vão para o abate:

— Ele precisa criar banha nessas costelas e mais carne no traseiro, senão vai ficar parecendo um espantalho de horta!

Ultimamente também tinha surgido no queixo de Witko e sobre seu lábio superior uma penugenzinha... ruiva, é claro. Ninguém se importava muito com Witko, a não ser Krabat. Observava que o garoto envelhecera três anos em apenas um.

Aquele ano, a primeira neve caiu bem tarde, na noite de Santo André. Novamente uma grande intranquilidade começou a se apossar dos serventes do moinho de Koselbruch. Novamente tornaram-se amargos e irritadiços. Qualquer coisinha era motivo para começarem a brigar. A cada semana tornavam-se mais raros os dias em que pelo menos um deles não avançava no outro, brandindo os punhos de raiva.

Krabat lembrou-se da conversa que tivera com Tonda mais ou menos na mesma época do ano anterior. Será que, mais uma vez, os rapazes estavam

apavorados porque um deles deveria morrer?

Como não tinha pensado nisso antes? Aliás, ele já conhecia o Campo Deserto e a fileira de montículos de terra: eram sete ou oito... talvez mais... não os havia contado. Agora entendia o medo dos rapazes e o compartilhava. Podia ter chegado a hora de qualquer um deles, talvez com exceção de Witko. Mas de quem seria a vez agora? E por quê?

Krabat não ousava perguntar nada a nenhum de seus companheiros, nem a Michal.

Com mais frequência do que antes, ele pegava a faca de Tonda, abria-a, observava a lâmina. Estava branca, e assim continuou. Krabat, portanto, parecia estar fora de perigo. Mas na manhã seguinte a situação poderia ser outra.

No barracão havia um caixão pronto. Krabat descobriu-o por acaso, quando foi buscar lenha na véspera de Natal. O caixão estava coberto com uma lona de carroça. O rapaz não o teria percebido, se não tivesse batido nele com a canela.

Quem teria feito aquele caixão? Desde quando estava ali... e para quem seria, afinal?

Aquela pergunta não saiu mais da cabeça de Krabat. Importunou-o pelo resto do dia, até em seu sonho.

Krabat encontra um caixão no barracão: um caixão de pinho, coberto com uma lona de carroça. Cuidadosamente, Krabat abre o caixão e dá uma olhada dentro dele. Está vazio.

Então resolve destruí-lo. Não suporta a ideia de que o caixão esteja ali à espera de alguém.

Com sua machadinha, Krabat se põe a trabalhar. Separa as tábuas, parte-as de cima a baixo, o mais possível. Depois ainda as pica em pedacinhos, que pretende juntar num cesto e levar para Juro atiçar o fogo.

Mas, quando ele se volta para procurar um cesto, clap!... o caixão se recompõe, está inteirinho de novo.

Krabat investe contra ele pela segunda vez com o machado e o desfaz em pedacinhos. No entanto, mal ele termina o trabalho, clap!... e o caixão está inteiro.

Krabat tenta pela terceira vez, enraivecido. Ele pica, pica, as lascas de madeira voam, até tudo se transformar numa montanha de pedacinhos mi-

núsculos. Mas o que adianta? Clap!... lá está o caixão de novo, sem qualquer risquinho ou defeito, ã espera daquele a quem se destina.

Aterrorizado, Krabat corre por Koselbrucb afora. A neve cai copiosamente, encobrindo-lhe a visão. Krabat não sabe para onde está correndo. Teme que o caixão o persiga. Depois de algum tempo, ele para e escuta.

Não ouve nenhum barulho de pés de madeira, nenhum som oco, conforme temera... Mas, alguns passos à sua frente, ouve alguma coisa rangendo e raspando, como se alguém estivesse escavando a areia congelada.

Krabat segue o ruído e chega ao Campo Deserto. No meio da neve ele vê um vulto, que está cavando uma cova com pá e enxada, no extremo superior da fileira de túmulos, perto da orla do bosque... no lugar onde, no verão, tinha caído a flor que restara. Krabat acha que conhece a pessoa. Sabe que um dos rapazes do moinho está à sua frente, mas, no meio da tempestade de neve, não consegue distinguir quem é.

— Ei! Quem é você? — ele quer gritar.

Mas sua voz não sai, ele não consegue emitir nenhum som. Também não consegue dar mais nem um passo adiante. Fica parado no lugar. Seus pés estão congelados, grudados no chão, ele não consegue soltá-los.

— Maldição! — ele pensa. — Será que fiquei paralisado? Tenho que avançar alguns passos... tenho... tenho...

Krabat está suando em bicas, junta suas últimas forças. Seus pés não lhe obedecem. Por mais que ele faça, não consegue sair do lugar. Continua nevando, nevando... e aos poucos a neve o vai cobrindo...

Krabat levantou-se banhado em suor. Jogou a coberta longe, arrancou do corpo a camisa encharcada. Depois se aproximou da janela e olhou para fora.

Era manhã de Natal, tinha nevado durante a noite, e ele viu as pegadas recentes que se dirigiam para Koselbruch.

Quando Krabat foi até o poço para se lavar, Michal vinha chegando pelo caminho, trazendo pá e enxada. Ele vinha de cabeça baixa, os passos se arrastando, o rosto pálido. Krabat quis falar com ele, mas Michal fez um gesto, pedindo-lhe que não dissesse nada. Os dois se entenderam sem trocar uma palavra.

Michal parecia outra pessoa. Afastou-se de Krabat e de todos os outros, mesmo de Merten. Era como se um muro tivesse se criado entre Michal e os

outros rapazes, como se ele já tivesse ido embora.

Então chegou a véspera de Ano Novo.

De manhã o mestre já não apareceu, e ficou sumido o dia todo. A noite chegou, os serventes foram para a cama.

Krabat, embora estivesse decidido a se manter acordado, adormeceu como todos os outros. À meia-noite ele acordou e aguçou os ouvidos.

Um barulho abafado... e um grito. Depois, silêncio.

Merten, o urso de ombros largos, começou a soluçar como uma criança.

Krabat puxou as cobertas para cima das orelhas, apertou os dedos no enxergão e desejou estar morto.

Na manhã de Ano Novo encontraram Michal. Estava deitado no chão da casa de moagem, uma viga se soltara do teto e o atingira bem na nuca. Os rapazes o colocaram sobre uma tábua e o levaram para a sala da criadagem, onde se despediram do companheiro.

Juro cuidou dele, tirou suas roupas, lavou-o e colocou-o no caixão de pinho, com um feixe de palha sob o pescoço. À tarde, levaram-no para o Campo Deserto. Depositaram seu caixão na cova aberta no final da fileira de túmulos, perto da orla do bosque.

Michal foi enterrado rapidamente. Os rapazes não permaneceram ao lado do túmulo nem um segundo mais do que necessário.

Só Merten ficou para trás.



O rei mouro

Durante os dias seguintes, o mestre continuou desaparecido e, enquanto isso, o moinho ficou parado. Os serventes passavam o tempo deitados ou acocorados em torno do fogão aceso. Será que no moinho de Koselbruch tinha existido, mesmo, um companheiro chamado Michal? Nem Merten falava nele, só ficava parado, em silêncio, da manhã à noite. Uma única vez, na noite do Ano Novo, quando Juro trouxe as roupas do morto e as colocou ao pé do catre vazio, ele saiu daquele estado de torpor. Correu para o celeiro e passou a noite toda escondido no meio do feno. Depois, voltou à apatia total. Não via nem ouvia nada, não dizia nem fazia nada. Simplesmente ficava ali, sentado.

Naqueles dias, os pensamentos de Krabat voltavam sempre à mesma pergunta dolorosa. Estava claro que não era por mera coincidência que Tonda e Michal tinham morrido na noite da véspera de Ano Novo. Que jogo seria aquele e quais seriam suas regras?

O mestre ficou ausente até a noite anterior ao Dia de Reis. Witko já estava prestes a apagar o lampião, quando a porta do sótão se abriu. O mestre apareceu na soleira, o rosto pálido, como se tivesse sido pintado de cal. Ele lançou um olhar à sua volta. Pareceu ignorar a ausência de Michal.

— Ao trabalho! — ordenou. Depois virou as costas e desapareceu pelo resto da noite.

Os rapazes se vestiram rapidamente e desceram a escada aos trambolhões. Os outros foram tropeçando até a casa de moagem, despejaram os grãos e puseram o moinho para funcionar. Quando ele começou a se mover, rangendo e triturando, os companheiros sentiram um alívio no peito.

— Está moendo de novo! — pensou Krabat. — A vida continua...

À meia-noite haviam terminado o trabalho. Quando entraram no quarto, viram que no catre que pertencera a Michal havia alguém deitado: um rapazinho de uns quatorze anos, que acharam bem pequeno para sua idade. O garoto tinha o rosto preto, mas suas orelhas eram vermelhas. Os rapazes o rodearam, curiosos, e Krabat, que estava segurando o lampião, dirigiu seu foco para ele. Então o menino acordou e, ao ver os onze fantasmas de pé em volta de sua cama, ficou assustado. Krabat achou que conhecia o menino... mas de onde?

— Não precisa ter medo — ele disse. — Somos os serventes deste moinho. Como você se chama?

— Lobosch. E você?

— Sou Krabat. E este aqui...

O menino de rosto preto o interrompeu.

— Krabat? Conheci um sujeito que se chamava Krabat...

— E daí?

— Ele era bem mais novo.

Naquele momento Krabat se lembrou.

— Então você é o pequeno Lobosch da aldeia de Maukendorf! — ele gritou. — E você está preto, porque estava representando o rei mouro.

— É — disse Lobosch mas foi pela última vez. Agora sou um aprendiz aqui no moinho.

Disse aquilo todo orgulhoso, e os serventes do moinho compreenderam.

Na manhã seguinte, quando Lobosch chegou para o café da manhã, estava usando as roupas de Michal. Tinha tentado tirar a fuligem do rosto, só que em volta dos olhos e do nariz ainda estava com um resto da cor do rei mouro.

— Não tem importância! — disse Andrusch. — Depois de meio dia de trabalho na casa de farinha isso se resolve.

O menino estava faminto, lançou-se sobre o mingau de aveia com a avidez de uma debulhadora. Krabat, Andrusch e Staschko comiam com ele da mesma tigela. Ficaram admirados ao ver o quanto ele comia.

— Se você trabalhar do mesmo jeito que come — disse Staschko —, nós todos vamos poder ficar de papo para o ar, só olhando!

Lobosch olhou-o interrogativamente.

— Será que eu deveria comer menos?

— Não se preocupe, coma! — disse Krabat. — Vai precisar de força! Aqui só passa fome quem quer!

Lobosch, em vez de continuar comendo, levantou a cabeça e ficou observando Krabat com os olhos apertados.

— Você podia ser o irmão mais velho dele.

— De quem?

— Ora, do outro Krabat! Você sabe, eu disse que conheci um.

— Um que estava mudando de voz? E que abandonou vocês quando estavam em Grois-Partwitz?

— Como é que você sabe? — perguntou Lobosch, espantado. Depois ele bateu na testa. — Veja só como é fácil nos enganarmos! Naquela época eu achava que você devia ser um ano e meio, no máximo dois, mais velho que eu...

— Cinco — disse Krabat.

Naquele momento a porta se abriu. O mestre entrou, os rapazes abaixaram a cabeça.

— Ei, você! — disse ele ao novo aprendiz. — Para ser um principiante, você fala um pouco demais. Vamos acabar com isso.

Depois, voltando-se para Krabat, Staschko e Andrusch, ele acrescentou: — Ele devia era comer mingau em vez de ficar tagarelando. Deem um jeito de lhe ensinar isso!

O mestre deixou a sala da criadagem, fechando a porta atrás de si.

De repente Lobosch pareceu estar satisfeito. Deixou a colher de lado, encolheu os ombros, baixou a cabeça por uns instantes.

Quando levantou os olhos, Krabat dirigiu-lhe um aceno quase imperceptível por cima da mesa. Tudo indicava que o garoto tinha entendido o gesto. Ele sabia que a partir de então tinha um amigo no moinho de Koselbruch.

Lobosch também não escapou da casa de farinha na parte da manhã.

Depois do café, o mestre o chamou, ordenando que o acompanhasse.

— E por que ele haveria de ter mais sorte do que nós? — disse Lyschko. — Um pouquinho de pó de farinha não vai matá-lo.

Krabat não retrucou. Pensou em Tonda, pensou em Michal. Se ele quisesse ajudar Lobosch, Lyschko não poderia desconfiar. Krabat não deveria deixar transparecer absolutamente nada.

De início, não poderia fazer nada por Lobosch. O garoto precisava se arranjar para superar aquela primeira manhã, varrendo a poeira de farinha, com as pestanas colando, o nariz entupido. Não dava para escapar, ele tinha de passar por tudo aquilo, não dava para ser de outro jeito.

Krabat mal conseguiu esperar até o momento em que Juro chamou os rapazes para comer. Enquanto os outros corriam para a sala, ele foi até a casa de farinha e destrancou a porta.

— Pode sair! Hora do almoço!

Lobosch estava acocorado num canto, com os joelhos dobrados, o rosto escondido nas mãos. Quando Krabat o chamou, o garoto levou um susto e

deu um salto; depois foi andando devagarinho até a porta, puxando a vassoura atrás de si. Apontou com o polegar para trás dos ombros.

— Não consegui — confessou a meia-voz. — Depois de um tempo eu desisti e me sentei. Será que o mestre vai me mandar embora? O que você acha?

— Ele não vai ter motivo nenhum para isso — disse Krabat.

O rapaz pronunciou uma fórmula mágica, desenhou um pentagrama no ar com a mão esquerda. A poeira se levantou dentro do recinto, como se um vento forte soprasse por todas as frestas e buraquinhos. Uma nuvem branca de pó saiu voando pela porta, passou por cima da cabeça de Lobosch, dirigindo-se para o bosque.

A casa de farinha estava bem varrida, não sobrara nem uma poeirinha. O garoto arregalou os olhos de espanto.

— Como se faz isso?

Krabat não lhe deu resposta.

— Prometa que não vai contar isso para ninguém — ele disse. — E agora vamos para dentro, Lobosch, a sopa vai esfriar.

À noite, depois que o novo aprendiz já tinha se deitado, o mestre mandou chamar os rapazes e Witko para irem até sua sala. E, tal como acontecera com Krabat na noite de Reis do ano anterior, agora aconteceu com Witko, segundo a ordem e os costumes do moinho. Hanzo e Petar responderam por Witko e por seu nome diante do mestre. Depois o ruivinho foi considerado livre do aprendizado inicial. O mestre tocou-lhe a cabeça e os ombros com o fio da machadinha.

— Conforme a tradição, Witko...

Andrusch já tinha deixado pronto no corredor um saco de farinha vazio, que jogaram em cima de Witko, assim que o mestre os deixou ir. Carregaram o novo companheiro até a casa de moagem, para “moê-lo”.

— Sejam bonzinhos! — recomendou Hanzo. — Não se esqueçam de que ele é muito magrinho!

— Magrinho ou não — retrucou Andrusch um moleiro não é feito de vidro. Ele vai ter de aguentar algumas! Pronto, irmãos, vamos sová-lo!

Bateram e sovaram Witko, como era costume, mas Andrusch recomendou que parassem antes que fossem tão longe quanto com Krabat.

Petar tirou Witko de dentro do saco, Staschko polvilhou-lhe a cabeça com farinha: estava moído. Então o jogaram três vezes para o alto.

Depois o garoto foi obrigado a beber à saúde dos companheiros.

— À sua saúde, irmãos!

— À sua, irmão!

Naquela noite de Reis, o vinho não estava pior do que de hábito. Apesar disso, os rapazes não conseguiam se alegrar como de costume, por causa de Merten. Ele trabalhara o dia todo em silêncio, também comera em silêncio, ficara de lado em silêncio, enquanto Witko era surrado; agora estava sentado em cima de um caixote de farinha, sem participar de nada, rígido, como uma estátua de pedra. Não havia o que o fizesse se mexer, o que o fizesse romper o silêncio.

— Ei, parece até que alguém pisou no seu calo! — disse Lyschko, rindo e estendendo um copo de vinho em sua direção. — Encha a cara, Merten... só não fique olhando para nós com essa cara de Sexta-Feira Santa!

Merten se levantou. Sem dizer uma palavra, aproximou-se de Lyschko e arrancou-lhe o copo de vinho da mão. Depois os dois ficaram se encarando, olho no olho. Lyschko começou a suar, os rapazes prenderam a respiração.

Fez-se silêncio na casa de moagem, um silêncio tumular.

Então eles ouviram alguém se aproximar pelo corredor, tateando, hesitante. Todos, inclusive Merten e Lyschko, olharam para a porta, e Krabat, que estava mais próximo dela, abriu-a.

Na soleira da porta surgiu Lobosch, descalço, de camisa, uma coberta por cima.

— É você, rei mouro?

— É, sou eu — disse Lobosch. — Estou com medo de ficar sozinho no sótão. Vocês não vão dormir?

Quando se têm asas

Aquele Lobosch! Desde o primeiro dia todos gostaram dele. Até Merten era gentil com o garoto, embora demonstrasse sua amizade sem dizer uma palavra: quando muito lhe dirigia um aceno, um olhar, um gesto.

Com os outros, Merten continuava calado. Fazia seu trabalho, adaptava-se ao transcorrer do dia, não empacava, não desobedecia a nenhuma ordem, fosse ela do mestre ou do capataz. Mas ele não falava nada, com ninguém e em momento nenhum. Mesmo nas noites de sexta-feira, quando o mestre os interrogava a respeito do Koraktor, Merten mantinha-se calado, como desde o primeiro dia do ano. O mestre aceitava seu silêncio sem se abalar.

— Como já disse — explicava ele aos rapazes —, cada um deve saber se pretende dedicar-se ao conhecimento das ciências ocultas e até que ponto. Depende só de vocês. Para mim tanto faz!

Krabat estava preocupado com Merten. Tinha a sensação de que deveria tentar lhe falar. Certo dia, encontrava-se junto com Petar e com ele no celeiro, peneirando os grãos. Mal tinham começado, quando Hanzo chegou e chamou Petar para ajudá-lo no estábulo.

— Continuem o trabalho vocês dois, por enquanto! Assim que um de nós desocupar, virá ajudá-los.

— Tudo bem — disse Krabat.

Ele esperou Hanzo sair com Petar e fechar a porta atrás de si; depois pôs a peneira de lado e, colocando a mão no ombro de Merten, disse:

— Sabe o que Michal me disse um dia?

Merten voltou o rosto e ficou olhando para o companheiro.

— Os mortos estão mortos — continuou Krabat. — Ele me disse isso duas vezes, e na segunda vez acrescentou: Quem morre no moinho de Koselbruch deve ser esquecido, como se jamais tivesse existido. Só assim os outros poderão continuar a viver, e é preciso continuar a viver.

Merten ouviu em silêncio. Então pegou a mão de Krabat, que continuava sobre seu ombro. Sem dizer uma palavra, afastou-a e continuou seu trabalho.

Krabat não sabia mais o que fazer com Merten. Como deveria se comportar? Com certeza Tonda saberia o que aconselhar, Michal talvez também. Mas agora Krabat estava sozinho, e não era nada fácil.

Ainda bem que ele tinha Lobosch!

As coisas para o menino não estavam sendo mais fáceis do que para qualquer outro aprendiz antes dele. Dificilmente teria conseguido superar os primeiros tempos no moinho se Krabat não o tivesse ajudado: e como Krabat o ajudava!

Ele dava um jeito para encontrar-se com o menino de vez em quando durante o trabalho, não com muita frequência, mas como se fosse por acaso. Ficava parado perto dele, trocavam algumas palavras. Krabat tocava o garoto com a mão e lhe transferia sua força, seguindo o exemplo de Tonda e conforme tinha aprendido numa noite de sexta-feira.

— Mas não deixe ninguém perceber nada! — ele insistira com Lobosch. — Cuidado para o mestre não ficar sabendo... e nem Lyschko, que conta tudo para ele.

— É proibido você me ajudar? — Lobosch perguntara. — O que acontecerá se alguém descobrir?

— Não se preocupe com isso — respondeu Krabat. — O importante é não se trair!

Lobosch, pequenino como era, tinha entendido de imediato o que aquilo significava. Empenhava-se em representar seu papel, e só os dois sabiam que ele estava fingindo para os outros e que as coisas, afinal, não eram tão ruins quanto pareciam. Cada vez que tinha de carregar alguma coisa, ele gemia e reclamava de dar dó. Não havia uma noite em que, ao sair da mesa, não fosse se arrastando até seu catre, mostrando-se quase incapaz de subir as escadas; não havia uma manhã em que não parecesse muito cansado durante o café, mal conseguindo manter-se em sua cadeira.

Duas semanas depois, ficou claro que Lobosch era mais do que apenas muito inteligente e um excelente ator. O garoto se esforçava para quebrar um monte de gelo que se formara atrás do moinho, quando Krabat chegou.

— Eu queria lhe fazer uma pergunta — começou o garoto. — Você vai me responder?

— Se eu puder... — disse Krabat.

— Você começou a me ajudar desde que cheguei aqui no moinho — disse Lobosch —, e continua me ajudando, embora o mestre não possa saber. Se ele souber, você terá problemas... é óbvio, tenho certeza disso...

— Era isso que você queria me perguntar? — interrompeu Krabat.

— Não — disse Lobosch a pergunta vem agora.

— E qual é?

— Diga-me: como posso agradecer sua ajuda?

— Agradecer? — retrucou Krabat, pronto para recusar. No entanto, pensou melhor e disse: — Um dia vou lhe contar sobre meus amigos Tonda e Michal, que estão mortos. Se você me ouvir, já será o suficiente.

Por volta do fim do mês de janeiro, tudo começou a degelar, de um modo violento e inesperado. Num dia ainda estava tudo gelado em Koselbruch; no dia seguinte, desde as primeiras horas da manhã em torno da casa já soprava o vento oeste, quente demais para aquela estação do ano. O sol brilhava, e a neve derreteu em poucos dias, o que era de admirar. Só aqui e ali, numa cova, no fundo de um vale, num sulco de rodas, ainda havia algum resto de neve cinzenta, que não era nada diante do marrom das campinas, do preto dos montículos de terra feitos pelas toupeiras, dos primeiros sinais de verde sob a grama murcha.

— Um clima de Páscoa! — diziam os serventes do moinho.

O vento oeste, um vento quente, afetava os rapazes cada vez mais intensamente. Deixava-os cansados e indolentes, ou, como Andrusch dizia, "como bêbados".

Nessa época todos dormiam inquietos, tinham sonhos confusos e falavam alto durante o sono. De vez em quando ficavam acordados por muito tempo, revirando-se de um lado para outro nos enxergões. Só Merten nunca se mexia: ficava deitado imóvel em seu catre e não falava nem dormindo.

Naqueles dias Krabat pensava muito na garota do coro. Tinha resolvido falar com ela na Páscoa. Bem sabia que ainda teria de esperar muito até lá, no entanto esse pensamento o acompanhava onde quer que estivesse ou para onde quer que fosse.

Nas últimas noites estivera duas ou três vezes prestes a encontrar a moça em sonho, mas não a alcançava, pois sempre alguma coisa o impedia, alguma coisa de que depois não conseguia se lembrar.

O que tinha sido? O que o tinha impedido?

Krabat lembrava-se do início do sonho com todos os detalhes: ele fugia do moinho num momento propício, sem que ninguém o visse, sem que ninguém notasse. Não seguia o caminho habitual até Schwarzkollm, mas enveredava pelo atalho através do pântano, pelo qual certa vez Tonda o conduzira, ao voltarem da turfeira para casa. Até esse ponto tudo estava claro, mas depois não se lembrava de mais nada. Isso o incomodava muito.

Certa noite, deitado em seu catre, sem conseguir dormir por causa do barulho do vento, Krabat começou a remoer mais uma vez aquela história. Com obstinação, repetiu em pensamento o início do sonho três, quatro, seis vezes, e acabou adormecendo. Daquela vez, finalmente, conseguiu levar seu sonho até o fim.

Krabat foge do moinho. Num momento propício, ele sai sorrateiramente da casa, sem ser visto, sem ser notado por ninguém. Quer ir até Schwarzkollm, ver a garota do coro, mas não segue o caminho habitual: ele envereda pelo atalho que Tonda lhe ensinara, quando voltavam do campo de turfa para casa.

Lá no pântano, de repente ele fica inseguro. A neblina impede-o de enxergar direito. Hesitante, ele segue adiante, tateando, o chão é irregular.

Será que se desviou do atalho?

Krabat nota que a água começa a aumentar sob seus pés, como se a cada passo ele afundasse mais um pouco. A água lhe sobe até o calcanhar, depois até as canelas depois... e logo chega até a barriga da perna. Deve ter caído num lodaçal. Quanto mais Krabat se esforça para voltar à terra firme, mais rápido ele vai afundando.

O lodaçal é frio como a morte, uma massa resistente, pegajosa, preta. Sente-a cobrir-lhe os joelhos, depois a coxa, os quadris: logo irá afundar de vez.

Krabat começa a gritar por socorro, enquanto seu peito ainda está livre. Sabe que não adianta muito, pois quem ouvirá seus gritos naquele lugar? Apesar disso, continua a gritar, tanto quanto seus pulmões permitem.

— Socorro! — ele grita. — Salvem-me, estou me afogando, salvem-me!

A neblina torna-se mais densa. Por isso, Krabat só enxerga os dois vultos que se aproximam dele quando já estão apenas a poucos passos. Ele tem a impressão de reconhecer Tonda e Michal.

— Parem! — ele grita. — Fiquem onde estão. Isto é um lodaçal!

Estranhamente, os dois vultos na neblina se fundem em um só, que lhe joga uma corda com uma tábua amarrada na ponta. Krabat se agarra na tábua com força e sente-se puxar para fora do lodaçal; o vulto o arrasta para terra firme.

Tudo acontece mais depressa do que Krabat imaginara. Agora ele está diante de seu salvador e quer agradecer.

— Deixe disso — diz Juro, e só então Krabat nota que foi ele quem o ajudou. — Se continua querendo ir para Schwarzkollm, é melhor ir voando.

— Voando? — pergunta Krabat. — Mas como?

— Ora, como se voa quando se têm asas.

Juro só responde isso, depois é tragado pela neblina.

— Voar... — pensa Krabat. — Voar com asas... — e ele se admira por não ter pensado nisso antes.

No mesmo instante ele se transforma num corvo, como faz toda sexta-feira, abre bem as asas e se eleva do chão. Batendo as asas, ele sobe acima da neblina e toma o rumo de Schwarzkollm.

Na aldeia brilha o sol. Krabat vê a garota do coro lá embaixo, ao lado da fonte, com um cesto na mão, alimentando as galinhas. Naquele momento uma sombra o encobre, o grito de um açor trespassa-lhe o ouvido. Depois ele ouve um zunido, um assobio, no último instante se desvia para a direita, fazendo uma curva.

Por um triz ele não é apanhado pelo açor, que se lança no vazio.

Krabat sabe que está correndo risco de vida. Rápido como uma flecha, com as asas fechadas, ele mergulha. Aterrissa perto da garota, no meio das aves que ela alimenta. No chão, ele assume sua figura humana, agora em segurança.

Piscando, Krabat olha para o céu. O açor foi embora, desapareceu, talvez tenha mudado de rumo.

De repente, lá está o mestre ao lado da fonte, olhando para Krabat com aquele seu olho esquerdo cheio de ira.

— Vamos embora! — ele ordena.

— Porquê? — pergunta a garota.

— Porque ele me pertence.

— Não — ela diz esta única palavra, mas de um modo incontestável.

A garota abraça Krabat, põe o braço em torno de seus ombros e o envolve com seu xale de lã, macio e quente, um manto protetor.

— Venha — ela diz — agora vamos embora.

E, sem se voltarem, os dois se vão juntos.

Tentativas de fuga

Na manhã seguinte, descobriram que Merten tinha desaparecido. Sua cama estava vazia, tinha deixado as cobertas dobradas, o avental e o guarda-pó pendurados no armário, os tamancos debaixo do banquinho. Ninguém vira Merten sair. Só sentiram sua falta quando ele não apareceu para tomar café. Então se precipitaram para procurá-lo por todo o moinho, mas não conseguiram encontrá-lo em lugar nenhum.

— Ele se foi — disse Lyschko. — Precisamos contar ao mestre!

Hanzo colocou-se na sua frente.

— Pois fique sabendo que isso é função do capataz.

Todos esperavam que o mestre reagisse à notícia do desaparecimento de Merten com um ataque de cólera, lançando imprecações, gritos e maldições. Mas não aconteceu nada disso.

Durante o almoço, Hanzo contou aos rapazes que o mestre parecia não ter levado a coisa a sério. Seu comentário a respeito do episódio tinha sido um só: "Merten está ficando maluco." E, quando o capataz perguntara o que deveria ser feito, sua resposta fora: "Pode deixar que ele vai voltar por conta própria!"

E, ainda segundo Hanzo, o mestre dissera aquilo dando uma piscadela com seu único olho, o que era pior do que mil maldições.

— Naquele instante senti um frio tão grande por dentro, que achei que ia me transformar em gelo ali mesmo. Tomara que não aconteça nada terrível com Merten!

— Ora essa! — disse Lyschko. — Quem foge do moinho tem de saber o que o espera. Além do mais, com aquelas costas largas ele bem que pode aguentar umas boas!

— Você acha? — perguntou Juro.

— Claro! — disse Lyschko.

Para reforçar sua afirmação, bateu com o punho na mesa, e a tigela de sopa, splach!, voou inteirinha no rosto dele, fazendo-o gritar de dor, porque a sopa estava fervendo.

— Quem foi que fez isso? — gritou Lyschko, limpando os olhos e as bochechas. — Qual de vocês?

Era óbvio que um dos rapazes tinha aprontado aquela com Lyschko. Só Juro, em sua simplicidade, não via maldade em nada e apenas lamentava a boa sopa desperdiçada.

— Da próxima vez tente não bater na mesa, Lyschko — ele disse —, pelo menos não com tanta violência!

Com Merten aconteceu o que Krabat temia: de noite, quando começou a escurecer, lá estava ele de novo. Em silêncio, apareceu na soleira da porta, de cabeça baixa.

O mestre recebeu-o diante de todos os companheiros. Não o repreendeu, não o castigou. Como tinha sido seu pequeno passeio? Por acaso não gostara das aldeias, já que tinha voltado tão depressa? Ou será que tinha sido obrigado a voltar?

— Não quer me dizer nada, Merten? Estou notando há semanas que você não abre a boca. Mas não posso obriga-lo a falar, e também não vou me importar se você tentar ir embora de novo. Pode tentar à vontade, quantas vezes quiser! Só não alimente muitas esperanças, Merten. Até hoje ninguém conseguiu, e certamente você também não conseguirá.

Merten permaneceu impassível.

— Disfarce — disse o mestre. — Faça de conta que não se importa por sua fuga não ter dado certo! Nós todos, eu e os onze que aqui estão — ele apontou para os rapazes do moinho e para Lobosoch nós sabemos a verdade. E agora suma!

Merten foi se esconder em seu catre.

Todos os rapazes, com exceção de Lyschko, ficaram aborrecidos aquela noite.

— Devíamos tentar dissuadi-lo de tentar fugir uma segunda vez — propôs Hanzo.

— Então tente! — disse Staschko. — Não sei se vai adiantar muito.

— Não — disse Krabat acho que ele não vai querer ouvir ninguém.

Durante a noite o tempo mudou. Quando saíram de casa na manhã seguinte, não havia vento e lá fora estava um frio cortante. Havia gelo nas vidraças e também nas bordas do poço. As poças em volta tinham congelado, os montículos de terra das toupeiras estavam duros, o chão estava uma pedra.

— Isso é mau para as plantações — disse Petar. — Sem neve e com geada, muita coisa vai estragar nos campos por causa do frio.

Krabat ficou contente ao ver que Merten se encontrava junto com os outros durante o café e se lançava faminto sobre o mingau de aveia. Com certeza precisava se recuperar do dia anterior. Depois foram para o trabalho, e ninguém percebeu que Merten fugira de novo do moinho. Agora tinha sido à luz do dia. Só na hora do almoço, quando foram para a mesa, é que notaram seu sumiço.

Merten ficou fora dois dias e duas noites, mais do que qualquer outro tinha conseguido permanecer longe do moinho até então. Os rapazes imaginavam que ele já tivesse conseguido transpor todas as montanhas quando, na manhã do terceiro dia, lá vinha ele pelo campo, caminhando de volta para o moinho, roxo de frio e cansado, com uma cara de dar pena.

Krabat e Staschko o receberam na porta de entrada e o levaram para a sala. Petar tirou-lhe um sapato, Kito o outro. Hanzo pediu para Juro lhe trazer uma vasilha com água gelada, onde enfiou os pés duros de Merten, e começou a esfregá-los.

— Temos de levá-lo para a cama o mais rápido possível — disse ele. — Tomara que não tenha ficado doente!

Os rapazes estavam cuidando de Merten quando a porta se abriu. O mestre entrou na sala e observou-os por um tempo. Dessa vez poupou-lhes o vexame. Esperou até que se dispusessem a carregar Merten, para dizer:

— Só uma palavrinha, antes que vocês o levem... — e, aproximando-se de Merten, continuou: — Acho que duas vezes deveria ser o suficiente, Merten. Não há nenhum caminho que o conduza para longe daqui. Você não vai escapar de mim!

Ainda naquela manhã, Merten escolheu um terceiro caminho, e, segundo imaginava, último e definitivo.

Os rapazes não desconfiaram de nada. Levaram-no para o dormitório, deram-lhe alguma coisa quente para beber e o colocaram na cama, embrulhado nas cobertas. Hanzo ficou lá em cima por algum tempo, sentado no catre ao lado, até se convencer de que Merten havia adormecido e não precisava mais dele. Então também desceu, para trabalhar com os outros no moinho.

Krabat e Staschko há alguns dias ocupavam-se em amolar as pedras do moinho. Já haviam feito isso com quatro mós, estavam trabalhando a quinta. Estavam prestes a soltar os encaixes para chegar à pedra, quando de re-

pente a porta da casa de moagem se abriu com força, e Lobosch entrou correndo, branco feito cera, com os olhos esbugalhados de pavor.

Ele gesticulava, gritava, e ao que parecia dizendo sempre a mesma coisa. Os rapazes só conseguiram entendê-lo quando Hanzo fez a moagem parar. Então, em meio ao silêncio, só se ouviam os gritos de Lobosch.

— Ele se enforcou! — ele gritava. — Merten se enforcou! No celeiro! Venham rápido, venham rápido!

Ele os conduziu para o lugar onde tinha encontrado Merten. O servente estava dependurado numa viga, no canto mais escuro do celeiro, com uma corda no pescoço.

— Temos de tirá-lo daí! — Staschko foi o primeiro a notar que Merten ainda estava vivo. — Temos de cortar a corda e tirá-lo daí!

Andrusch, Hanzo, Petar e Krabat, os que tinham facas, as empunharam. Mas nenhum deles conseguia chegar até Merten. Era como se ele estivesse cercado por um círculo mágico. Davam no máximo três passos, depois não conseguiam mais avançar uma polegada, como se as solas de seus sapatos estivessem coladas ao chão.

Krabat segurou a ponta de sua faca entre o polegar e o indicador, mirou e a lançou... e acertou a corda.

Acertou, mas a faca caiu no chão, sem sucesso.

Então alguém riu.

O mestre tinha entrado no celeiro. Olhou para os rapazes, como se eles fossem apenas esterco de cavalo. Agachou-se para pegar a faca.

Um corte, e uma queda abafada.

Mole como um saco cheio de trapos, o enforcado veio ao chão. Lá estava ele, deitado aos pés do mestre, estertorando.

— Paspalho!

O mestre disse aquilo com o maior desprezo, depois deixou a faca cair e cuspiu em Merten.

Todos se sentiram cuspidos, todos. E também sentiram que aquilo que o mestre dissera valia para todos, sem exceção.

— Eu é que decido quem morre neste moinho! — ele gritou. — Só eu!

Depois o mestre saiu, e agora estava por conta deles cuidar de Merten. Hanzo soltou a corda de seu pescoço, Petar e Staschko o levaram para o dormitório.

Krabat pegou do chão a faca de Tonda e, antes de guardá-la, limpou bem seu cabo com um monte de palha.

Neve sobre as semeaduras

Merten estava doente, e assim ficou por um longo tempo. No começo tinha febre alta, sua garganta estava machucada, ele tinha falta de ar. Durante os primeiros dias não conseguia engolir nada; mais tarde, passou a engolir de vez em quando uma colherada de sopa.

Hanzo tinha distribuído os rapazes de tal modo que sempre houvesse um ao lado de Merten, que não deveria tirar os olhos de cima dele. Também faziam vigília noturna, pois temiam que ele tentasse alguma coisa num acesso de febre. Sabiam que, em sã consciência, não tentaria fazer mais nada para dar cabo da vida, pois o moleiro não deixara nenhuma dúvida quanto ao fato de que aquele não era o caminho para fugir de Koselbruch.

— Eu é que decido quem morre neste moinho!

As palavras do mestre tinham ficado gravadas profundamente em Krabat. Talvez levassem à resposta para a pergunta que ele continuamente se fazia depois da última noite de São Silvestre: quem seria o culpado pela morte de Tonda e de Michal?

Pensando bem, era apenas uma primeira pista que se apresentava a ele, não mais que isso... e não menos, também.

De qualquer modo, quando tudo estivesse esclarecido, iria acertar as contas com o mestre, também isso estava claro para ele. Até chegar o momento certo, Krabat não deveria deixar que percebessem nada. Deveria fingir que era inofensivo, corajoso, obediente, e que não desconfiava de nada. E tinha de começar desde já a se preparar para o acerto de contas, empenhando-se ao máximo em aprender as ciências ocultas.

Naqueles dias de fevereiro não caiu neve, mas o frio castigava tudo com muita intensidade. Todos os dias pela manhã os rapazes tinham de subir na calha para quebrar o gelo que se formava. Estavam sempre xingando e maldizendo o frio terrível que chegara inoportunamente, depois do clima típico da época da Páscoa.

Num daqueles dias, por volta do meio-dia, três homens saíram do bosque e vieram caminhando na direção do moinho. Um deles era forte e grandalhão, um homem em seus melhores anos, como se costuma dizer; os outros dois eram velhos, de barba branca e encurvados.

Lobosch foi o primeiro a perceber sua presença. Ele sempre estava atento a tudo, nada lhe passava despercebido.

— Vamos receber visitas! — gritou para os companheiros, que se preparavam para ir almoçar.

Então todos viram o homem e os dois velhos. Vinham pela estrada de Schwarzkollm, com roupas de lavradores, protegidos por casacos de pele, com seus gorros enterrados na cabeça.

Desde que vivia em Koselbruch, Krabat nunca tinha visto nenhum lavrador das aldeias vizinhas se perder por ali. Aqueles três, porém, vieram direto ao moinho e pediram licença para entrar.

Hanzo abriu a porta para eles; os rapazes se acotovelavam no vestíbulo, cheios de curiosidade.

— O que vocês querem?

— Falar com o moleiro.

— Eu sou o moleiro.

Sem que os serventes percebessem, o mestre tinha saído de sua sala e se dirigia aos homens.

— Qual é o problema?

O mais alto tirou o gorro da cabeça.

— Somos de Schwarzkollm — começou. — Sou o alcaide e estes são nossos decanos. Aceite nossos cumprimentos. Gostaríamos de lhe pedir que nos ouça, moleiro de Koselbruch. De fato, é que... Mas acho que não vai se surpreender se...

O mestre cortou-lhe a palavra com um gesto autoritário.

— Vá direto ao assunto! O que os trouxe a mim? Sem rodeios!

— Gostaríamos de lhe pedir — disse o alcaide — que nos ajude.

— Como assim?

— O frio, e nenhuma neve nos campos cultivados... — o alcaide começou a girar seu gorro na mão. — A semeadura de inverno vai se perder toda, se não nevar nos próximos dias...

— O que eu tenho a ver com isso?

— Queríamos lhe pedir, moleiro, que fizesse nevar.

— Nevar? O que os levou a ter essa ideia?

— Sabemos que você pode... — disse o alcaide que pode fazer cair neve.

— Não estamos querendo isso de graça — afirmou um dos decanos. — Nós lhe pagaremos com dez dúzias de ovos, e mais cinco gansos e sete gali-

nhas.

— Mas — disse o outro — você tem de fazer nevar. Senão nossa colheita do próximo ano estará perdida, e passaremos fome...

— Nós... e as crianças — acrescentou o alcaide. — Tenha piedade de nós, moleiro das Águas Negras, e faça cair neve!

O mestre coçou o queixo com o polegar.

— Durante muitos anos não vi a cara de vocês. Mas, agora que estão precisando de mim, resolvem aparecer.

— Você é nossa última esperança — disse o alcaide. — Se não nos mandar neve, estaremos perdidos. Você não pode nos negar sua ajuda, moleiro! Nós lhe suplicamos de joelhos, como a Nosso Senhor!

Os três se ajoelharam na frente do mestre, baixaram a cabeça e bateram no peito.

— Por favor, atenda-nos! — eles pediam. — Atenda-nos!

— Nada feito! — o mestre permaneceu impassível. — Voltem para suas casas, não estou me importando nem um pouco com sua semeadura de inverno! Eu... e eles — e apontou para os rapazes — não vamos passar fome, não! Já estou me prevenindo, e não preciso de neve para isso. Vocês, porém, lavradores paspalhões, fiquem longe de mim com seus ovos e suas aves! Por mim, que se danem, problema seu! Não vou nem pensar em mover um dedinho por vocês e por sua produção! Não é possível que estejam esperando isso de mim seriamente!

— E vocês? — o alcaide voltou-se para os rapazes do moinho. — Também não querem nos ajudar, senhores serventes? Façam-no, pelo amor de Deus, façam isso por nossas pobres crianças, saberemos agradecer!

— O cara está maluco — disse Lyschko. — Vou soltar os cachorros, e é já!

Ele colocou dois dedos nos lábios e soltou um assobio tão estridente, que fez os rapazes estremecerem. Latidos de cachorros se fizeram ouvir, vários ao mesmo tempo, enfurecidos, ganidos e uivos em uníssono.

O alcaide deu um salto, deixou o gorro cair no chão.

— Vamos! — gritou. — Eles vão nos estraçalhar! Vamos correr, vamos!

Ele e os dois anciãos saíram correndo do moinho, atravessaram os prados, desapareceram no bosque de onde tinham vindo.

— Muito bem! Muito bem, Lyschko! — disse o mestre, batendo no ombro do rapaz. — Estamos livres dos três. Aposto que não voltam tão cedo

aqui.

Krabat estava furioso, ficara com pena do alcaide e de seus acompanhantes. O que teriam feito para o moleiro lhes negar ajuda daquele jeito? Não teria custado nada, bastaria folhear o Koraktor e pronunciar algumas palavras, as palavras necessárias para aquele caso, e que Krabat não conhecia.

O mestre ainda não tinha ensinado os rapazes a fazer nevar. Era uma pena, senão Krabat poderia ter ajudado os lavradores por conta própria. Com certeza Petar também teria tentado, e Hanzo também, e alguns outros.

Só Lyschko tinha ficado contente com a recusa grosseira do mestre em ajudar os lavradores. Estava orgulhoso por ter conseguido enganá-los, fazendo-os acreditar que estavam sendo perseguidos por cães.

Entretanto, sua alegria por ter feito o mal não ficou impune. Na noite seguinte Lyschko acordou assustado, gritando de pavor. Quando os rapazes lhe perguntaram o que havia acontecido, ele contou, ainda com os dentes batendo de medo, que sonhara com uma matilha furiosa e sanguinária de cães pretos que o tinha atacado, para estraçalhá-lo.

— Ah, é? Não me diga! — disse Juro, solidário. — Ainda bem que foi só pesadelo!

Naquela noite, Lyschko sonhou mais cinco vezes com os cachorros sanguinários, e cinco vezes ele acordou apavorado, acordando os rapazes com sua gritaria. Aquilo foi demais para eles, que o expulsaram do dormitório.

— Pegue sua coberta, Lyschko, e vá para o celeiro! Lá você pode sonhar com quantos cachorros quiser e gritar à vontade, desde que não sejamos obrigados a ouvir!

Na manhã seguinte, os rapazes só acreditaram no que estavam vendo depois de esfregar bem os olhos: lá fora estava tudo branco. Tinha nevado durante a noite; e a neve continuou caindo, em flocos grandes e macios, até a metade da manhã. Agora os lavradores podiam ficar contentes, em Schwarzkollm e em todas as aldeias nos arredores de Koselbruch.

Será que o mestre tinha pensado melhor e resolvera ajudá-los?

— Vai ver que o Pumphutt deu uma mãozinha — disse Juro. — Pode ser que os lavradores o tenham encontrado. Acho que ele não se recusaria.

— Pumphutt? Com certeza Pumphutt não negaria ajuda! — concordaram os rapazes.

Mas não podia ter sido Pumphutt. Novamente foi Lobosch quem os viu chegar. De fato, por volta do meio-dia, o alcaide e seus decanos de

Schwarzkollm apareceram no moinho, num trenó puxado por cavalos, trazendo para o mestre o que acreditavam lhe dever pela ajuda prestada: sete galinhas, cinco gansos e dez dúzias de ovos.

— Nós lhe agradecemos, moleiro de Koselbruch — disse o alcaide, inclinando-se profundamente na frente do mestre. — Agradecemos por ter-se apiedado de nossas crianças. Você sabe que não somos ricos. Queira aceitar o que lhe trouxemos em sinal de gratidão. E que Deus lhe pague pelo resto!

O mestre ficou ouvindo, carrancudo. Os serventes notaram o quanto ele estava se controlando para manter a calma quando disse:

— Não sei quem os ajudou. De qualquer modo, não tenham dúvida de que não fui eu. Coloquem suas coisas de volta no trenó e vão-se embora daqui!

Dizendo isso, deixou os lavradores ali parados e foi para a câmara escura. Os rapazes ouviram quando ele trancou a porta por dentro.

O alcaide e seus acompanhantes ficaram ali, com seus presentes, sem entender mais nada.

— Venham! — disse Juro, ajudando-os a carregar tudo de volta para o trenó. — Agora voltem para Schwarzkollm. Quando chegarem em casa, bebam um ou dois tragos de aguardente, e tratem de esquecer tudo isso!

Krabat ficou vendo o trenó com os três homens se afastar, até ele desaparecer. Por algum tempo ainda se ouviu o barulho dos guizos, o estalar do chicote, e a voz do alcaide, que gritava “Eia-eia!”, impelindo os cavalos.

Sou Krabat

A neve derreteu, a primavera chegou, Krabat estudava como um possesso. Fazia tempo que tinha superado os companheiros. O mestre o elogiava, mostrava-se muito contente com seu progresso na magia negra. Ele parecia não perceber que Krabat aprendia cada vez mais apenas para se preparar para o dia da batalha, para a hora do acerto de contas.

Foi no domingo antes da Páscoa que Merten levantou-se pela primeira vez. Sentou-se atrás do barracão de madeira para tomar sol. Estava pálido, magro, quase transparente. Pelo que dava para notar agora, tinha ficado com o pescoço torto. Continuava a falar apenas o estritamente necessário: "sim" e "não", "dê aqui", ou "largue isso"!

Na Sexta-Feira Santa, Lobosch foi admitido na escola de magia negra. Como o garoto se espantou ao ser transformado em corvo pelo mestre! Feliz, começou a esvoaçar pela sala, batendo com as pontas das asas na caveira e no livro de magia. Três vezes o mestre teve de fazer "xô"! Só então o garoto pousou no poleiro: era um pássaro preto, de um palmo de altura, engraçado, com olhinhos espertos e penas eriçadas.

— Esta é a arte de falar em pensamento com uma outra pessoa, de modo que ela possa ouvir e entender as palavras, como se viessem de dentro de si mesma...

Naquela noite não foi nada fácil para os rapazes acompanharem a lição do mestre, pois Lobosch os distraía o tempo todo. Era engraçado ver seu jeito de revirar os olhos, esticar o pescoço, bater as asas. Ninguém dava muita atenção ao que o moleiro lia no Koraktor!

Krabat, ao contrário, não deixava escapar uma palavrinha.

O rapaz tinha percebido o quanto aquela lição era importante... para ele e para a menina do coro. Ele decorou a fórmula, sílaba por sílaba. Depois, antes de dormir, em seu catre, repetiu-a muitas vezes, até ter a certeza de que nunca mais a esqueceria.

No Sábado de Aleluia, quando começou a escurecer, o mestre mandou novamente os serventes do moinho saírem em busca do sinal. Ao fazer a contagem, Krabat e Lobosch ficaram para o fim, e o mestre os despachou com sua bênção negra.

Krabat tinha ido buscar as cobertas no barracão, duas para cada um deles, porque no fim da tarde o tempo tinha mudado e estava cheirando a chuva. Tinham sido os últimos a deixar o moinho, e ele apressava Lobosch, pois temia que outros dois rapazes já estivessem a caminho da Morte de Bâumel. Mas era um temor infundado, conforme constataram ao chegarem à cruz de madeira.

Os dois juntaram pedacinhos de madeira e galhos na orla do bosque e acenderam uma fogueirinha. Krabat explicou ao garoto por que deveriam ficar ao relento naquele lugar e por que passariam a noite de Páscoa em vigília ao lado da fogueira.

Lobosch embrulhou-se em suas cobertas, tiritando de frio, e dizendo a si mesmo como era bom não estar ali sozinho, pois seria capaz de morrer de medo. Então teriam de colocar uma outra cruz de madeira naquele lugar, embora menorzinha...

Mais tarde falaram da escola de magia negra e das regras a que obedecia a aula de ciências ocultas. Depois ficaram em silêncio por um tempinho, até que, finalmente, Krabat começou a falar de Tonda e de Michal.

— Eu disse que um dia iria lhe contar tudo sobre eles.

Enquanto falava a Lobosch sobre seus amigos, Krabat se deu conta de que estava recostado no mesmo lugar em que Tonda estivera, pelo menos com referência ao garoto, que estava sentado em posição oposta, do outro lado da fogueira.

A princípio ele pretendia não contar a Lobosch sobre o fim de Michal e de Tonda, pelo menos não em detalhes. Foi falando dos dois, e também de Worschula, que estava enterrada no cemitério de Seidewinkel, segundo Tonda por culpa dos serventes do moinho de Koselbruch, que lhe tinham trazido desgraça. Mas, à medida que Krabat falava, tornava-se óbvio para ele que o garoto tinha direito de saber aquilo de que pretendera poupá-lo. E foi assim que Krabat lhe contou tudo o que tinha para contar. Só não mencionou o segredo da lâmina da faca, para não prejudicar a força mágica que havia nela.

— Você sabe quem é o culpado da morte de Tonda e de Michal? — perguntou Lobosch.

— Desconfio — disse Krabat. — E, quando minhas suspeitas se confirmarem, vou acertar as contas.

Por volta da meia-noite, começou a cair uma chuva leve. Lobosch puxou as cobertas e cobriu a cabeça.

— Não faça isso! — disse Krabat. — Assim você não vai conseguir ouvir os sinos e nem o canto vindo da aldeia.

Um pouco mais tarde, notaram que os sinos de Páscoa tinham começado a soar à distância e ouviram a voz da garota do coro de Schwarzkollm. Alternando-se com a dela, ouviam também as vozes das outras meninas.

— Que bonito! — disse Lobosch depois de um tempo. — Para ouvir isso, vale a pena tomar um pouco de chuva.

Passaram as horas seguintes em silêncio. Lobosch tinha entendido que Krabat não queria conversar e nem ser importunado. E não lhe foi difícil atender ao amigo. O que tinha ouvido a respeito de Tonda e de Michal era mais do que suficiente para ele ter no que pensar pela metade de uma noite.

As meninas continuavam a cantar, os sinos continuavam a tocar.

Depois de um tempo a chuva tornou a parar, mas Krabat nem percebeu. Para ele, naquele momento não havia nem chuva, nem vento, nem calor, nem frio, nem claridade, nem escuridão: só havia a menina que puxava o coro, sua voz, e a lembrança do brilho de seus olhos à luz da vela de Páscoa.

Daquela vez Krabat tinha resolvido não sair de si mesmo, pois o mestre havia ensinado a arte de falar em pensamento com outra pessoa, de modo que ela pudesse "ouvir e entender as palavras, como se viessem de dentro de si mesma".

Quando começou a amanhecer, Krabat pronunciou a nova fórmula. Dirigiu toda a força que tinha em seu coração para a garota do coro, até sentir que a havia alcançado. Então falou com ela.

— Há alguém que deseja falar com você, menina do coro — ele disse. — Você não o conhece, mas ele já a conhece faz tempo. Quando for buscar a água de Páscoa pela manhã, na volta dê um jeito de ficar atrás das outras garotas. Siga sozinha com seu jarro de água, pois esse alguém quer se encontrar com você, e não quer que esse encontro tenha testemunhas, porque só interessa a você e a ele, e a ninguém mais no mundo.

Três vezes ele se dirigiu a ela, sempre com as mesmas palavras. Depois começou a amanhecer, o canto e os sinos silenciaram. Então chegou a hora de ensinar Lobosch a desenhar o pentagrama, e de um marcar o outro com o

sinal, com as lascas da cruz de madeira que Krabat cortara com a faca de Tonda e fizera virar carvão na fogueira.

No caminho de volta, Krabat estava com muita pressa, como que tomado pelo anseio de serem eles os primeiros a chegar ao moinho. Lobosch, com suas perninhas curtas, mal conseguia acompanhar seus passos.

Pouco antes de Koselbruch, quando começaram a aparecer os primeiros arbustos, Krabat parou. Remexeu os bolsos, depois bateu na testa e disse:

— Eu a deixei lá, perto da cruz de madeira...

— O quê?

— A faca.

— A que você ganhou de Tonda?

— É... a de Tonda.

O garoto sabia que aquela faca era a única lembrança que Krabat tinha de Tonda.

— Então temos de voltar para buscá-la — ele disse.

— Não — retrucou Krabat, esperando que Lobosch não percebesse a mentira. — Deixe que eu volto sozinho, assim vai mais depressa. Enquanto isso, fique sentado aí atrás dos arbustos e espere por mim.

— Você acha melhor?

O garoto disfarçou um bocejo.

— Acho melhor, sim.

Enquanto Lobosch se sentava atrás dos arbustos na relva úmida, Krabat voltou correndo até o lugar onde sabia que as meninas iriam passar ao voltarem para casa, levando a água de Páscoa. E lá ele ficou de tocaia.

Não demorou muito para que as meninas surgissem com seus jarros de água, caminhando uma atrás da outra, numa longa fila. Krabat logo notou que a garota do coro não estava junto. Portanto, ela o ouvira à distância e entendera seu pedido.

Depois que as garotas desapareceram, ele a viu chegando. Vinha sozinha, envolta em seu xale de lã. Então Krabat apareceu diante dela e foi ao seu encontro.

— Sou Krabat, um dos serventes do moinho de Koselbruch — ele disse. — Não tenha medo de mim.

A garota olhou-o de frente, muito tranquila, como se estivesse esperando por ele.

— Eu o conheço — ela disse —, pois já sonhei com você. Com você e com um homem que pretendia prejudicá-lo. Mas você e eu não nos deixamos intimidar por ele. Desde então tenho esperado pelo momento de encontrá-lo, e agora você está aqui.

— É, estou aqui — disse Krabat. — Mas não posso ficar muito tempo, pois estão me esperando no moinho.

— Também preciso ir para casa — disse a garota. — Será que podemos voltar a nos ver?

Depois ela mergulhou uma ponta de seu xale no jarro com a água de Páscoa e, sem dizer uma palavra, limpou a marca do pentagrama da testa de Krabat, com muito cuidado e sem pressa nenhuma, como se fosse muito natural.

O rapaz teve a sensação de que ela o limpara de uma mácula. E Krabat sentiu-se imensamente grato àquela moça, por ela existir e por estar ali na sua frente, olhando para ele.

Num outro mundo

Lobosch tinha adormecido atrás dos arbustos, na orla do bosque. Quando Krabat o acordou, ele abriu bem os olhos e perguntou:

— Você trouxe?

— O quê?

— A faca!

— Ah, trouxe — disse Krabat.

Ele mostrou a faca de Tonda e a abriu: sua lâmina estava preta.

— Você devia limpá-la — disse Lobosch — e besuntá-la com gordura, se possível gordura de cachorro.

— É — disse Krabat. — Eu devia mesmo fazer isso.

Depois eles correram para casa. No meio do caminho, encontraram Witko e Juro, que vinham da Cruz do Assassínio e também estavam atrasados.

— Será que vamos conseguir chegar antes da chuva? — disse Juro.

Então ele olhou para Krabat, como se estivesse sentindo falta de alguma coisa.

O pentagrama!

Krabat assustou-se. Se voltasse para o moinho sem o sinal, com certeza o mestre suspeitaria de alguma coisa. E então poderia acontecer o pior para eles dois, e também para a garota do coro.

Krabat revolveu seus bolsos à procura de um pedaço de carvão, mas não havia nenhum, e ele sabia disso.

— Vamos — insistiu Juro —, senão vamos acabar levando uma descompostura! Vamos correr, vamos!

No momento em que os rapazes saíram do bosque e começaram a correr na direção do moinho, desabou um temporal. Uma rajada de vento arrancou os gorros de Witko e de Krabat de suas cabeças, uma chuvarada começou a cair, fazendo Lobosch aprontar uma gritaria. Os quatro chegaram ao moinho ensopados.

O mestre já os esperava impaciente. Passaram por baixo do jugo de bois e receberam as bofetadas.

— Com mil demônios, onde é que está o sinal?

— O sinal? — disse Juro. — Está aqui — e apontou para sua testa.

— Não tem nada aí! — gritou o mestre.

— Então foi essa maldita chuva que o lavou...

O moleiro hesitou por um instante, parecia estar refletindo.

— Lyschko! — chamou então. — Traga um pedaço de carvão do fogão, depressa!

Com traços grossos, ele desenhou o pentagrama na testa dos quatro, fazendo sua pele arder como fogo.

— Ao trabalho!

Naquela manhã foram obrigados a trabalhar mais tempo e mais arduamente do que nunca; demorou uma eternidade até que os quatro tivessem suado o sinal de suas testas. No entanto, também daquela vez acabou. E Lobosch, o pequeno Lobosch, de repente conseguiu carregar um saco cheio de malte na cabeça.

— Oba! — ele gritou. — Vejam só como o trabalho se tornou leve para mim! Vejam só como eu fiquei forte!

Os rapazes do moinho passaram o resto do dia comendo bolinhos de Páscoa e tomando vinho, cantando e dançando. Contaram histórias, também de Pumphutt. E Andrusch, já meio bêbado, fez um discurso, dizendo que todos os serventes de moinho eram rapazes valentes, e que todos os mestres deviam ir para o diabo, para as profundezas do inferno.

— Vamos lutar por isso! — gritou ele. — Alguém de vocês é contra?

— Não! — gritaram todos, levantando as taças; só Staschko afirmou, com toda a força dos seus pulmões, que era contra.

— Ir para o diabo? — gritou. — Satanás em pessoa é que deveria vir aqui para buscar os mestres e torcer o pescoço de um por um! Grrrr! É isso que eu acho!

— Tem razão, irmãozinho! — Andrusch o abraçou. — Tem toda razão! Que o diabo venha buscar todos os mestres... e o nosso em primeiro lugar!

Krabat tinha arranjado um lugar no canto, suficientemente próximo dos outros para ninguém dizer que não estava participando; no entanto, ele estava ali consigo mesmo, à margem da bagunça. Enquanto os rapazes cantavam, riam e faziam discursos inflamados, ele pensava na moça do coro. Pensava no seu encontro daquela manhã, a caminho de casa, e lembrava-se de como tinham ficado juntos, conversando.

Krabat tinha a impressão de se lembrar de cada palavra, de cada movimento, de cada olhar da moça... e ainda teria passado horas em seu canto

pensando nela, sem se dar conta do tempo que passava, se Lobosch não tivesse vindo sentar-se a seu lado.

— Tenho de lhe fazer uma pergunta...

— É? — disse Krabat, esforçando-se para não mostrar seu desagrado.

Lobosch estava muito preocupado.

— Isso que Andrusch acabou de dizer... e Staschko! Se tudo isso for parar nos ouvidos do mestre...

— Ora — disse Krabat é só conversa mole, você não percebeu?

— E o moleiro? — retrucou Lobosch. — E se Lyschko contar... Imagine só o que ele será capaz de fazer com os dois!

— Não vai acontecer nada com eles, nadinha.

— Não é possível que você acredite nisso! — gritou Lobosch. — Ele não vai permitir!

— Hoje pode — disse Krabat. — Hoje é permitido xingar o mestre e desejar que ele pegue a peste, ou cólera... e até mesmo que Satanás venha buscá-lo, como você ouviu: hoje ele não leva isso a mal, pelo contrário.

— Não? — perguntou Lobosch.

— Quem pode desabafar a raiva uma vez por ano — disse Krabat — consegue se submeter melhor a tudo o que é exigido durante o resto do tempo. E você mesmo vai notar que isso não é pouca coisa aqui no moinho de Koselbruch.

Krabat não era mais o mesmo. Durante os dias e semanas seguintes, o rapaz parecia estar vivendo num outro mundo. Fazia o que devia ser feito, conversava com os companheiros, respondia a suas perguntas, mas na verdade estava alheio a tudo o que acontecia no moinho. Estava junto da garota do coro, e ela estava com Krabat. À sua volta o mundo estava mais luminoso, cada dia mais verde.

Até então, Krabat nunca tinha prestado atenção na quantidade de verdes que havia, centenas de tipos de verde: o da grama, o verde das bétulas e das pastagens, o verde do musgo de entremeio, o verde brilhante da relva ainda nova, com um tom azulado nas margens do açude, o verde de cada arbusto, de cada folhagem... e o verde escuro, envelhecido, dos pinheiros de Koselbruch, às vezes sombrio, outras vezes ameaçador, depois quase preto... e de vez em quando, ao anoitecer, brilhante como se fosse folheado a ouro.

Durante essas semanas, embora não com muita frequência, Krabat também chegava a sonhar com a moça do coro. Em linhas gerais, era sempre o

mesmo sonho:

Andavam juntos por um bosque ou por um jardim com árvores velhas, fazia calor como se fosse verão, e a garota usava uma roupa clara. Enquanto continuavam a andar debaixo das árvores, Krabat colocava o braço sobre o ombro dela. Ela inclinava a cabeça e o rapaz sentia seu cabelo roçar-lhe o rosto. Seu lenço de cabeça escorregava um pouquinho para as costas, e ele a fazia parar por um momento, para deixá-lo ver seu rosto. Ao mesmo tempo, Krabat sabia que seria melhor ela não o fazer, para que ninguém mais pudesse reconhecê-la, por exemplo aquele que tinha a força de sonhar seus sonhos junto com ele.

Não passou despercebido para os companheiros que alguma coisa tinha acontecido com Krabat, algo que o havia modificado profundamente. Mais uma vez, foi Lyschko quem tentou sondar o terreno. Foi na semana depois de Pentecostes. Krabat e Staschko tinham recebido de Hanzo a incumbência de amolar uma das pedras do moinho. Eles a tinham colocado sobre cavaletes, perto da porta da casa de moagem, e estavam afundando com seus formões os sulcos da borda da pedra. Cuidadosamente, golpe após golpe, iam aguçando as arestas cortantes. Num dado momento, Staschko saiu para afiar seu formão e demorou um tempinho. Então apareceu Lyschko, com um monte de sacos de farinha vazios debaixo do braço. Krabat só notou sua presença quando ele parou a seu lado e lhe falou. Lyschko era sempre sorrateiro, mesmo quando não seria necessário.

— E então? — perguntou ele, piscando o olho. — Como é que ela se chama? Tem os cabelos loiros, castanhos ou pretos?

— Quem? — retrucou Krabat.

— Ora, ela... — disse Lyschko. — Essa em quem você está pensando o tempo todo. Ou por acaso você acha que nós somos cegos e não estamos notando que alguma garota virou sua cabeça? Talvez em sonho ou coisa parecida... Sei de um jeito que pode ajudá-lo a se encontrar com ela... sabe como é, quando se tem experiência no assunto...

Lyschko deu uma espiada furtiva para os lados, depois se inclinou para Krabat e sussurrou em seu ouvido:

— É só me dizer o nome dela, que o resto eu faço sozinho...

— Pare com isso! — disse Krabat. — Não sei do que está falando! Você está me distraindo do meu trabalho com toda essa bobagem.

Na noite seguinte, Krabat teve de novo aquele sonho que ele já conhecia. Mais uma vez estava andando sob as árvores com a garota do coro, e também era um dia quente de verão; só que dessa vez eles chegaram a uma campina, que ficava no meio do bosque. Mal saíram à luz da lua para atravessá-la, uma sombra se interpôs em seu caminho. Krabat jogou seu casaco sobre a cabeça da moça. "Vamos sair rápido daqui, ele não pode ver seu rosto!" Krabat empurrou-a de volta para a proteção das árvores. O grito de um açor o atingiu, agudo e forte, como se uma faca tivesse atravessado seu coração. Naquele momento ele acordou.

Na noite seguinte o mestre mandou chamar Krabat. O rapaz teve uma sensação desagradável ao ver-se na frente do moleiro, que o encarava com seu único olho.

— Preciso falar com você — o mestre estava sentado como um juiz em sua poltrona, de braços cruzados, com uma expressão petrificada. — Como sabe — ele continuou — eu espero muito de você, Krabat, e acho que pode avançar muito nas ciências ocultas, o que não está ao alcance de todos os seus companheiros. Entretanto, nos últimos tempos comecei a duvidar de que possa confiar em você. Anda guardando segredos, está escondendo alguma coisa de mim. Não acha que seria mais prudente de sua parte me contar tudo, de livre e espontânea vontade, sem que eu precise sondá-lo? Diga-me abertamente do que se trata, para podermos pensar juntos no assunto e encontrar a melhor maneira de agir a respeito: ainda há tempo.

Krabat não hesitou nem um instante para responder.

— Não tenho nada para lhe dizer, mestre.

— Não tem mesmo?

— Não — disse Krabat, com a voz firme.

— Então vá, mas depois não reclame se tiver problemas!

Juro estava lá fora, no corredor, e parecia estar esperando por Krabat. Então o levou até a cozinha e fechou a porta atrás de si.

— Tenho uma coisa aqui, Krabat...

Juro lhe colocou um objeto na mão —, uma raiz pequena, seca, amarrada por um cordão torcido três vezes, com um nó.

— Pendure isso no pescoço, senão você ainda vai sonhar e acabar pondo tudo a perder.

Surpresas

Nos dias seguintes, o mestre estava extremamente cordial com Krabat. Quando havia oportunidade ele o destacava diante de seus companheiros e o elogiava pelas coisas mais óbvias, como se quisesse mostrar que não guardava rancor. Até que uma noite, no final da segunda semana depois de Pentecostes, encontrou-o no corredor, enquanto os outros já estavam jantando.

— Que bom encontrá-lo — disse o mestre. — Você bem sabe que há momentos em que ficamos de mau humor e acabamos dizendo coisas totalmente insensatas. Em resumo, quero dizer que a conversa que tivemos há pouco tempo, você deve se lembrar, foi uma conversa tola. E meio desnecessária... você não concorda?

O mestre não esperou pela resposta de Krabat.

— Gostaria muito — continuou ele — que não desse importância ao que conversamos aquela noite! Sei muito bem que você é um rapaz de valor, há muito tempo é meu melhor aluno, confiável como poucos. Ora, você está me entendendo, não é?

Krabat estava com uma sensação incômoda. Afinal, o que o mestre queria dele?

— Para encurtar a conversa — disse o mestre —, eu não gostaria que tivesse dúvidas a respeito do que realmente penso de você. O que nunca permiti a nenhum de meus alunos antes, vou permitir a você: no próximo domingo vou lhe dar folga do trabalho, você terá o dia livre. Poderá sair e ir aonde quiser e bem entender: a Maukendorf, ou a Schwarzkollm, ou a Seidenwinkel, não importa. Para mim, basta que esteja de volta na segunda-feira de manhã.

— Sair? — perguntou Krabat. — E o que eu iria fazer em Maukendorf ou em qualquer outro lugar?

— Ora, nas aldeias há tabernas e hospedarias, onde você poderá passar bons momentos. E há garotas com quem você poderá dançar...

— Não — disse Krabat —, nem penso nisso. E por que eu haveria de ter mais privilégios do que meus companheiros?

— Você deve ter — explicou o mestre. — Não vejo por que não recompensá-lo pela aplicação e empenho com que se dedica ao estudo das ciênci-

as ocultas.

Na manhã do domingo seguinte, Krabat preparava-se para trabalhar, junto com os outros rapazes.

Então Hanzo se aproximou e puxou-o de lado.

— Não sei o que está acontecendo — ele disse —, mas o mestre lhe deu folga hoje. Devo lembrá-lo de que ele não quer vê-lo no moinho hoje cedo. O resto você já sabe.

— Sei — resmungou Krabat eu já sei.

Ele vestiu sua calça de passeio e, enquanto os outros eram obrigados a trabalhar como todos os domingos, Krabat saiu. Sentou-se atrás do barracão de madeira, para refletir.

Estava achando que o mestre lhe tinha armado uma arapuca, e agora era preciso tomar cuidado para não cair nela. De qualquer modo, uma coisa lhe parecia certa: poderia ir a qualquer lugar, menos a Schwarzkollm. Melhor seria simplesmente ficar ali, tomando sol atrás do barracão, vadiando o dia todo. Mas daria muito na vista, ficaria evidente que ele percebera as intenções do mestre.

— Portanto... para Maukendorf! — pensou. — E passando bem longe de Schwarzkollm!

No entanto, talvez aquilo também fosse um erro. Talvez fosse mais sensato ele não evitar Schwarzkollm, mas passar bem por dentro da aldeia, pois era o caminho mais curto até Maukendorf.

Só precisava ter uma coisa em mente: não deveria encontrar a menina do coro em Schwarzkollm, de jeito nenhum.

— Moça do coro! — ele pediu à garota, depois de pronunciar a fórmula. — Preciso lhe pedir uma coisa hoje... sou eu, Krabat, quem está pedindo. Você não pode dar um passo para fora de casa, aconteça o que acontecer. E também não olhe pela janela, prometa!

Krabat estava confiante em que a moça atendería a seu pedido.

Naquele instante, quando ele estava pronto para partir, Juro apareceu atrás da casa com um cesto vazio nas mãos.

— Olá, Krabat, parece que não está com muita pressa de sair. Posso me sentar um pouquinho com você aí na relva?

Como daquela vez, depois do fracasso da venda do cavalo, ele tirou um pedaço de pau do bolso e desenhou um círculo em torno do lugar em que

estavam sentados. Dentro do círculo ele traçou um pentagrama e três cruzes.

— Você deve estar pensando que isso não tem nada a ver com mosquitos e varejeiras — disse ele, piscando o olho.

Krabat confirmou que já daquela vez tivera dúvidas a respeito.

— Com isso, enquanto estivermos aqui sentados conversando o mestre não nos poderá ver nem ouvir, nem de perto nem de longe... não é isso?

— Não — disse Juro. — Ele até poderia nos ver e ouvir, mas não vai fazê-lo, porque se esquecerá de nós: é isso que o círculo faz. Enquanto estivermos aqui sentados, o mestre irá pensar em milhões de coisas, menos em mim e em você.

— Bem pensado — disse Krabat —, nada idiota...

E de repente, como se tivesse descoberto uma palavra-chave, veio-lhe um pensamento. Impressionado, Krabat encarou Juro:

— Então é a você que os lavradores devem agradecer a neve, e Lyschko os cachorros sanguinários! Você não é o bobão que todos pensam, não é verdade? Só está fingindo!

— E se fosse isso? — retrucou Juro. — Não nego que não sou tão imbecil como todos pensam. Mas você... não me leve a mal, Krabat... você é mais idiota do que imagina.

— Eu?

— Porque ainda não percebeu qual é o jogo que se joga aqui, neste maldito moinho! Senão saberia refrear seu fervor, ou pelo menos não o demonstraria. Será que não tem ideia do perigo que está correndo?

— Tenho — disse Krabat. — Tenho ideia, sim.

— Você não tem ideia de nada! — retrucou Juro.

Ele arrancou uma folha de grama e começou a amassá-la entre os dedos.

— Vou lhe dizer uma coisa, Krabat... eu, que tenho feito papel de idiota esses anos todos. Se continuar agindo assim, você será o próximo a morrer neste moinho. Michal, Tonda e os outros que se encontram lá no Campo Deserto, todos cometeram o mesmo erro que você. Aprenderam demais na escola de magia negra e deixaram que o mestre percebesse. Você sabe muito bem que todo ano, na noite de Ano Novo, um de nós deve morrer por ele.

— Pelo mestre?

— Por ele — disse Juro. — Ele tem um pacto com o... bem, com o padrinho. Todo ano tem de lhe oferecer um de seus alunos, senão ele mesmo de-

verá morrer.

— Como sabe disso?

— Ora, tenho olhos na cara e reflito sobre as coisas que me chamam a atenção. Além disso, li no Koraktor.

— Você?

— Sou idiota, como você sabe... ou melhor: como o mestre e todos imaginam. Por isso não me levam a sério, por isso só presto para os serviços domésticos. Tenho de limpar, esfregar e tirar o pó... de vez em quando também da câmara escura, onde fica o Koraktor, acorrentado à mesa e inacessível a quem seja capaz de lê-lo. Isso não seria bom para o mestre, pois lá há muita coisa escrita que poderia prejudicá-lo, se um de nós ficasse sabendo.

— Mas você — disse Krabat — sabe ler!

— Sei — disse Juro. — E você é o primeiro e único a quem estou confiando isso. Existe um jeito de acabar com as atividades do mestre, e só um! Se você conhecer uma garota que goste de você, isso poderá salvá-lo. Se ela pedir ao mestre para libertá-lo, e se ela conseguir passar pela prova prescrita.

— A... prova?

— Falarei disso uma próxima vez, quando tivermos mais tempo — disse Juro. — Por enquanto basta que saiba disso: cuidado para o mestre não descobrir quem é a garota, senão acontecerá com você o mesmo que aconteceu com Tonda.

— Está se referindo a Worschula?

— Estou — disse Juro. — O mestre descobriu o nome dela cedo demais, atormentou-a com pesadelos, até que, desesperada, ela se afogou.

Juro arrancou mais uma folha de grama e a esmagou.

— Tonda encontrou-a na manhã seguinte, levou-a até a casa dos pais dela e lá a deixou, na soleira da porta. Desde aquele dia seu cabelo ficou cinza como gelo, ele perdeu a força, e o final você conhece.

Krabat imaginou como seria se uma manhã ele encontrasse a moça do coro afogada, com algas enrascadas em seus cabelos.

— O que você me aconselha? — perguntou.

— O que eu aconselho? — Juro arrancou uma terceira folha de grama. — Vá agora até Maukendorf ou outro lugar qualquer e tente confundir o mestre, o mais possível.

Ao atravessar Schwarzkollm, Krabat não olhou nem para a esquerda, nem para a direita. A garota do coro permaneceu escondida. Sabe-se lá que história ela inventou para os seus, para lhes explicar por que não ia sair de casa.

Ao passar pela prefeitura, Krabat parou para descansar, comeu um pedaço de pão preto com carne defumada e bebeu uma aguardente. Depois continuou seu caminho para Maukendorf, onde se sentou à mesa de uma taberna e pediu uma cerveja.

À noite ele dançou e falou bobagem com as garotas, virou a cabeça delas e começou a provocar os rapazes.

— Ei, você, suma daqui!

Quando eles se zangaram e quiseram expulsá-lo, Krabat estalou os dedos e os fez ficarem imóveis como se tivessem criado raízes, sem conseguirem sair do lugar.

— Seus patetas! — gritou Krabat. — Só faltava, mesmo, quererem me bater. Pois metam-se com vocês mesmos!

Então começou um tumulto na pista de dança, como jamais tinha havido em Maukendorf.

Jarros voavam e cadeiras se quebravam. Os rapazes brigavam como se tivessem perdido o juízo. Cegos de raiva, atarracavam-se uns com os outros. O taberneiro os incitava, as garotas gritavam, os músicos tentavam salvar a pele pulando a janela.

— Muito bem! — Krabat incitava os rapazes. — Muito bem! Batam mais! Mais, mais forte!

Um trabalho difícil

Na manhã seguinte, o mestre quis saber onde Krabat tinha passado o domingo e como tinha sido o passeio.

— Ah — disse o rapaz, dando de ombros —, até que foi bom.

Ele contou ao mestre sobre a visita a Maukendorf, a dança e a briga com os rapazes da aldeia. Tinha sido divertido, mas seria melhor ainda se algum companheiro do moinho estivesse junto: Staschko, talvez, ou Andrusch, ou qualquer outro.

— Lyschko também, por exemplo?

— Ele não — disse Krabat, arriscando-se a ser mal interpretado pelo mestre.

— Por que não?

— Não o suporto — disse Krabat.

— Você também não? — o mestre riu. — Então temos a mesma opinião sobre Lyschko. Isso o surpreende?

— Claro — disse Krabat —, isso me surpreende mesmo.

O mestre examinou-o de cima a baixo, aparentemente com muita simpatia, embora não sem escárnio.

— É isso que me agrada em você, Krabat: o fato de ser sincero e me dizer abertamente tudo o que pensa.

Krabat evitou encarar o mestre. Não sabia se ele estava sendo sincero ou se aquelas palavras continham alguma ameaça oculta. De qualquer maneira, o rapaz ficou satisfeito quando o mestre mudou de assunto.

— Bem, quanto ao nosso outro assunto, anote uma coisa, Krabat: de hoje em diante, você poderá sair todos os domingos, quando quiser, ou também poderá ficar em casa, se preferir. Mas este é um privilégio que concedo apenas a você, meu melhor aluno... está dito!

Krabat estava ansioso por encontrar Juro secretamente; Juro, ao contrário, evitava-o desde aquela conversa atrás do barracão, no domingo. Krabat gostaria de conversar com ele em pensamento, mas no meio da irmandade secreta a magia não fazia efeito.

Quando, finalmente, eles se encontraram sozinhos na cozinha, Juro insinuou que Krabat precisava ter um pouco de paciência... “com aquela faca

que há algum tempo você me deu para afiar. Quando estiver pronta, eu a levarei: não me esqueci de você".

— Está bem — disse Krabat, entendendo o recado de Juro.

Passou-se meia semana, e então o mestre teve que viajar por dois dias, talvez três, conforme anunciou antes de partir.

Na noite seguinte, Krabat foi acordado por Juro.

— Venha à cozinha, lá podemos conversar.

— E eles? — Krabat apontou para os companheiros.

— Estão dormindo um sono tão profundo e pesado, que nem um raio, nem um trovão seriam capazes de acordá-los — assegurou Juro. — Já tomei as devidas providências.

Na cozinha, Juro traçou em torno da mesa e das cadeiras o círculo com o pentagrama e as cruzes. Então acendeu uma vela, que colocou entre ele e Krabat.

— Quero que entenda que o fiz esperar por precaução — começou. — Ninguém pode desconfiar que estamos nos encontrando em segredo. No domingo passado eu lhe confidenciei muitas coisas, certamente nesse meio-tempo você já pensou bastante a respeito.

— É — disse Krabat. — Você ficou de me mostrar um jeito de me salvar do mestre e, ao mesmo tempo, se eu entendi bem, de vingar Tonda e Michal.

— Isso mesmo — confirmou Juro. — Se houver alguma garota que goste de você, ela poderá vir até aqui na última noite do ano e pedir ao mestre que o liberte. Se ela passar pela prova que o mestre lhe impuser, então será ele quem morrerá na noite de Ano Novo.

— E essa prova é difícil? — perguntou Krabat.

— A moça deverá mostrar que conhece você — disse Juro. — Ela terá de encontrá-lo no meio de todos os companheiros e dizer: "É este."

— E depois?

— O Koraktor só prescreve isso. Portanto, à primeira vista parece brincadeira de criança.

Krabat concordou: seria fácil, desde que não houvesse nada por trás da tal prova, como ele temia. Imaginava algum código secreto, por exemplo, ou um duplo sentido oculto entre as instruções do Koraktor. Era preciso conhecer muito bem o texto...

— O texto — assegurou Juro — é claro e inequívoco. Mas o mestre se permite interpretá-lo à sua maneira.

Juro pegou a tesoura e cortou a ponta do pavio da vela, que estava soltando fumaça.

— Anos atrás, quando eu ainda era novo aqui em Koselbruch, havia entre nós um companheiro, um certo Janko, que chegou a isso. Sua garota apareceu pontualmente, na última noite do ano, e pediu ao moleiro que o libertasse. "Está bem", disse o mestre, "se encontrar Janko, ele estará livre e você poderá levá-lo, conforme está escrito." Depois ele a levou à câmara escura, onde estávamos os doze no poleiro, transformados em corvos. Ele nos obrigara a esconder o bico debaixo da asa esquerda. Estávamos ali, empoleirados, e a garota tinha de descobrir quem de nós era Janko. "E então?", perguntou o mestre. "É o último à direita, ou é aquele do meio, ou algum outro? Pense tranquilamente, você sabe muito bem o que está envolvido nisso." A garota respondeu que sabia, sim. Depois de hesitar um pouco, apontou para um de nós, confiando puramente na sorte... e constatou-se que era Kito.

— E então? — perguntou Krabat.

— Eles não viveram para ver o Ano Novo... nem Janko, nem a garota.

— E depois disso?

— Só Tonda tentou mais uma vez, com a ajuda de Worschula. Mas essa história você já conhece.

Novamente a vela começou a soltar fumaça, e novamente Juro cortou a ponta do pavio.

— Uma coisa eu ainda não consegui entender — disse Krabat, depois de um longo silêncio. — Por que nenhum outro tentou seguir esse caminho?

— A maioria nem o conhece — retrucou Juro —, e os poucos que sabem disso têm a esperança, a cada ano, de conseguirem se salvar. Afinal, nós somos doze, e apenas um se dá mal na noite de São Silvestre. Há mais uma coisa nesse jogo da qual você precisa saber. Suponhamos que algum dia uma garota consiga passar na prova e que o mestre seja vencido. Então, no momento de sua morte, tudo o que ele nos ensinou acabará com ele. A partir de então, de repente nos tornaremos simples serventes de moinho, e toda a magia se acabará.

— Isso não aconteceria se o mestre morresse de outro jeito?

— Não — disse Juro. — E essa é mais uma razão para que os poucos iniciados acabem aceitando anualmente a morte de um de seus companheiros.

— E você? — perguntou Krabat. — Por que também nunca fez nada contra isso?

— Porque não tive coragem — disse Juro. — E porque nunca tive uma garota que viesse aqui pedir minha libertação.

Juro começou a brincar com o castiçal, com as duas mãos. Virava-o de um lado para outro em cima da mesa, devagar e observando, como se quisesse descobrir alguma coisa importante.

— Vamos esclarecer uma coisa — disse ele, finalmente. — Você não precisa se decidir já, Krabat... não definitivamente. Mas seria bom começarmos a tomar agora todas as providências que estivessem a nosso alcance para que, se necessário, você pudesse facilitar a prova para a garota.

— Mas isso é fácil! — disse Krabat. — Posso transmitir a ela em pensamento o que for preciso. Isso é fácil, nós já aprendemos!

— Não vai funcionar — retrucou Juro.

— Não?

— Não, porque o mestre tem o poder de impedir. Ele fez isso com Janko. E vai fazer com você também, não há dúvida.

— Mas então o que se pode fazer? — perguntou Krabat.

— Você deverá treinar muito, durante o verão e o outono, para conseguir se contrapor à vontade do mestre — disse Juro. — Quando estivermos encarapitados no poleiro, transformados em corvos, e ele nos ordenar: “Escondam o bico sob a asa esquerda!”, você deverá ter a capacidade de ser o único a esconder o bico sob a asa direita. Sei que está me entendendo. Se durante a prova você conseguir se comportar diferentemente dos outros, será fácil reconhece-lo. A garota saberá para que corvo apontar, e pronto.

— Como vamos fazer, então? — disse Krabat.

— Você vai treinar sua força de vontade.

— Só isso?

— É mais do que suficiente, como você vai perceber. Vamos começar?

Krabat concordou.

— Suponhamos — disse Juro — que eu seja o mestre. Quando eu lhe der uma ordem, você tentará fazer exatamente o contrário do que eu disser. Portanto, se eu ordenar que você empurre uma coisa para a esquerda, você ten-

tará empurrá-la para a direita. Se eu ordenar que se levante, permaneça sentado. Se eu exigir que me olhe no rosto, desvie o olhar. Entendeu?

— Entendi — disse Krabat.

— Bem, então vamos começar.

Juro apontou para o castiçal que estava entre eles.

— Pegue-o — ordenou — e puxe-o para perto de você!

Krabat esticou o braço na direção do castiçal, com a firme intenção de empurrá-lo na direção de Juro, no entanto encontrou resistência. Uma força que se opunha à força de sua vontade tomou conta dele e, por um momento, paralisou-o. Depois iniciou-se uma batalha silenciosa. De um lado, a ordem de Juro, e do outro, Krabat, que tentava se opor a ela a todo custo.

Ele continuava decidido a afastar o castiçal para longe.

— Para longe de mim! — Krabat pensava. — Para longe, para longe!

Mas o rapaz percebeu que o desejo de Juro ia tomando conta de sua força de vontade e, aos poucos, ia acabando com ela.

— Conforme você... ordenou — Krabat ouviu-se dizer finalmente.

Então, obedientemente, puxou o castiçal para seu lado. Sentiu-se vazio por dentro. Se naquele momento alguém lhe dissesse que ele estava morto, Krabat acreditaria.

— Não se desespere!

Muito ao longe, ele ouviu a voz de Juro. Depois sentiu uma mão apoiar-se em seu ombro e mais uma vez, agora bem de perto, ouviu a voz dizer:

— Não se esqueça, Krabat, de que essa foi uma primeira tentativa.

Daquele dia em diante, sempre que o mestre se ausentava eles passavam as noites na cozinha. Então Krabat exercitava sua vontade, tentando contrariar a vontade do amigo. Era um trabalho difícil para os dois, e muitas vezes Krabat quis desistir.

— Não vou conseguir. E, se eu tiver de morrer, pelo menos não quero ser culpado da morte da garota também, você me entende?

— Claro — dizia Juro — claro que entendo, Krabat. Mas a garota ainda não está envolvida. Por enquanto você não precisa se preocupar com isso, ainda não precisa tomar uma decisão. O mais importante é seguir adiante. Não perca a coragem, não desista, e você verá como estaremos nos saindo bem até o fim do ano, acredite em mim!

E eles recomeçavam a trabalheira. Pouco a pouco, já no final do verão, ocorreram os primeiros sucessos.

A águia do sultão

Será que o mestre suspeitava de alguma coisa? Será que estava à espreita de Krabat e de Juro, talvez com a ajuda de Lyschko? Numa das primeiras noites de setembro, o mestre convidou os rapazes para beber alguma coisa e, quando estavam todos com o copo cheio, reunidos em torno da grande mesa de sua sala, ele exclamou inesperadamente:

— Um brinde à amizade!

Juro e Krabat entreolharam-se, espantados.

— Bebam! — gritou o mestre. — Bebam todos!

Depois mandou Lobosch encher novamente os copos e disse:

— No verão passado eu lhes contei sobre Jirko, meu melhor amigo. E não escondi que um dia o matei. Agora vocês vão ficar sabendo como isso aconteceu... Foi durante os anos da grande guerra com os turcos. Naquela época Jirko e eu tivemos de desaparecer por uns tempos da região, e acabamos nos separando. Eu me juntei ao exército do imperador, onde servia como mosqueteiro, ao passo que Jirko... eu nunca teria imaginado... pôs-se a serviço do sultão turco como feiticeiro. O comandante do imperador era o marechal da Saxônia. Ele nos conduzira para muito longe, até a Hungria, onde havia muitas semanas nos encontrávamos bem na frente do exército turco, amigo e inimigo entrincheirados em acampamentos fortificados. Não dava para perceber muita coisa da guerra, a não ser quando vez por outra os dois oponentes ameaçavam uma escaramuça e os canhões se faziam ouvir em vários pontos do campo de batalha. Certa manhã, verificamos que os turcos tinham raptado o marechal da Saxônia durante a noite, aparentemente com auxílio de magia. Logo depois apareceu um negociador diante de nossas trincheiras, dizendo que o marechal era prisioneiro do sultão e seria libertado se nosso exército se retirasse da Hungria dentro de seis dias. Caso contrário, ele seria executado na manhã do sétimo dia. Houve uma grande confusão e, como ninguém sabia que Jirko se encontrava no acampamento turco, eu me ofereci para ir resgatar o marechal.

O mestre esvaziou o copo de um só gole, fez um gesto para Lobosch ordenando que voltasse a enchê-lo, e continuou:

— Embora nosso comandante me tomasse por maluco, comunicou o fato ao coronel, que me conduziu a um general, que por sua vez me conduziu ao

duque de Leuchtenberg, que havia assumido o lugar do marechal. A princípio o duque também não quis acreditar em mim; então, diante de seus olhos, transformei os oficiais do estado-maior em papagaios e o general que havia me conduzido até lá em faisão dourado. Não foi preciso mais nada para convencer o duque. Ele me ordenou que desfizesse o encantamento de imediato e me prometeu uma recompensa de mil ducados, se eu conseguisse trazer o marechal de volta. Depois ordenou que me trouxessem seus próprios cavalos para que eu escolhesse um deles.

Várias vezes o mestre interrompia sua narrativa, e várias vezes Lobosch tinha de encher seu copo antes que ele continuasse a contar.

— Eu poderia simplesmente continuar minha história — disse ele — mas tive uma ideia melhor. Vocês vão vivenciar o resto: Krabat vai assumir meu papel, ou seja, de mosqueteiro perito em magia, que pretende libertar o marechal da Saxônia. Agora só precisamos de alguém para o papel de Jirko...

Ele percorreu os rapazes com os olhos, um por um: encarou Hanzo, depois Andrusch e Staschko. Por fim fixou seu olhar em Juro.

— Você talvez... — disse ele. — Você vai ser Jirko, se quiser.

— Tudo bem — disse Juro, com indiferença. — Um de nós vai ter de fazê-lo, mesmo.

Krabat não se deixou enganar pelo sorriso dele. Os dois já tinham percebido que o mestre queria pô-los à prova. Agora era preciso muito cuidado para não se traírem.

O moleiro jogou uma pitada de ervas secas sobre a chama da vela.

Um cheiro forte, estonteante, espalhou-se pela sala, os rapazes sentiram suas pálpebras pesarem.

— Agora fechem os olhos! — ordenou o mestre. — Vocês verão o que aconteceu na Hungria. Juro e Krabat, entretanto, vão entrar em ação... como Jirko e eu, durante a grande guerra turca...

Krabat sentiu-se invadido por um imenso cansaço, e lentamente foi adormecendo. A voz do mestre soava distante e monótona.

— Juro, o mestre-feiticeiro do sultão, encontra-se entre os turcos, ele prestou juramento à meia-lua... E Krabat, o mosqueteiro Krabat, com suas polainas brancas e sua farda azul, encontra-se à direita do duque de Leuchtenberg e observa os cavalos que lhe são apresentados...

Krabat, o mosqueteiro Krabat, com suas polainas brancas e sua farda azul, encontra-se à direita do duque de Leuchtenberg e observa os cavalos que lhe são apresentados. O que mais lhe agrada é um cavalo negro com uma minúscula marca branca na testa, que lembra vagamente um pentagrama.

— Deem-me aquele! — exige ele.

O duque manda selarem o cavalo negro. Krabat carrega sua espingarda, pendura-a no ombro e salta para cima do cavalo. Dá uma volta pelo pátio em marcha lenta, depois esporeia o cavalo e lança-se a galope contra o duque e seu séquito, como se quisesse passar por cima deles. Os senhores começam a correr assustados, mas Krabat passa por sobre suas cabeças empoadas e, para espanto de todos, alça voo com seu cavalo. Como se não bastasse, cavalo e cavaleiro vão se evaporando aos poucos, até desaparecerem aos olhos de todos... até mesmo do general de campo, o conde Gallas, que dispõe da luneta mais possante do exército imperial.

Krabat cavalga a uma altura vertiginosa do mesmo modo como outras pessoas cavalgam numa planície. Logo ele avista os primeiros turcos, perto de uma aldeia destruída. Vê seus turbantes coloridos brilhando ao sol, vê os canhões posicionados atrás das trincheiras, vê os patrulheiros turcos cavalgando de um lado para outro entre as vigias. Mas ele mesmo e seu cavalo não podem ser vistos por ninguém. Os cavalos dos turcos começam a relinchar de medo, os cães começam a uivar, com o rabo entre as pernas.

Sobre o acampamento turco a bandeira verde do profeta se agita ao vento. Krabat dirige seu cavalo para o solo, fazendo-o pousar suavemente. Não muito longe da tenda luxuosa do sultão, ele descobre uma tenda um pouco menor, vigiada por uns vinte janízaros armados até os dentes.

Segurando o cavalo pela rédea, ele entra... e lá está, sentado em uma cadeira de campanha com a cabeça entre as mãos, o grande herói de guerra e devorador de turcos de Dresden. Krabat torna-se visível, pigarreia, dirige-se ao marechal... e leva um susto.

O comandante está usando um tapa-olho sobre o olho esquerdo!

— O que está acontecendo? — grasna ele, com voz rouca de corvo. — Você está a serviço dos turcos? Como entrou em minha tenda?

— Com sua licença — diz Krabat. — Tenho ordens para retirá-lo daqui, Excelência. Meu cavalo está pronto.

Nesse momento o cavalo também se torna visível.

— Se não tiver nada contra, Excelência... — diz Krabat.

Ele monta no cavalo e faz sinal para que o marechal monte na garupa. Depois saem às pressas da tenda.

Os janízaros ficam tão aparvalhados, que não movem um dedo. Intrépido, gritando "Fiquem onde estão!", Krabat se precipita para sair do acampamento com o marechal libertado. Ao vê-los, até os guardas núbios do sultão deixam cair as lanças e os sabres.

— Eia! — grita Krabat. — Segure firme, Excelência!

Ninguém ousa detê-los. Logo se encontram na saída do acampamento, em seguida em campo aberto. Então Krabat faz o cavalo elevar-se no ar, e nesse momento os turcos começam a atirar de todos os lados, as balas passam zunindo por eles.

Krabat não se incomoda, não tem medo das balas turcas.

— Se os rapazes quisessem nos acertar, deveriam atirar em nós com alguma coisa de ouro — explica ao marechal. — Balas de ferro e chumbo não conseguem nos causar nenhum mal. E setas também não.

Os tiros param, o fogo cessa. Então os dois cavaleiros ouvem um rumor e um zumbido, que se aproxima deles rapidamente, vindo do acampamento turco. Krabat não pode se virar enquanto estão cavalgando no ar, por isso pede a seu acompanhante que olhe para trás.

O marechal fala de uma imensa águia negra que os está perseguindo.

— Ela vem se precipitando, com o sol pelas costas, o bico apontado para nós!

Krabat pronuncia uma fórmula mágica. Entre a águia e eles formam-se nuvens imensas, cinzentas e pesadas, como uma densa cordilheira.

A águia penetra nelas.

— Veja! — grasna o marechal. — Ela está preparando o ataque!

Faz tempo que Krabat percebeu que tipo de águia é aquela, e não se surpreende nem um pouco quando ela os chama:

— Voltem! — grita a águia. — Senão vocês morrerão!

Krabat conhece aquela voz. De onde? Não há tempo para pensar! A um aceno seu, forma-se uma tormenta, que detém a águia e que deveria varrê-la do céu, como um espanador. Puro engano: a águia do sultão atravessa o temporal.

— Voltem! — grita ela. — Deem-se por vencidos, antes que seja tarde demais!

— Essa voz! — pensa Krabat. Agora ele a reconhece: é a voz de Juro, a voz do amigo, com quem trabalhou como servente de moinho, há muitos anos, em Koselbrucb.

— A águia! — avisa o marechal. — Logo, logo ela vai nos alcançar!

De repente Krabat também sabe a quem pertence aquela voz que está grasnando em seu ouvido:

— Sua espingarda, mosqueteiro! Por que simplesmente não derruba o monstro com um tiro?

— Porque não tenho nada de ouro para atirar.

Krabat está contente, pois isso é verdade. Mas o marechal da Saxônia, ou seja lá quem for o sujeito sentado atrás dele, o marechal arranca um dos botões de ouro de sua farda.

— Coloque isso na carabina e atire!

Juro, a águia Juro, está apenas a algumas batidas de asa deles. Nem em sonho Krabat pensa em matá-lo. Finge que está colocando o botão de ouro no cano da espingarda, mas na verdade o faz escorregar para sua mão.

— Atire, vamos! — ordena o marechal. — Atire!

Sem voltar a cabeça, Krabat aponta a espingarda para o perseguidor, por cima do ombro esquerdo, e atira às cegas, só com pólvora, sem o botão de ouro.

O tiro espouca e, de repente, um grito agonizante de morte:

— Krabat! Kra-baa-aat!

Krabat leva um susto, deixa a espingarda cair; depois leva as mãos ao rosto e começa a chorar.

— Krabat! — ressoa em seu ouvido. — Kra-baa-aat!

Krabat acordou sobressaltado. Como fora parar ali, de repente, sentado à mesa com Andrusch, Petar, Merten e todos os outros? Por que estavam com os olhos fixos nele, pálidos e assustados? E por que cada vez que Krabat se voltava para um dos rapazes ele baixava o olhar?

O mestre estava sentado como um morto em seu lugar, recostado, em silêncio, como se espreitasse à distância.

Juro também não se movia. Estava com a parte superior do corpo apoiada na mesa, o rosto para baixo, os braços largados: há poucos instantes asas de águia, asas ruidosas. Perto de Juro, um copo entornado. Na mesa, uma mancha vermelho-escura: vinho ou sangue?

Lobosch lançou-se sobre Juro com um soluço.

— Ele está morto, está morto! — gritou. — Krabat, você o matou!

Krabat sentiu um nó na garganta, arrancou a camisa com as duas mãos.

Então ele viu Juro mover um dos braços, depois o outro. Parecia que, lentamente, a vida voltava a seu corpo. Juro apoiou-se nas mãos, levantou o rosto. Estava com uma mancha vermelha e redonda, de dois dedos de largura, bem na testa.

— Juro! — o pequeno Lobosch bateu-lhe nos ombros. — Você está vivo, Juro! Você está vivo!

— E o que você estava pensando? — disse Juro. — Nós só estávamos representando. Mas minha cabeça ainda está doendo por causa do tiro de Krabat. Da próxima vez, que seja outro a fazer o papel de Jirko. Para mim chega, vou dormir.

Os rapazes riram, aliviados, e Andrusch acabou falando o que todos estavam pensando:

— Vá dormir, irmão, vá! O mais importante é você ter conseguido passar por essa!

Krabat continuava sentado, como que petrificado. O tiro, o grito e, de repente, aquele alegre burburinho: como é que tudo se juntava?

— Chega! — interferiu o mestre. — Chega, eu não suporto confusão, sentem-se e fiquem quietos!

Ele deu um salto, bateu com uma das mãos na mesa e, com a outra, ficou segurando o copo, como se quisesse esmagá-lo.

— O que vocês acabaram de ver — ele gritou — foi apenas um pesadelo, do qual despertamos, e pronto... Eu, porém, não sonhei a história com Jirko, na Hungria: atirei nele! Matei meu amigo, tive de matá-lo... como Krabat também fez, como qualquer um de vocês teria feito em meu lugar, qualquer um!

O mestre bateu com o punho na mesa, fazendo os copos saltarem, agarrou o jarro de vinho e levou-o à boca, bebendo rapidamente, com avidez. Depois jogou o jarro na parede e gritou:

— Agora saiam! Fora daqui, todos vocês! Fora! Quero ficar sozinho... sozinho... sozinho!

Krabat também queria ficar sozinho, esgueirou-se para fora do moinho. Era uma noite sem luar, mas clara e estrelada. O rapaz caminhou pela relva úmida até o açude. Ao olhar para a água escura em que as estrelas se refleti-

am, teve vontade de tomar um banho. Arrancou as roupas, escorregou para dentro do açude e nadou, afastando-se da margem.

A água estava fria. Bem que ele estava precisando esfriar a cabeça, depois do que tinha acontecido naquela noite. Krabat mergulhou uma dúzia de vezes, depois voltou para a margem, espirrando e batendo os dentes.

Lá estava Juro com uma coberta.

— Vai se resfriar, Krabat! Saia já daí, que bobagem é essa?

Ele ajudou Krabat a sair, jogou a coberta por cima do amigo, quis enxugá-lo.

Krabat se desvencilhou.

— Não consigo entender, Juro — disse. — Não consigo entender como fui atirar em você.

— Você não atirou em mim, Krabat, pelo menos não com o botão de ouro.

— Você sabe?

— Eu já esperava. Afinal, eu o conheço — e Juro deu-lhe um tapa nas costas. — Um grito de agonia pode ser horrível de se ouvir, mas não custa nada.

— E a mancha na testa? — perguntou Krabat.

— Ah, a mancha! — disse Juro, rindo. — Não se esqueça de que eu sou um pouquinho versado em ciências ocultas. Isso o Juro bobão ainda consegue fazer.

Um anel de cabelo

Durante o verão, Krabat tinha gozado de seu privilégio algumas vezes, saindo aos domingos, menos para sua satisfação do que para não alimentar ainda mais as suspeitas do mestre. Entretanto, não podia deixar de desconfiar que o moleiro continuava tentando fazê-lo cair numa armadilha.

Desde que atirara em Juro, já se haviam passado três semanas, ao longo das quais o mestre mal trocara algumas palavras com Krabat; então, certa noite ele disse ao rapaz, como se fosse por acaso.

— No próximo domingo você está pretendendo ir a Schwarzkollm, não é?

— Por quê? — perguntou Krabat.

— Porque em Schwarzkollm vai haver uma quermesse, e eu estava pensando que seria um bom motivo para ir até lá.

— Vou pensar — disse Krabat. — Você sabe que eu não gosto de estar no meio de muita gente sem a companhia de algum dos rapazes.

Mais tarde ele perguntou a Juro o que deveria fazer.

— Vá — disse Juro. — O que mais poderia fazer?

— Mas é um risco muito grande — disse Krabat.

— De todo modo, faz parte do jogo — disse Juro. — Além do mais, seria uma boa oportunidade para conversar com a garota.

Krabat ficou surpreso.

— Você sabe que ela é de Schwarzkollm?

— Desde quando ficamos sentados ao lado daquela fogueira de Páscoa. Não foi difícil adivinhar.

— E você a conhece?

— Não — disse Juro. — Nem quero conhecê-la. O que eu não sei, ninguém pode arrancar de mim.

— Mas como vamos conseguir continuar enganando o mestre, se nos encontrarmos? — perguntou Krabat.

— Você sabe como traçar o círculo — respondeu Juro. Ele tirou do bolso o pedacinho de pau e colocou-o na mão de Krabat. — Tome. Encontre-se com sua garota e converse com ela!

No sábado Krabat foi cedo para a cama. Queria ficar sozinho, queria refletir com calma mais uma vez, para decidir se deveria se encontrar com a

garota do coro. Será que já poderia contar tudo para ela?

Nos exercícios noturnos, ultimamente Krabat estava conseguindo opor-se às ordens de Juro com frequência cada vez maior. Às vezes até era Juro quem ficava suando. Mas o companheiro lhe dizia que aquilo não significava grande coisa e que Krabat nunca deveria cometer o erro de subestimar o mestre. No entanto, de modo geral, sua situação não era das piores.

Krabat estava cada vez mais confiante. Afinal, se Pumphutt tinha conseguido vencer o mestre, por que ele não conseguiria? Além do mais, contava com a ajuda de Juro e da moça do coro.

Mas era exatamente essa a dúvida de Krabat: será que podia envolver a moça naquela história? Que direito ele tinha de fazê-lo? Será que sua vida valia o risco de colocar a dela em jogo?

Krabat não conseguia se resolver. De um lado, via-se obrigado a dar razão a Juro: seria uma boa oportunidade para se encontrarem, e sabe-se lá quando apareceria outra. No entanto, havia o outro lado da moeda, a indecisão sobre se deveria ou não contar tudo à moça do coro, uma vez que ele mesmo não tinha certeza de nada.

Então lhe passou pela cabeça:

— E se eu lhe contar o suficiente para que ela saiba do que se trata, mas lhe esconder o dia e a hora da prova...?

Krabat sentiu-se aliviado.

— Assim ela não terá a sensação de que precisa tomar uma decisão imediatamente. Quanto a mim, posso ganhar tempo e esperar pela evolução dos acontecimentos até o último momento, se necessário.

Os companheiros de Krabat sentiram inveja dele quando no domingo, após a refeição, ficaram sabendo que o mestre tinha lhe dado folga pelo resto do dia, para ir à quermesse em Schwarzkollm.

— Quermesse! — gritou Lobosch. — Só de ouvir a palavra já fico imaginando aqueles tabuleiros enormes de bolo e aquelas montanhas de docinhos! Será que dá pelo menos para você trazer um para eu provar?

— É claro — já ia respondendo Krabat. Mas Lyschko interferiu, dizendo a Lobosch que Krabat teria coisa melhor a fazer em Schwarzkollm do que ficar correndo atrás de bolo.

— Não é possível! — retrucou Lobosch. — Não há nada melhor que isso numa quermesse!

E o garoto disse aquilo com tanta firmeza, que todos caíram na gargalhada.

Krabat pediu a Juro que lhe desse um daqueles panos de prato em que eles embrulhavam o lanche quando iam trabalhar na floresta ou na turfeira. Então o dobrou e o colocou debaixo do gorro, e depois disse:

— Espere, Lobosch, para ver o que vai sobrar para você...

Krabat saiu de casa, atravessou Koselbruch e no outro lado da floresta tomou o atalho que levava a Schwarzkollm. No lugar onde tinha encontrado a garota do coro na manhã de Páscoa, ele traçou o círculo mágico e ali se deixou ficar. O sol brilhava, estava um calor agradável para aquela época do ano, ou seja, o tempo ideal para uma quermesse.

Krabat olhou na direção da aldeia. As árvores frutíferas nos jardins já tinham dado frutos, uma dúzia de maçãs esquecidas brilhavam amarelas e vermelhas no meio das folhas já murchas.

À meia-voz ele pronunciou a fórmula, depois voltou todos os seus pensamentos para a garota.

— Estou sentado aqui na grama — ele lhe comunicou — e preciso falar com você. Arranje um tempinho livre, prometo que não vai demorar muito. Ninguém pode perceber aonde você está indo e com quem vai se encontrar. Eu lhe peço e espero que você possa vir.

Krabat sabia que seria preciso esperar por algum tempo. Deitou-se de costas, os braços sob a nuca, novamente pensando no que diria à moça. O céu estava muito aberto, azul-claro, como só fica no outono. Enquanto o rapaz olhava assim para o alto, suas pálpebras começaram a pesar.

Quando acordou, a moça do coro estava sentada na relva, a seu lado. Krabat não conseguia explicar como ela tinha surgido. Estava ali, perto dele, esperando pacientemente. Usava uma saia pregueada domingueira, um lenço de seda todo florido sobre os ombros, o cabelo apanhado numa touca de linho branco.

— Faz tempo que você está aí? — ele perguntou. — Por que não me acordou?

— Porque tenho tempo — ela disse. — E achei que seria melhor você acordar sozinho.

Ele se apoiou no cotovelo direito.

— Faz muito tempo que não nos vemos — começou ele.

— É, faz muito tempo — concordou a moça, mexendo em seu lenço. — Você só esteve comigo algumas vezes em sonho. Caminhávamos sob as árvores, lembra?

Krabat deu um sorriso breve.

— É, sob as árvores — disse ele. — Era verão, fazia calor e você estava com um vestido claro... Lembro como se fosse ontem.

— É, eu também lembro.

A moça balançou a cabeça e voltou o rosto para Krabat.

— O que você queria falar comigo?

— Ah — disse Krabat —, estava quase esquecendo. — Se você quisesse, poderia salvar a minha vida...

— Sua vida? — perguntou ela.

— É — disse Krabat.

— Como?

— Pois já vai ficar sabendo.

Ele lhe contou o perigo que estava correndo e como ela poderia ajudá-lo: descobrindo-o entre os corvos.

— Isso não seria muito difícil... com a sua ajuda — ela disse.

— Difícil ou não — retrucou Krabat —, você deve saber que sua vida também se acabará se não conseguir passar pela prova.

A garota não hesitou nem por um momento.

— Para mim — ela disse —, a sua vida vale a minha. Quando devo me dirigir ao moleiro para pedir que ele o liberte?

— Prefiro ainda não dizer — disse Krabat. — Vou lhe mandar um recado quando chegar a hora, e se for necessário, através de um amigo.

Então Krabat pediu que ela descrevesse a casa onde morava. A moça o fez e perguntou se ele tinha uma faca em mãos.

— Tome — disse Krabat.

O rapaz lhe estendeu a faca de Tonda. A lâmina estava preta, como sempre nos últimos tempos... mas, logo que a garota do coro a segurou na mão, a faca se tornou branca.

A garota soltou a touca, cortou um cacho de seu cabelo, enrolou-o formando um anelzinho, que ela deu para Krabat.

— Vai ser nosso sinal — disse ela. — Se seu amigo me trouxer esse anel, terei certeza de que tudo o que ele disser estará vindo de você.

— Muito obrigado.

Krabat colocou o anel de cabelo no bolso do peito de seu guarda-pó.

— Agora você deve voltar para Schwarzkollm, e eu irei depois — disse ele. — Na quermesse, não podemos demonstrar que nos conhecemos... não se esqueça disso!

— Não nos conhecermos significa não dançarmos um com o outro? — perguntou a moça do coro.

— Na verdade não — disse Krabat. — Só que não pode ser com muita frequência, peço que entenda.

— Sim, eu entendo.

Dizendo isso, a moça se levantou, alisou as pregas da saia e voltou para Schwarzkollm, onde naquele meio tempo os músicos já tinham começado a tocar na quermesse.

Na frente da prefeitura tinham sido colocadas mesas e bancos, formando um quadrado em torno da pista de dança. Quando Krabat chegou, os jovens já rodopiavam animados. Os mais velhos estavam sentados pacatamente em seus lugares, observando os rapazes e as garotas. Os homens fumavam cachimbo por trás das canecas de cerveja, com seus ternos domingueiros marrons e azuis. Eram discretos em comparação com as esposas, que com seus trajes de festa pareciam peruas enfeitadas e, enquanto comiam bolo e bebiam leite com mel, faziam comentários sobre os jovens que dançavam: quem combinava com quem, quem não combinava com ninguém, que este estava para se casar com aquela, que o caso entre o filho caçula do ferreiro e a senhorita não sei das quantas tinha terminado...

Os músicos tocavam perto do muro: quatro barris vazios serviam de apoio para o estrado, formado pelas duas folhas da porta do celeiro colocadas uma sobre a outra, que o alcaide tinha mandado preparar para esse fim. Eles tocavam violinos e clarinetas, sem esquecer do contrabaixo com seu trummm-trummm. E, quando largavam um pouco os instrumentos para se refrescar com cerveja, a que aliás tinham todo o direito, imediatamente gritavam de todos os lados:

— Ei, vocês aí em cima! Vieram aqui para tocar ou para se embebedar?

Krabat juntou-se aos jovens. Dançou com todas as garotas, sem escolher nenhuma em especial, e muito animado, ora com uma, ora com outra.

Também dançou algumas vezes com a moça do coro, do mesmo modo como com as outras, embora fosse muito difícil vê-la dançar com os outros rapazes.

A moça do coro tinha entendido que eles não poderiam se trair. Enquanto dançavam, conversavam sobre o que se costuma conversar nessa situação: só tolices. Apenas seus olhos diziam coisas sérias, mas só Krabat o percebia. E, porque percebia, evitava encontrar seu olhar.

Assim, nem as mulheres dos camponeses desconfiaram de nada; nem mesmo a velha cega do olho esquerdo que Krabat acabara de descobrir.

No entanto, Krabat preferiu não dançar mais com a garota do coro.

Mas também não demorou muito para que a noite caísse. Os camponeses e suas mulheres foram para casa, os rapazes e as garotas dirigiram-se com os músicos para dentro do celeiro e lá ficaram dançando até altas horas.

Krabat ficou de fora. Achou mais prudente ir para casa, voltar para Koselbruch. Com certeza a garota do coro o entenderia se ele a deixasse sozinha.

Levantou um pouco o gorro para se despedir. Então sentiu na cabeça uma coisa quente e macia.

— Lobosch! — ele lembrou.

Krabat amarrou as pontas do pano de prato, formando uma trouxinha, que ele encheu com bolos e docinhos que tinham sobrado sobre as mesas abandonadas.

A oferta

Krabat tinha a impressão de que, quanto mais se aproximava o inverno, mais devagar passava o tempo. De meados de novembro em diante, havia dias em que ele tinha a sensação de que o tempo simplesmente havia parado.

Às vezes, quando não havia ninguém por perto, ele se certificava de que o anel de cabelo que a moça do coro lhe dera ainda estava onde o tinha guardado. Assim que mexia no bolso do peito do guarda-pó, uma grande confiança o invadia.

— Tudo vai dar certo — dizia-se então. — Tudo vai dar certo.

Ultimamente, eram raras as noites que o mestre passava fora. Estaria desconfiando que o perigo o rondava, que alguma coisa estava sendo tramada pelas suas costas e que precisava se proteger?

Krabat e Juro usavam aquelas poucas noites para prosseguir com os exercícios, incansavelmente. Krabat conseguia opor-se a Juro com frequência cada vez maior.

Quando mais uma vez os dois se encontraram frente a frente à mesa da cozinha, Krabat tirou o anel de cabelo de dentro do bolso. Sem pensar muito, enfiou-o no mindinho da mão esquerda. Na ordem seguinte dada por Juro, Krabat fez imediatamente o contrário, com enorme rapidez e sem nenhum esforço, de tal maneira que ele ficou espantado.

— Ei! — disse Juro. — Foi como se de repente sua força tivesse se duplicado. Como você explica isso?

— Não sei — retrucou Krabat. — Será que foi coincidência?

— Vamos refletir! — e Juro olhou para ele atentamente. — Alguma coisa deve tê-lo ajudado a adquirir essa força inesperada.

— Mas o quê? — refletiu Krabat. — Não é possível que tenha sido o anel...

— Que anel? — perguntou Juro.

— Este anel de cabelo. A garota o deu para mim, no domingo da quermesse. Desde então eu o trago escondido no bolso. Mas o que teria o anel a ver com minhas forças?

— Não se precipite! — retrucou Juro. — Vamos fazer um teste para verificar.

Eles testaram o anel e logo ficou comprovado, sem deixar dúvidas. Quando Krabat o colocava no dedo, conseguia contrapor-se a Juro como se fosse brincadeira. Quando o tirava, tudo acontecia como antes.

— Está mais do que claro — disse Juro. — Com a ajuda deste anel você vai conseguir vencer o mestre de qualquer jeito.

— Mas como é que isso acontece? — perguntou Krabat. — Você acha, então, que a garota também entende de magia?

— De um jeito diferente do nosso — disse Juro. — Existe um tipo de magia que se aprende à custa de muito esforço: é o que se encontra no Koraktor, linha por linha, fórmula por fórmula. E existe um outro que vem do fundo do coração, que brota da preocupação com alguém a quem se ama. Sei que é difícil de entender, mas pode acreditar, Krabat.

Na manhã seguinte, quando Hanzo acordou os rapazes para irem à fonte, eles viram que tinha nevado durante a noite. O mundo tornara-se branco e, diante daquela visão, mais uma vez uma grande inquietação tomou conta de todos.

Krabat já sabia de tudo. Só uma pessoa no moinho não conseguia entender: Lobosch, que durante sua permanência naquele lugar tinha crescido só um pouco, embora tivesse se transformado de um garotinho de quatorze anos num rapaz de quase dezessete.

Certa manhã, Lobosch atirou uma bola de neve em Andrusch, por pura brincadeira, e Andrusch tentou esganá-lo, o que só não aconteceu porque Krabat interferiu. Espantado com aquela reação, Lobosch quis saber o que, afinal, estava acontecendo com seus companheiros.

— É medo — disse Krabat, dando de ombros.

— Medo? — perguntou Lobosch. — Do quê?

— Fique feliz por não saber — disse Krabat, fugindo do assunto. — No momento certo, você vai acabar descobrindo.

— E você? — quis saber Lobosch. — Não está com medo, Krabat?

— Mais do que você imagina — disse Krabat. — E não só por minha causa.

Na semana antes do Natal, mais uma vez o padrinho passou por Koselbruch. Os rapazes saíram correndo para descarregar os sacos. O estranho não ficou sentado na boleia, como de costume. Naquela noite de lua nova ele desceu da carroça e, coxeando, entrou na casa com o mestre. Todos vi-

am a pena de galo balançar por trás da vidraça, como se a sala estivesse pegando fogo.

Hanzo mandou que se apressassem. Em silêncio, os rapazes descarregaram a mercadoria e a levaram para a casa de moagem. Passaram-na pelo ponto morto, esperaram os sacos vazios se encherem de farinha e tornaram a carregar a carroça.

Ao amanhecer, o estranho voltou sozinho para a carroça e subiu na boleia. Antes de partir, voltou-se para os rapazes.

— Quem é Krabat?

Carvão em brasa e gelo ao mesmo tempo.

— Eu — disse Krabat, sentindo um nó na garganta.

O sujeito observou-o e balançou a cabeça.

— Certo — ele estalou o chicote e a carroça partiu aos solavancos.

O mestre ficou enfurnado na câmara escura durante três dias e três noites. Na noite do quarto dia, uma noite antes do Natal, ele mandou chamar Krabat.

— Preciso falar com você — começou. — Imagino que isso não o surpreenda. Você tem toda a liberdade para decidir se está comigo ou contra mim.

Krabat tentou fingir que não estava entendendo.

— Não sei do que está falando.

O mestre não lhe deu crédito.

— Não se esqueça de que eu o conheço melhor do que imagina. Alguns já tentaram se opor a mim no decorrer desses anos: Tonda, por exemplo, e Michal, para não falar dos outros. Tolos, sonhadores! Quanto a você, Krabat, achei que fosse mais esperto. Quer ser meu sucessor aqui no moinho? Você teria condições para isso!

— Está indo embora? — perguntou Krabat.

— Estou cansado disso tudo — o mestre afrouxou o colarinho. — Não vejo a hora de me tornar um homem livre. Daqui a dois ou três anos você poderia me substituir e continuar com a escola. Se concordar, tudo o que eu deixar para trás lhe pertencerá, inclusive o Koraktor.

— E você? — perguntou Krabat.

— Vou me dedicar à corte. Como ministro de estado, comandante ou chanceler da Coroa da Polônia, talvez... o que me der vontade. Os homens me temerão, as mulheres brigarão por mim, pois serei rico e influente. To-

das as portas estarão abertas para mim, as pessoas solicitarão meus conselhos, minha interferência. Tirarei do meu caminho quem ousar me atrapalhar, pois afinal entendo de magia e saberei aproveitar meu poder. Pode acreditar, Krabat!

O moleiro se inflamava, seus olhos estavam vermelhos, o sangue lhe subira ao rosto.

— E você — ele continuou, acalmando-se — poderá fazer o mesmo. Depois de doze ou quinze anos como mestre aqui no moinho de Koselbruch, poderá escolher um dos rapazes para ser seu sucessor e lhe passar tudo. Então estará livre para uma vida de fausto e poder.

Krabat fazia um esforço enorme para manter a cabeça fria. Obrigava-se a pensar em Tonda e Michal. Tinha jurado vingá-los... a eles e aos outros que se encontravam no Campo Deserto, sem esquecer Worschula e Merten, que continuava vivo, com seu pescoço torto. Afinal, que vida era aquela?

— Tonda está morto — respondeu ele ao mestre —, e Michal também. Quem me garante que não serei o próximo?

— Isso eu lhe prometo — e o mestre lhe estendeu a mão esquerda. — Dou-lhe minha palavra, e também a do padrinho, que me autorizou expressamente a ter esta conversa.

Krabat não bateu na mão que ele lhe oferecia.

— E, se não acontecer comigo — perguntou ele —, acontecerá com outro?

O mestre fez um gesto com a mão, como se quisesse limpar alguma coisa da mesa.

— Com alguém sempre acontece — explicou ele. — Podemos decidir juntos quem será o próximo. Podemos escolher alguém que não faça falta... Lyschko, por exemplo.

— Eu não o suporto — disse Krabat. — No entanto ele também é meu companheiro, e não quero ser responsável por sua morte, nem cúmplice dela, o que, aliás, não faz muita diferença. Não vai conseguir isso de mim, moleiro de Koselbruch!

Enojado, Krabat deu um salto e gritou:

— Pode escolher para seu sucessor quem você quiser! Não vou participar disso, quero ir embora!

O mestre manteve a calma.

— Você só vai se eu deixar. Sente-se e ouça-me até o fim.

Não foi fácil para Krabat resistir à tentação de medir forças com o mestre naquele momento. No entanto, ele obedeceu.

— Sou capaz de entender que minha proposta o tenha perturbado. Por isso vou lhe dar um tempo para refletir a respeito dela.

— Para quê? — perguntou Krabat. — Vou continuar recusando.

— Pena — o mestre ficou olhando para Krabat, balançando a cabeça em sinal de desaprovação. — Se não aceitar minha proposta, terá de morrer. Você sabe que há um caixão pronto no barracão.

— Para quem? — disse Krabat. — Isso ainda vamos ver.

A expressão do mestre continuou inalterada.

— Você sabe quais seriam as consequências se ocorresse o que têm em mente?

— Sei — disse Krabat. — Depois eu não seria mais capaz de fazer magia.

— E então? — perguntou-lhe o mestre. — Estaria disposto a assumir isso?

Ele pareceu refletir por um instante, depois recostou-se na poltrona e disse:

— Muito bem... vou lhe dar um prazo de oito dias. Nesse tempo você terá oportunidade de verificar como é a vida quando não se é capaz de lançar mão de magia. Eu me incumbirei disso. A partir de agora, você terá esquecido tudo. Daqui a uma semana, um dia antes da véspera de Ano Novo, vou lhe perguntar pela última vez se quer ser meu sucessor. Vamos ver, então, se você irá continuar insistindo em sua resposta.

Entre os anos

Foi uma semana dura para Krabat. Era como se ele tivesse voltado ao seu início no moinho. Cada saco de vinte quilos pesava realmente vinte quilos. E ele tinha de carregar um por um, do depósito para a casa de moagem, da casa de moagem para o depósito. Desde que não era mais capaz de fazer magias, Krabat não era poupado de nada: de nenhuma gota de suor, de nenhum calo.

À noite, o rapaz caía exausto em seu enxergão. Não conseguia dormir, ficava horas acordado. Para quem conhece magia, basta fechar os olhos e pronunciar uma fórmula, para dormir profundamente e pelo tempo que quiser.

— Talvez a capacidade de adormecer seja a que vai me fazer mais falta — pensava Krabat.

Quando ele finalmente caía no sono, depois de uma longa vigília, era tomado por pesadelos que o importunavam: com certeza não vinham por acaso. Ele era capaz de adivinhar quem os fazia sonhá-los.

Krabat, com roupas rasgadas, se atormenta puxando uma carroça cheia de pedras, fazendo um esforço enorme, sob um sol escaldante. Tem sede, sua garganta está seca. Não se vê um poço sequer e nem uma árvore que possa lhe oferecer uma sombra.

Maldita carroça!

Krabat precisa levá-la para Ocbsenblaschke até Kamenz, em troca de um parco salário. Mas é preciso fazer alguma coisa para viver. Ele sofreu um acidente, em Gerbisdorf e perdeu o braço direito até a altura do cotovelo, numa máquina de moagem. Desde então, Krabat tem de se contentar com qualquer trabalho que alguém como Ocbsenblaschke lhe ofereça.

Assim ele vai puxando a carroça cheia de pedras, e ouve seus pensamentos. Com a voz rouca do mestre, ouve-se pensar: — Que tal a vida como aleijado, Krabat? Teria sido muito mais fácil e melhor para você se tivesse aceito quando lhe ofereci para ser meu sucessor em Koselbruch! Se tivesse de escolher hoje, você recusaria de novo?

Noite após noite, Krabat sonhava com o destino que o esperava. Via-se velho e doente, ou numa prisão sem ter culpa de nada, ou forçado a ir para o

exército, ou ferido de morte num campo de cereais vendo as hastes se tingirem do vermelho do sangue que jorrava de seu ferimento. No fim desses sonhos, ele sempre ouvia a voz do mestre perguntando:

— Você recusaria de novo, Krabat, se eu lhe oferecesse para ser meu sucessor no moinho de Koselbruch?

Só uma vez a imagem do mestre lhe apareceu em sonho. Aconteceu na última noite do prazo que ele lhe dera.

Por causa de Juro, Krabat transformara-se em cavalo. O mestre, vestido de nobre polonês, comprara-o por cem ducados no mercado de Wittichenau, junto com o arreio e o cabresto: agora Krabat está transformado em cavalo.

Sem piedade, o mestre o faz correr pelos prados, subindo e descendo morros, passando por sebes e açudes, através de espinheiros e pântanos.

— Lembre-se de que eu sou o mestre!

Às *cegas, o mestre estala o chicote, golpeia-lhe a carne com as esporas. O sangue escorre por seus flancos, ele sente-se queimar por dentro das coxas.*

— Vou lhe mostrar uma coisa!

Galope para a esquerda, galope para a direita, e depois direto para a próxima aldeia.

Um puxão nas rédeas, eles param na frente de um ferreiro.

— Ei, mestre ferreiro... onde você se meteu, com mil diabos!

O ferreiro vem correndo, limpa as mãos no avental, pergunta o que o cavalheiro deseja. O mestre salta da sela.

— Ferre o cavalo — diz ele —, com ferraduras incandescentes.

O ferreiro acha que não ouviu direito.

— Com... ferraduras incandescentes, senhor?

— Quer que eu repita? Será que vou ser obrigado a apressá-lo?

— Barto! — o ferreiro chama seu aprendiz. — Pegue as rédeas e cuide do cavalo do cavalheiro!

O aprendiz de ferreiro, um garoto sardento, poderia ser irmão de Lobosch.

— Use as ferraduras mais pesadas que houver — exige o moleiro. — Mostre-me antes as que tem!

O ferreiro leva-o até a oficina, enquanto o jovem segura o cavalo e fala com ele em dialeto sorábio:

— Calma, cavalinho, calma... você está tremendo.

Krabat esfrega a cabeça no ombro do garoto.

— Se eu estivesse sem o cabresto — ele pensa —, poderia tentar me salvar...

O *garoto percebe que o cavalo está ferido, a correia esfolou sua orelha esquerda.*

— Espere um pouco — ele diz —, vou ter de afrouxar um pouco essa fivela. Eu resolvo isso num instante.

Ele afrouxa a fivela, depois tira o cabresto do cavalo.

Assim que se vê livre do cabresto, Krabat se transforma em corvo. Grasnando, ele alça voo e toma o rumo de Schwarzkollm.

Na aldeia o sol está brilhando. Lá embaixo ele vê a moça do coro, que se encontra perto da fonte, com um cesto nas mãos, alimentando as galinhas. Então uma sombra o encobre, o grito de um açor trespassa seus ouvidos.

— O mestre! — Krabat estremece.

Veloz como uma flecha, com as asas fechadas, ele mergulha na fonte e toma a forma de um peixe. Será que está salvo? Tarde demais ele percebe que está preso, que não tem mais saída.

— Moça do coro! — ele pensa, com toda a força de que é capaz. — Ajude-me a sair daqui!

A garota enfia a mão na fonte e Krabat transforma-se num minúsculo anel de ouro em seu dedo: e assim ele volta para o mundo de fora.

Ao lado da fonte, encontra-se, como que caído do céu, um nobre vestido de polonês. Ele é caolho, está usando uma calça de montaria vermelha adornada com cordões prateados e galões pretos.

— A senhorita poderia me dizer como conseguiu esse lindo anel? Gostaria de vê-lo de perto...

Ele estende a mão na direção do anel e quase o alcança.

Krabat transforma-se num grão de cevada. Escorrega da mão da moça, cai no cesto. Ao lançar os últimos grãos, a jovem o joga para as galinhas.

O homem de calça vermelha desapareceu de repente. Um galo estranho, preto como piche, com um olho só, está comendo os grãos. Mas Krabat age mais depressa que ele: transforma-se em raposa. Rápido como um raio, ele se lança sobre o galo preto e lhe morde o pescoço.

Seus dentes rangem como se estivessem mordendo palha.

Quando Krabat acordou, estava molhado de suor. Tinha mordido seu enxergão, estava ofegante, demorou um pouco para se acalmar.

Interpretou como um bom presságio sua vitória sobre o mestre no sonho. Daquele momento em diante, sentiu-se totalmente seguro. Agora tinha certeza de que os dias do mestre estavam contados. Ele, Krabat, colocaria um fim nas atividades do mestre. Estava destinado a acabar com seu poder.

À noite Krabat foi até a sala do mestre.

— Tudo fica como antes! — ele gritou. — Pode tornar seu sucessor quem você bem entender. Eu, Krabat, recuso-me a aceitar sua oferta.

O mestre ouviu seu discurso sem se alterar.

— Vá até o barracão — disse ele — e pegue a pá e a enxada. Em Koselbruch há um túmulo a ser cavado. Será seu último trabalho.

Sem retrucar, Krabat voltou-se e saiu da sala. Quando estava chegando ao barracão, um vulto saiu das sombras.

— Estava esperando por você, Krabat. Devo ir avisar a garota?

Krabat tirou o anel de cabelo de seu bolso.

— Diga-lhe que estou mandando o recado através de você — ele pediu a Juro. — Ela deve se encontrar com o mestre amanhã, na última noite do ano, e pedir pela minha liberdade, conforme havíamos combinado.

Krabat descreveu a casa onde a garota do coro morava.

— Quando você mostrar o anel de cabelo — o rapaz continuou —, a garota saberá que você está me representando. Não se esqueça de deixar claro que ela está livre para decidir se quer vir a Koselbruch ou não. Se vier, ótimo. Se não vier, também estará bem, pois então já não me importará o que possa me acontecer.

Krabat deu o anel a Juro e o abraçou.

— Promete fazer tudo direitinho? E promete que não irá tentar convencer a moça a fazer o que ela não quiser?

— Prometo — disse Juro.

Um corvo carregando no bico um anel de cabelo levantou voo para Schwarzkollm. Krabat dirigiu-se ao barracão. Será que havia um caixão ali no canto? Ele pôs a pá e a enxada no ombro e seguiu pela neve através de Koselbruch, até chegar ao Campo Deserto.

Num certo lugar, um quadrado escuro se destacava no meio da paisagem branca de neve. Estaria destinado a ele? Ou seria o túmulo do mestre?

— Amanhã a esta hora — pensou Krabat, começando a cavar — tudo estará decidido.

No dia seguinte, depois do café, Juro puxou o amigo de lado e lhe devolveu o anel. Tinha conversado com a garota e tudo estava resolvido.

De tardezinha, quando já estava quase escurecendo, a garota do coro chegou ao moinho, vestindo sua roupa de festa de Páscoa e trazendo a fita branca no cabelo. Hanzo a recebeu e perguntou o que queria. Ela pediu para falar com o moleiro.

— O moleiro sou eu.

Empurrando os rapazes para o lado, o mestre apareceu, com seu casaco preto e seu chapéu de ponta, com o rosto pálido, como se fosse pintado com cal.

— O que você quer?

A moça olhou para ele sem nenhum medo.

— Liberte o meu namorado! — disse ela.

— Seu namorado? — o moleiro riu. Sua risada parecia um balido malvado, uma gargalhada de bode. — Não sei quem ele é.

— É Krabat — disse a moça. — É quem eu amo.

— Krabat? — o mestre tentou intimidá-la. — Será que você o conhece mesmo? É capaz de encontrá-lo no meio dos rapazes?

— Eu o conheço — disse ela.

— Qualquer um pode dizer isso!

O mestre voltou-se para os jovens.

— Dirijam-se à câmara escura, perfilem-se um ao lado do outro e não se movam!

Krabat aguardava o momento em que seriam transformados em corvos. Ele estava entre Andrusch e Staschko.

— Permaneçam em seus lugares, e não quero ouvir um pio de ninguém! Nem de você, Krabat! Ao menor barulhinho que eu ouvir de você, ela morrerá!

O mestre tirou do bolso do casaco um lenço preto, vendou com ele os olhos da garota e depois conduziu-a para dentro da sala.

— Se puder me mostrar quem é seu namorado, poderá levá-lo.

Krabat assustou-se, pois não contava com que os olhos da garota fossem vendados. Como poderia ajudá-la? Naquelas condições, nem o anel de cabelo adiantaria para nada!

A moça do coro percorreu a fila dos rapazes uma vez, duas vezes. Krabat mal conseguia se manter de pé. Sentia que sua vida estava em perigo. E a vida da moça também!

Foi tomado pelo medo, um medo como jamais sentira antes.

— Sou culpado de sua morte — passava-lhe pela cabeça. — A culpa é minha...

E então aconteceu.

A garota do coro, depois de percorrer três vezes a fila formada pelos rapazes, estendeu a mão e apontou para Krabat.

— É este — disse ela.

— Tem certeza?

— Tenho.

Estava decidido.

Ela tirou o lenço dos olhos e foi ao encontro de Krabat.

— Você está livre.

O mestre cambaleou até a parede. Os rapazes continuaram em seus lugares, congelados.

— Peguem suas coisas no sótão e vão para Schwarzkollm! — disse Juro. — Vocês poderão passar a noite na prefeitura, no celeiro.

Então os serventes do moinho saíram da câmara.

Todos sabiam que o mestre não viveria para ver o novo ano. À meia-noite ele deveria morrer, e depois o moinho seria destruído pelas chamas.

Merten, com seu pescoço torto, apertou a mão de Krabat.

— Michal e Tonda estão vingados, e os outros também.

Krabat não conseguia pronunciar uma palavra, estava como que petrificado. Então a moça do coro pôs o braço em torno de seus ombros e o envolveu com seu xale de lã, macio e quente, um manto protetor.

— Vamos, Krabat.

Ele deixou-se levar para fora do moinho. Através de Koselbruch, a moça o conduziu até Schwarzkollm.

Quando já estavam avistando as luzes da aldeia piscando entre as árvores, uma aqui, outra ali, Krabat perguntou:

— Como foi que você me reconheceu entre meus companheiros?

— Senti que você estava com medo — disse ela. — E estava com medo por mim: isso me fez reconhecê-lo.

Enquanto passavam pelas casas, começou a nevar de leve e em flocos finos, como se fosse farinha caindo de uma grande peneira.